

The cover features a detailed illustration of Elric of Melniboné. He is depicted from the chest up, wearing a black, ornate tunic with red gemstones. He has long, flowing white hair and a pale, somewhat gaunt face. He is holding a black, curved sword with a purple and yellow blade. The background is dark and textured, with some orange and red particles floating around. The title 'ELRIC DE MELNIBONÉ' is written in a large, white, serif font at the top. Below it, the subtitle 'A TRAIÇÃO AO IMPERADOR' and 'LIVRO UM' are written in a smaller, white, serif font. At the bottom, the author's name 'MICHAEL MOORCOCK' is written in a large, white, serif font. The publisher's logo, a stylized eye, and the name 'generale' are at the very bottom.

# ELRIC DE MELNIBONÉ

A TRAIÇÃO AO IMPERADOR

LIVRO UM

MICHAEL MOORCOCK



generale

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

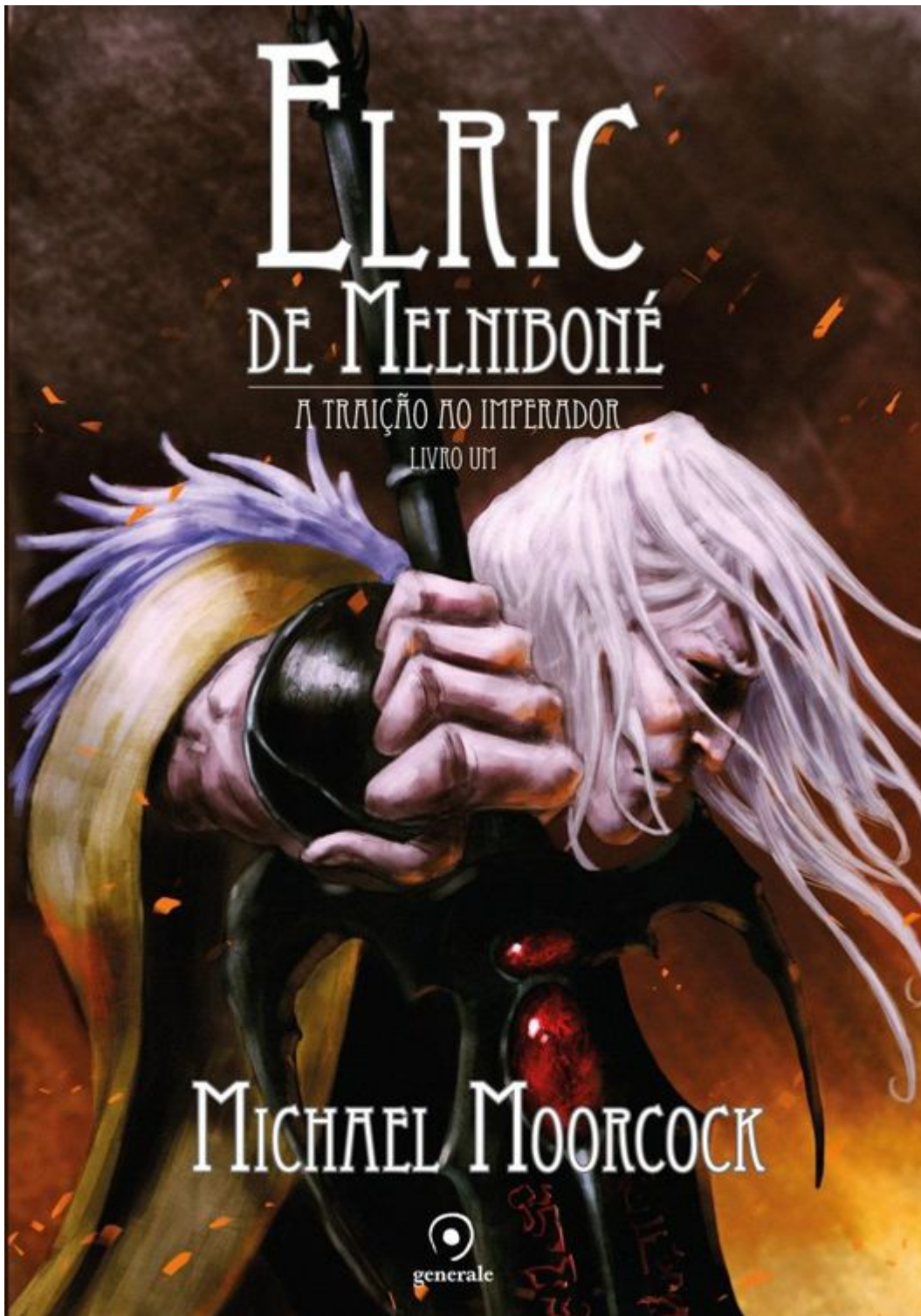
***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# ELRIC DE MELNIBONÉ

A TRAIÇÃO AO IMPERADOR  
LIVRO UM

MICHAEL MOORCOCK

  
generale



# ÉLRIC

DE MELNIBONÉ

# ELRIC DE MELNIBONÉ

A TRAIÇÃO AO IMPERADOR  
LIVRO UM

MICHAEL MOORCOCK



**Presidente**  
Henrique José Branco Brazão Farinha  
**Publisher**  
Eduardo Viegas Meirelles Villela  
**Editora**  
Cláudia Elissa Rondelli Ramos  
**Tradução**  
Dario Chaves  
**Preparação de texto**  
Gabriele Fernandes  
**Revisão**  
Renata da Silva Xavier  
Hamilton Fernandes  
**Projeto gráfico de miolo e editoração**  
Daniele Gama  
**Ilustração de capa**  
Ricardo Troula  
**Impressão**  
RR Donelley

Copyright © 1972 *by* Michael Moorcock  
Copyright © 2015 *by* Editora Évora

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser traduzida ou transmitida em nenhuma forma ou meio eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenagem e recuperação sem permissão por escrito da editora.  
Rua Sergipe, 401 – Cj. 1.310 –  
Consolação  
São Paulo – SP – CEP 01243-906  
Telefone: (11) 3562-7814/3562-7815  
Site: <http://www.editoraevora.com.br>  
E-mail: [contato@editoraevora.com.br](mailto:contato@editoraevora.com.br)

M812e

Moorcock, Michael, 1939-

[Elric of Melniboné. Português]

Elric de Melniboné : a traição ao imperador, livro um / Michael

Moorcock ; [tradução:] Dario Chaves. – São Paulo : Évora, 2014.

344 p. ; 16x23 cm.

Tradução de : Elric of Melniboné.

ISBN 978-85-63993-96-0

1. Ficção inglesa. I. Chaves, Dario. II. Título.

CDD – 823

# PRÓLOGO

Esta é a história de Elric, antes de passar a ser chamado de Assassino de Mulheres e antes do colapso final de Melniboné. É a história de sua rivalidade com seu primo Yyrkoon e do amor por sua prima Cymoril, antes que a rivalidade e o amor levassem Imrryr, a Cidade dos Sonhos, a se despedaçar em chamas, pilhada pelos saqueadores dos Reinos Jovens. Esta é a história das duas espadas negras: Stormbringer e Mournblade. De como elas foram descobertas e que papel tiveram no destino de Elric e de Melniboné – um destino que daria forma a um destino ainda maior: o do próprio mundo. Esta é a história de quando Elric era um rei, o comandante dos dragões, das frotas e de todo o povo daquela raça semi-humana que havia governado o mundo por dez mil anos.

Esta é uma história de tragédia, a história de Melniboné, a Ilha do Dragão. Uma história de emoções monstruosas e ambições elevadas. Uma história de feitiçarias e traições e ideais dignos, de agonias e prazeres terríveis, de um amor amargo e um ódio doce. É a história de Elric de Melniboné. Muito dessa história o próprio Elric viria a lembrar apenas em seus pesadelos.

# UM

Na ilha reino de Melniboné, todos os rituais antigos ainda são observados – embora o poderio da nação tenha se dissipado ao longo de cinco séculos e seu modo atual de vida seja mantido apenas pelo comércio com os Reinos Jovens, e pelo fato da cidade de Imrryr ter se tornado o ponto de encontro de mercadores. Esses rituais não são mais úteis? Podem eles ser rejeitados e o destino evitado? Alguém que fosse governar no lugar do Imperador Elric preferiria pensar que não. Diria que Elric trará destruição a Melniboné por causa de sua recusa em honrar todos os rituais (Elric honra muitos deles). E agora tem início a tragédia que irá se encerrar daqui a muitos anos e precipitar a destruição deste mundo.



# Capítulo 1

## Um rei melancólico: uma corte se empenha em honrá-lo



Sua pele tem a cor de um crânio esbranquiçado; e o longo cabelo que escorre abaixo dos ombros é branco como leite. Da cabeça afilada, dois olhos oblíquos observam, rubros e taciturnos, e das mangas largas de seu manto amarelo emergem duas mãos esguias, também da cor de ossos, descansando cada uma em um braço de uma cadeira esculpida em um único e enorme rubi.

Olhos vermelhos transtornados, por vezes uma mão se ergue para tocar o elmo que repousa sobre as mechas de cabelos brancos: um elmo feito de algum metal sombrio esverdeado e delicadamente moldado à semelhança de um dragão prestes a levantar voo. E na mão que acaricia distraidamente a coroa há um anel em que está fixada uma única e rara pedra Actorios, cujo núcleo, por vezes, se desloca preguiçosamente e se remodela, como se fosse uma fumaça sentiente, tão inquieta em sua preciosa prisão quanto o jovem albino em seu Trono Rubi.

Ele olha para o longo lance de degraus de quartzo que leva até onde sua corte se diverte, dançando com tal delicadeza e silenciosa graciosidade que poderia ser uma reunião de fantasmas. Mentalmente ele discute questões morais e esta atividade, por si própria, o separa da grande maioria dos seus súditos, pois esses seres não são humanos.

Esse é o povo de Melniboné, a Ilha do Dragão, que governou o mundo por dez mil anos e deixou de governá-lo há menos de quinhentos anos. Um povo cruel e engenhoso para quem a "moralidade" significa pouco mais que um respeito apropriado pelas tradições de uma centena de séculos.

Para o jovem homem, 428º na linha direta de descendência do primeiro Imperador Feiticeiro de Melniboné, suas pretensões parecem ser não apenas arrogantes, mas também tolas. É evidente que a Ilha do Dragão perdeu a maior parte de seu poder e em breve estará ameaçada, em um século ou dois, por um conflito direto com as nações humanas emergentes que eles chamam, de modo um tanto condescendente, de Reinos Jovens. Frotas piratas já fizeram ataques malsucedidos a Imrryr, a Majestosa, à Cidade dos Sonhos, capital da Ilha do Dragão de Melniboné.

Até mesmo os amigos mais próximos do imperador se recusam a discutir a probabilidade da queda de Melniboné. Eles não ficam nada satisfeitos quando ele menciona essa ideia, considerando suas observações não apenas inimagináveis, mas também uma violação singular do bom gosto.

Assim, solitário, o imperador medita. Ele lamenta que seu pai, Sadric, o Octagésimo Sexto, não tenha gerado mais filhos, pois assim um monarca mais conveniente poderia estar disponível para tomar seu lugar no Trono Rubi. Sadric morreu há um ano. Pareceu murmurar de alegria ao receber aquele que veio clamar por sua alma. Em toda a sua vida, Sadric jamais conhecera outra mulher além de sua esposa, que havia morrido dando à luz seu único e frágil descendente. Com emoções melniboneanas (estranhamente diferentes daquelas dos jovens humanos), Sadric amou sua esposa e foi incapaz de encontrar prazer em outra companhia, mesmo na do filho que a havia matado e era tudo que havia restado dela. Além de poções mágicas e cânticos rúnicos, seu filho foi alimentado com ervas raras. Sua força foi mantida artificialmente por cada arte

conhecida pelos Reis Feiticeiros de Melniboné. E ele viveu – ainda vive – graças apenas à feitiçaria, pois seu estado natural é de total abatimento. Sem tais artifícios, ele mal seria capaz de levantar sua mão durante a maior parte de um dia normal.

Se o jovem imperador descobriu alguma vantagem em sua perpétua fraqueza, deve ser que, forçosamente, ele se tornou um leitor assíduo. Antes de completar 15 anos, já havia lido todos os livros na biblioteca de seu pai, alguns mais de uma vez. Seus poderes das artes ocultas, aprendidas inicialmente com Sadric, são agora maiores dos que os de seus ancestrais de muitas gerações passadas. Seu conhecimento do mundo além das praias de Melniboné é profundo, apesar de ele ainda não ter tido uma experiência a respeito disso. Se ele desejasse, poderia ressuscitar o antigo poder da Ilha do Dragão e governar tanto sua própria terra quanto os Reinos Jovens como um invulnerável tirano. Mas suas leituras também o ensinaram a questionar o modo como tal poder é empregado, questionar seus motivos, questionar se tal poder deveria de fato ser utilizado, qualquer que fosse a razão. Suas leituras o haviam levado a esta “moralidade”, a qual ainda ele mal compreende. Assim, para seus súditos, ele é um enigma. E para alguns, uma ameaça. Pois ele nem pensa e nem age de acordo com a concepção de como um verdadeiro melniboneano (ou um imperador melniboneano) devia pensar e agir. Seu primo Yyrkoon, por exemplo, mais de uma vez se manifestou com sólidas dúvidas referentes ao direito do imperador de governar o povo de Melniboné. “Este débil estudante trará desgraça para todos nós”, disse ele uma noite para Dyvim Tvar, Senhor das Cavernas dos Dragões.

Dyvim Tvar, que é um dos poucos amigos do imperador, reportou com precisão a conversa, mas o jovem a considerou apenas uma “traição trivial”, a qual qualquer um de seus ancestrais teria recompensado com uma lenta e primorosa execução pública.

A atitude do imperador se complica ainda mais devido ao fato de que Yyrkoon, que está agora mesmo segredando seus sentimentos de que ele é quem deveria ser o imperador, é o irmão de Cymoril, uma moça a qual o albino considera sua amiga mais íntima, e que um dia se tornará sua princesa.



No chão de mosaico da corte, o Príncipe Yyrkoon pode ser visto em suas mais belas sedas e peles, joias e brocados, dançando com uma centena de mulheres, as quais dizem terem sido suas amantes em um momento ou outro. Suas feições sombrias, ao mesmo tempo belas e tristes, são emolduradas por longos cabelos negros, ondulados e oleosos, e sua expressão, como sempre, é sarcástica, enquanto seu porte é arrogante. O manto pesado e brocado gira para um lado e para o outro, atingindo outros dançarinos com alguma força. Ele o veste quase como se fosse uma armadura ou, talvez, uma arma. Muitos dos cortesãos têm mais do que respeito pelo Príncipe Yyrkoon, enquanto outros se ofendem com sua arrogância, mas se calam, pois Yyrkoon é conhecido por ser um grande feiticeiro. Seu comportamento é o que a corte espera de um nobre de Melniboné. É inclusive o comportamento que gostariam de ver em seu imperador.

O imperador sabe disso. Gostaria de agradar à sua corte, uma vez que ela se esforça para homenageá-lo com sua dança e alegria, mas ele não pode se deixar tomar parte do que considera, particularmente, uma sequência cansativa e irritante de posturas ritualísticas. Nisso, talvez, ele seja um pouco mais arrogante do que Yyrkoon que, pelo menos, é um grosseiro convencional.

Das galerias, a música fica mais alta e mais complexa quando os escravos – especialmente treinados e cirurgicamente modificados de modo a cantar apenas uma nota perfeita por vez – são estimulados

a esforços mais apaixonados. Mesmo o jovem imperador é movido pela harmonia sinistra daquela canção que em alguns aspectos não se assemelha a nada anteriormente emitido pela voz humana. “Por que sua dor deve produzir uma beleza tão admirável?”, ele se pergunta. Ou será que toda beleza é criada através da dor? É esse o segredo da grande arte, tanto melniboneana quanto a humana?

O Imperador Elric fecha seus olhos.

Há um rebuliço no corredor abaixo. Os portões se abrem e os cortesãos cessam sua dança, recuando e se curvando enquanto soldados entram. Os soldados estão vestidos todos de azul claro, seus elmos ornamentais são moldados em formas fantásticas. Suas lanças compridas e de lâmina larga decoradas com fitas e joias. Eles estão em volta de uma jovem cujo vestido azul combina com seus uniformes e cujos braços nus estão envolvidos por cinco ou seis braceletes de diamante, safira e ouro. Cordões de diamante e safira estão enrolados em seu cabelo. Ao contrário da maioria das mulheres da corte, seu rosto não tem desenhos pintados nas pálpebras ou nas maçãs do rosto. Elric sorri. Esta é Cymoril. Os soldados são sua guarda cerimonial pessoal, que, segundo a tradição, deve escoltá-la até o palácio. Eles sobem os degraus que levam ao Trono Rubi. Lentamente, Elric se levanta e estende suas mãos.

– Cymoril, pensei que você tinha decidido não honrar a corte com sua presença esta noite.

Ela devolve o sorriso.

– Meu imperador, concluí que estava disposta a conversar, afinal.

Elric está grato. Ela sabe que ele está enfasiado e sabe, também, que ela é uma das poucas pessoas em Melniboné cuja conversa interessa a ele. Se o protocolo permitisse, ele ofereceria o trono a ela, mas da forma como as coisas são, ela deve se sentar no degrau mais alto a seus pés.

– Por favor, sente-se, doce Cymoril. – Ele reassume sua posição no trono e se inclina para frente, enquanto ela se senta e olha em seus olhos com uma expressão que mistura graça e ternura. Ela fala baixinho enquanto sua guarda se retira para se juntar à guarda do próprio Elric nas laterais dos degraus. Sua voz pode ser ouvida apenas por Elric.

– Você cavalgaria comigo até a região selvagem da ilha amanhã, meu senhor?

– Há assuntos aos quais devo dar minha atenção... – Ele se sente atraído pela ideia. Faz algumas semanas desde que ele deixou a cidade e cavalgou junto a ela e sua escolta que manteve o tempo todo uma distância discreta.

– São assuntos urgentes?

Ele encolhe os ombros.

– Que assuntos são urgentes em Melniboné? Depois de dez mil anos, a maioria dos problemas pode ser vista com certa perspectiva. – Seu sorriso é quase irônico, como o de um jovem estudante que pretende fugir da aula de seu professor. – Muito bem! Bem cedo amanhã, nós partiremos antes que os outros acordem.

– O ar além de Imrryr estará claro e nítido. O sol estará morno para a estação. O céu estará azul e sem nuvens.

Elric sorri:

– Mas que bruxaria é esta que você fez!

Cymoril baixa os olhos e traça um padrão sobre o mármore do estrado:

– Bem, talvez tenha feito mesmo. Eu não estou sem amigos entre os mais fracos dos elementais...

Elric se estica para tocar seus cabelos finos e louros:

– Será que Yyrkoon sabe?

– Não.

O Príncipe Yyrkoon proibiu sua irmã de se intrometer em assuntos mágicos. Os amigos do Príncipe Yyrkoon estão entre os

mais obscuros e perigosos seres sobrenaturais. Sendo difícil, até mesmo para o príncipe, lidar com esses seres. Por isso ele presume que todos os que se envolvem com feitiçaria carregam consigo um semelhante elemento de perigo. Além disso, ele odeia pensar que outros possuem o poder que ele possui. Talvez seja isso o que ele odeia em Elric, mais do que tudo.

– Esperemos que toda Melniboné precise de bom tempo amanhã  
– diz Elric.

Cymoril olha com curiosidade para ele. Ela ainda é uma melniboneana. Não ocorreu a ela que sua magia pode ser indesejável para alguns. Em seguida, ela encolhe os adoráveis ombros e toca levemente a mão de seu senhor.

– Esta “culpa”– diz ela. – Esta busca pela consciência. Sua finalidade está além da minha mente simples.

– E da minha também, devo admitir. Parece não haver nenhuma função prática. No entanto, mais de um de nossos antepassados previu uma modificação na natureza do nosso planeta. Uma mudança espiritual e também física. Talvez, quando estou tendo meus estranhos pensamentos não melniboneanos, esteja vislumbrando essas mudanças?

A música aumenta. A música diminui. Os cortesãos continuam sua dança, apesar de muitos olhos estarem sobre Elric e Cymoril enquanto conversam na parte superior do estrado. Todos ficam se perguntando quando Elric irá anunciar Cymoril como sua futura imperatriz. Será que Elric irá reviver o costume que Sadric descartou, de sacrificar doze noivas e seus noivos para os Senhores do Caos, a fim de garantir um bom casamento para os governantes de Melniboné? Era óbvio que a recusa de Sadric em permitir o costume trouxe miséria sobre ele e a morte sobre sua mulher. Trouxe-lhe um filho doente e ameaçou a própria continuidade da monarquia. Elric deve retomar o costume. Mesmo Elric deve temer uma repetição da desgraça que visitou seu pai. Mas alguns dizem

que Elric não fará nada de acordo com a tradição e que ele ameaça não apenas sua própria vida, mas a existência da própria Melniboné e tudo que ela representa. E aqueles que dizem isso são vistos como quem quer estar em bons termos com o Príncipe Yyrkoon, que continua a dançar, aparentemente alheio à conversa dos dois, certamente sem saber que sua irmã fala silenciosamente com o primo que está sentado no Trono Rubi, desatento de sua dignidade, sem exhibir nada do orgulho feroz e arrogante que, no passado, marcou muitos imperadores de Melniboné; que conversava animadamente, despercebido do fato de que a corte estava supostamente dançando para seu entretenimento.

De repente, o Príncipe Yyrkoon congela, enquanto em meio a uma pirueta em sua dança, levanta os olhos escuros para observar seu imperador. Em um canto do salão, a atenção de Dyvim Tvar é atraída pela postura calculada e dramática de Yyrkoon, e o Senhor das Cavernas dos Dragões olha com reprovação. Sua mão se detém onde sua espada normalmente estaria, mas não se pode levar uma espada a um baile da corte. Dyvim Tvar olha cautelosamente e fixamente para o Príncipe Yyrkoon, enquanto o nobre começa a subir as escadas para o Trono Rubi. Muitos olhos seguem o primo do imperador e agora quase ninguém dança, embora a música aumente de volume enquanto os escravos mestres da música executam seu talento em níveis cada vez maiores.

Elric observa Yyrkoon de pé um degrau abaixo do qual Cymoril está sentada. Yyrkoon faz uma reverência sutilmente insultante.

– Apresento-me para meu imperador – diz.



# Capítulo 2

## Um príncipe arrogante confronta seu primo



quanto você está gostando do baile, primo? – Elric perguntou, ciente de que a apresentação melodramática de Yyrkoon tinha tão simplesmente a intenção de pegá-lo de surpresa e, se possível, humilhá-lo. – A música está do seu agrado?

Yyrkoon baixou os olhos e deixou os lábios formarem um sorriso enigmático.

– Tudo está do meu agrado, meu senhor. Mas e quanto a vós? Será que algo o desagrada? Não o vejo participar da dança.

Elric ergueu um dedo pálido em direção ao queixo e olhou para os olhos escondidos de Yyrkoon.

– Estou apreciando a dança mesmo assim, primo. Certamente é possível ter prazer no prazer dos outros.

Yyrkoon pareceu mesmo surpreso. Ele abriu bem os olhos e encontrou o olhar de Elric. Elric sentiu um abalo momentâneo e, em seguida, virou o olhar para o outro lado, indicando as galerias de música com uma mão lânguida.

– Ou talvez seja a dor dos outros que me traz prazer. Não temas por minha causa, primo. Estou satisfeito, estou satisfeito. Você pode dançar, lhe asseguro que seu imperador está adorando o baile.

Mas Yyrkoon não pretendia se desviar de seu propósito.

– Certamente, para que os súditos não saiam tristes e abalados por não terem agradado seu governante, o imperador não deveria demonstrar sua alegria...?

– Gostaria de lembrá-lo, primo – disse Elric serenamente – que o imperador não tem nenhum dever para com seus súditos, a não ser o de governá-los. O dever é dos súditos para com seu imperador. Essa é a tradição de Melniboné.

Yyrkoon não esperava que Elric fosse usar tais argumentos contra ele, mas ele ironizou retrucando logo em seguida.

– Concordo, meu senhor. O dever do imperador é governar seus súditos. Talvez seja por isso que muitos deles não desfrutam de um baile tanto quanto poderiam.

– Não compreendo você, primo.

Cymoril subiu e ficou com as mãos crispadas no degrau acima ao de seu irmão. Ela estava tensa e ansiosa, preocupada com o tom irônico de seu irmão, sua pose arrogante.

– Yyrkoon... – disse ela.

Ele percebeu sua presença.

– Irmã, vejo que você compartilha a relutância de nosso imperador em dançar.

– Yyrkoon – ela murmurou. – Você está indo longe demais. O imperador é tolerante, mas...

– Tolerante? Ou indiferente? Ele é indiferente quanto às tradições de nossa grande raça? Ele despreza o orgulho desta mesma raça?

Dyvim Tvar agora estava escalando os degraus. Era evidente que ele também sentiu que Yyrkoon escolheu este momento para testar o poder de Elric.

Cymoril ficou chocada. Ela insistiu:

– Yyrkoon, se você vivesse...

– Minha vida não teria mais importância se a alma de Melniboné percesse. A guarda da alma de nossa nação é de responsabilidade do imperador. E se tivéssemos um imperador que fracassasse nesta responsabilidade? Um imperador que fosse fraco? Um imperador que não se importasse em nada com a grandeza da Ilha do Dragão e seu povo?

– É uma pergunta hipotética, primo. – Elric recuperou sua compostura e sua voz estava arrastada e gélida. – Pois um imperador assim jamais ocupou o Trono Rubi e jamais ocupará.

Dyvim Tvar se aproximou, tocando Yyrkoon no ombro.

– Príncipe, se você valoriza sua dignidade e sua vida...

Elric ergueu a mão.

– Não há necessidade disso, Dyvim Tvar. O Príncipe Yyrkoon apenas nos diverte com um debate intelectual. Temendo que eu estivesse entediado com a música e a dança, o que não é o caso, ele pensou em fornecer o tema para um discurso estimulante. Estou certo de que estamos mais que estimulados, Príncipe Yyrkoon. – Elric permitiu que um calor complacente colorisse sua última frase.

Yyrkoon corou de raiva e mordeu o lábio.

– Mas vá em frente, querido primo Yyrkoon – disse Elric. – Estou interessado. Prossiga com seu argumento.

Yyrkoon olhou em volta, como se buscasse apoio. Mas todos os seus partidários estavam no piso do salão. Apenas os amigos de Elric, Dyvim Tvar e Cymoril estavam nas proximidades. No entanto, Yyrkoon sabia que seus partidários estavam ouvindo cada palavra e que ele iria acabar humilhado se não retaliasse. Elric poderia dizer que Yyrkoon teria preferido se retirar deste confronto e escolher outro dia e outro terreno para continuar a batalha, mas isso não era possível. O próprio Elric não tinha vontade de continuar a tola disputa que, não importa o quão disfarçada, era um pouco melhor do que a briga entre duas meninas sobre quem deve jogar com os escravos primeiro. Ele decidiu por um fim a isso.

Yyrkoon começou:

– Então me permita sugerir que um imperador que fosse fisicamente fraco também poderia ser fraco em sua vontade de governar convenientemente...

Elric ergueu a mão.

– Você já expôs o suficiente, meu querido primo. Mais do que o suficiente. Você se exauriu nesta conversa quando poderia ter preferido a dança. Estou comovido com sua preocupação. Mas agora também sinto a exaustão sobre mim. – Elric sinalizou para seu velho servo Tanglebones que estava distante, do outro lado do estrado, entre os soldados: – Tanglebones! Minha capa.

Elric se levantou.

– Agradeço mais uma vez pela sua reflexão, primo. – Ele dirigiu-se a todos da corte. – Estou bem satisfeito com esse entretenimento. Agora irei me retirar.

Tanglebones trouxe a capa de pele de raposa branca e colocou-a sobre os ombros de seu mestre. Tanglebones era muito velho e muito mais alto que Elric, embora suas costas fossem curvadas e todos os seus membros parecessem amarrados e torcidos sobre si próprios, como os membros de uma velha e forte árvore.

Elric atravessou o estrado em direção à porta que se abre para um corredor que levava a seus aposentos particulares.



Yyrkoon ficou furioso. Ele girou sobre o estrado e abriu a boca como se fosse se dirigir aos cortesãos. Alguns, dentre os que não o apoiavam, estavam sorrindo abertamente. Yyrkoon cerrou os punhos ao lado do corpo e olhou furioso. Olhou para Dyvim Tvar e abriu os lábios para falar. Dyvim Tvar devolveu friamente o olhar, desafiando Yyrkoon a dizer mais alguma coisa.

Então Yyrkoon lançou a cabeça para trás para jogar as mechas encaracoladas de seu cabelo às costas. E riu.

O som áspero encheu o salão. A música parou. O riso continuou.

Yyrkoon subiu mais alguns degraus até chegar ao estrado. Arrastou o pesado manto em volta de si até engolir seu corpo.

Cymoril avançou em sua direção:

– Yyrkoon, por favor, não...

Ele empurrou-a para trás com um movimento de seu ombro.

Yyrkoon caminhou com dificuldade até o Trono Rubi. Estava claro que ele estava prestes a sentar-se nele e, assim, realizar uma das ações mais traiçoeiras possíveis ao código de Melniboné. Cymoril correu os poucos passos que os distanciavam e puxou-o pelo braço.

A risada de Yyrkoon foi aumentando.

– É Yyrkoon que eles gostariam de ver no Trono Rubi – disse à irmã. Ela suspirou e olhou com horror para Dyvim Tvar, que estava com expressão austera e irritada.

Dyvim Tvar acenou para os guardas e, de repente, havia duas fileiras de homens armados entre Yyrkoon e o trono.

Yyrkoon olhou de volta para o Senhor das Cavernas dos Dragões:

– Vai desejar ter perecido com seu mestre – sussurrou.

– A guarda de honra irá escoltá-lo do salão – disse Dyvim Tvar calmamente. – Nós todos ficamos estimulados por sua palestra esta noite, Príncipe Yyrkoon.

Yyrkoon fez uma pausa, olhou em volta, depois relaxou. Ele deu de ombros:

– Ainda há tempo. Se Elric não abdicar, então terá de ser deposto.

O corpo esbelto de Cymoril estava rígido. Seus olhos brilhavam. Ela disse ao irmão:

– Se você prejudicar Elric de alguma forma, eu mesma mato você, Yyrkoon.

Ele ergueu as sobranceiras afiladas e sorriu. Naquele momento, ele parecia odiar a irmã ainda mais do que odiava o primo.

– Sua lealdade para com aquela criatura assegurou sua desgraça, Cymoril. Eu preferiria você morta em vez de dar à luz a qualquer cria dele. Eu não vou ter o sangue de nossa casa diluído, contaminado, mesmo tocado, pelo sangue dele. Tenha cuidado com sua própria vida, irmã, antes de ameaçar a minha. E ele desceu pesadamente os

degraus, empurrando aqueles que se aproximaram para parabenizá-lo. Sabia que tinha perdido, e os murmúrios de seus bajuladores só o irritavam ainda mais.

Yyrkoon foi embora, e as grandes portas do salão se fecharam.

Dyvim Tvar levantou os dois braços:

– Dancem, cortesãos. Divirtam-se com tudo que o salão oferece. É o que vai agradar ainda mais o imperador.

Mas estava claro que não haveria mais dança esta noite. Os cortesãos já estavam discutindo animadamente os eventos que acabaram de testemunhar.

Dyvim Tvar voltou-se para Cymoril:

– Elric se recusa a compreender o perigo, princesa Cymoril. A ambição de Yyrkoon poderá trazer desastre a todos nós.

– Incluindo Yyrkoon. – Cymoril suspirou.

– Sim, incluindo Yyrkoon. Mas como podemos evitar isso, Cymoril, se Elric não vai dar ordens para prender seu irmão?

– Ele acredita que por Yyrkoon ser um parente próximo, tem permissão para dizer o que quiser. É parte de sua filosofia. Eu não compreendo bem, mas parece fazer parte das coisas em que ele acredita. Se destruir Yyrkoon, estará destruindo a base sobre a qual a sua lógica funciona. Isso, de qualquer modo, Mestre dos Dragões, é o que ele tentou me explicar.

Dyvim Tvar suspirou e franziu a testa. Embora fosse incapaz de entender Elric, ele temia que pudesse, às vezes, simpatizar com o modo de ver de Yyrkoon. No mínimo, os motivos e argumentos de Yyrkoon eram relativamente simples. No entanto, ele conhecia suficientemente bem o caráter de Elric para acreditar que ele agia por fraqueza ou cansaço. O paradoxo é que Elric tolerava a traição de Yyrkoon porque ele era forte, porque ele tinha o poder de destruir Yyrkoon a hora que quisesse. E o caráter do próprio Yyrkoon era tal, que ele constantemente testava a força de Elric. Tvar sabia instintivamente que se Elric enfraquecesse e mandasse

matá-lo, então Yyrkoon seria o vencedor. Era uma situação complicada e Dyvim Tvar não desejava ser envolvido nela. Mas a sua lealdade com a linhagem real de Melniboné era forte e sua lealdade pessoal a Elric era grande. Ele considerou a ideia de ter Yyrkoon secretamente assassinado, mas sabia que tal plano quase certamente daria em nada. Yyrkoon era um feiticeiro de imenso poder e, sem dúvida, seria avisado de qualquer atentado contra sua vida.

– Princesa Cymoril – disse Dyvim Tvar. – Eu só posso rezar para que seu irmão engula tanto sua raiva que ela acabe por envenená-lo.

– Eu vou acompanhá-lo nessa oração, Senhor das Cavernas dos Dragões.

Juntos, eles deixaram o salão.

# Capítulo 3

## Passeando pela manhã: um momento de tranquilidade



luz do início da manhã tocou as torres altas de Imrryr e as fez cintilar. Cada torre era de um tom diferente. Havia mil cores suaves: cor-de-rosa e amarelo-pólen, púrpura e verde-pálido, violeta, marrom e laranja, azul, branco e dourado. Todas lindas à luz do sol. Dois cavaleiros deixaram a Cidade dos Sonhos para trás e cavalgaram para longe das muralhas, pela relva verde até uma floresta de pinheiros onde, por entre os troncos sombrios, um pouco da noite ainda persistia. Esquilos se agitavam e raposas rastejavam para casa; os pássaros cantavam enquanto as flores abriam suas pétalas enchendo o ar com um perfume delicado. Alguns insetos vagavam preguiçosamente. O contraste entre a vida na cidade e esta rusticidade preguiçosa era enorme, e parecia espelhar alguns dos contrastes existentes na mente de pelo menos um dos cavaleiros, que agora desmontava e puxava seu cavalo, afundando os pés em uma massa de flores azuis. O outro cavaleiro, uma garota, parou seu cavalo, mas sem desmontar dele. Em vez disso, ela se inclinou e sorriu para o homem, seu amado.

– Elric? Você já vai parar, ainda tão perto de Imrryr?

Ele sorriu de volta, por sobre seu ombro.

– Por enquanto. Nossa viagem foi muito às pressas. Quero organizar meus pensamentos antes de prosseguir.

– Como você dormiu a noite passada?



– Muito bem, Cymoril, apesar de que devo ter sonhado sem me dar conta, pois havia... algumas imagens em minha mente quando acordei. Mas afinal, o encontro com Yyrkoon não foi nada agradável...

– Você suspeita de que ele planeje usar feitiçaria contra você?

Elric deu de ombros.

– Eu saberia se ele conjurasse algum tipo de feitiço contra mim. E ele conhece o meu poder. Duvido que iria se atrever a empregar algum tipo de magia.

– Ele tem razão em acreditar que em você ele não pode usar seu poder. Ele vem tentando atingi-lo em sua personalidade por tanto tempo. Não é perigoso que ele comece a dar atenção às suas habilidades? Testar sua feitiçaria assim como testa sua paciência?

Elric franziu a testa.

– Sim, suponho que esse perigo exista. Mas não ainda.

– Ele não ficará contente até que você esteja arruinado, Elric.

– Ou até que cause sua própria ruína, Cymoril. – Elric se curvou e pegou uma das flores. Ele sorriu. – Seu irmão está inclinado a extremos, não é? Como o fraco que odeia a fraqueza.

Cymoril entendia o que ele estava dizendo. Ela desmontou e veio em sua direção. Seu vestido fino combinava quase que perfeitamente com a cor das flores através das quais ela se movia. Ele entregou-lhe a flor e ela aceitou, tocando as pétalas com seus lábios perfeitos.

– E como o forte odeia a força, meu amor. Yyrkoon é parte de minha família e ainda assim eu te dou este conselho: use sua força contra ele.

– Eu não poderia matá-lo. Não tenho esse direito. – O rosto de Elric demonstrava uma expressão bastante familiar.

– Você poderia exilá-lo.

– Exílio não é o mesmo que a morte para um melniboneano?

– Você mesmo falou sobre viajar para as terras dos Reinos Jovens.

Elric riu um tanto amargo:

– Mas talvez eu não seja um verdadeiro melniboneano. Yyrkoon já disse tanto isso, e outros ecoam seus pensamentos.

– Ele odeia você, porque você é contemplativo. Seu pai era contemplativo, e ninguém negou que ele foi um bom imperador.

– Meu pai fazia que os resultados de sua contemplação não interferissem em suas ações pessoais. Ele governava como um imperador devia governar. Também teve a oportunidade de tornar Melniboné grande novamente. Se ele ainda fosse o imperador, estaria embarcando em uma campanha de conquista para restaurar para o nosso comércio a sua antiga relevância, ampliar nosso poder. E é isso que a maioria de nosso povo quer. É meu direito negar esse desejo?

– É seu direito fazer o que pensa, pois você é o imperador. Todos que são leais a você pensam igual a mim.

– Talvez a lealdade deles esteja mal direcionada. Talvez Yyrkoon esteja certo e eu irei trair essa lealdade, trazer desgraça à Ilha do Dragão. – Seus olhos vermelhos e melancólicos olhavam diretamente nos dela. – Talvez eu devesse ter morrido quando deixei o útero de minha mãe. Então Yyrkoon iria se tornar o imperador. O Destino foi enganado?

– O Destino nunca é enganado. O que aconteceu... aconteceu porque o Destino assim o desejou, se é que existe mesmo uma coisa como o Destino e que as ações dos homens não são meramente uma reação às ações de outros homens.

Elric respirou fundo e olhou para ela com uma expressão tingida de ironia.

– Sua lógica leva você para muito perto da heresia, Cymoril, já que temos de acreditar nas tradições de Melniboné. Talvez fosse melhor se você esquecesse essa amizade comigo.

Ela gargalhou.

– Você está parecendo meu irmão. Está testando meu amor por você, meu senhor?

Ele voltou para cima de seu cavalo.

– Não, Cymoril, mas aviso para que você própria teste seu amor, pois sinto que há tragédia implícita neste nosso sentimento.

Quando ela se virou para trás de cima da sela, sorriu e balançou a cabeça.

– Você vê desgraça em todas as coisas. Não pode aceitar as coisas boas que lhe foram concedidas? Já são tão poucas, meu senhor.

– Sim. Tenho de concordar com isso.

Eles se viraram em suas selas ao ouvirem o som de cascos atrás deles. A alguma distância, viram um grupo de cavaleiros vestidos de amarelo cavalgando confusamente. Era a guarda deles, que eles haviam deixado para trás, para que pudessem cavalgar sozinhos.

– Vem! – gritou Elric. – Vamos atravessar a floresta para além das colinas e eles nunca irão nos encontrar!

Eles esporearam seus corcéis através da selva banhada pelo sol e subiram as encostas íngremes de uma colina, descendo pelo outro lado para depois chegarem a uma planície com arbustos de frutas exuberantes e venenosas, com um brilho azul arroxeadado, uma cor noturna que nem mesmo a luz do dia poderia dispersar. Havia muitos desses frutos e ervas peculiares em Melniboné e era para algumas delas que Elric devia sua vida. Outras foram utilizadas para poções de feitiçaria e haviam sido semeadas gerações antes pelos antepassados de Elric. Agora poucos melniboneanos saíam de Imrryr para coletar essas plantas. Só os escravos visitavam a porção maior da ilha, buscando as raízes e os arbustos que faziam os homens sonharem sonhos monstruosos e magníficos, pois era em seus sonhos que os nobres de Melniboné encontravam a maior parte de seus prazeres. Eles sempre foram uma raça mal-humorada e

introspectiva, e foi por essa qualidade que Imrryr veio a ser chamada de Cidade dos Sonhos. Lá, até mesmo os escravos mais humildes mastigavam as frutas para que lhes provocassem o esquecimento e, desta forma, fossem facilmente controlados, depois eles acabaram por se tornar dependentes de seus sonhos. Somente o próprio Elric recusava tais drogas, talvez porque ele precisasse de tantas outras apenas para continuar vivo.

Os guardas se perderam atrás deles e assim que atravessaram a planície de arbustos, reduziram a marcha até chegar aos despenhadeiros e depois ao mar.

O mar brilhava e languidamente lavava as praias de areia branca abaixo dos penhascos. Aves marinhas rodopiavam no céu claro e os seus gritos eram distantes, servindo apenas para enfatizar a sensação de paz que tanto Elric e Cymoril agora experimentavam. Em silêncio, os amantes guiavam seus cavalos por caminhos íngremes até a praia e lá apearam os cavalos e começaram a caminhar pela areia, os cabelos dos dois – o dele branco, o dela negro – balançando ao vento que soprava do leste.

Eles encontraram uma grande caverna que captava os sons que o mar fazia e respondia com um eco sussurrante. Tiraram suas vestes de seda e fizeram amor ternamente à sombra da caverna. Ficaram deitados abraçados até que o dia esquentou e o vento diminuiu. Então foram se banhar nas águas, preenchendo o céu vazio com suas risadas.



Quando ficaram secos e foram se vestir, notaram que o horizonte estava muito escuro e Elric disse:

– Vamos nos molhar novamente antes de voltarmos a Imrryr. Não importa o quão rápido cavalguemos, a tempestade vai nos pegar.

– Talvez devêssemos permanecer na caverna até que a tempestade acabe... – ela sugeriu, chegando perto dele e tocando seu corpo suave junto ao dele.

– Não. – disse ele. – Devo voltar logo, pois há poções em Imrryr que devo tomar para o meu corpo reter alguma força. Uma ou duas horas mais e vou começar a enfraquecer. Você já me viu fraco antes, Cymoril.

Ela acariciou seu rosto e seus olhos estavam complacentes:

– Sim. Já vi você fraco antes, Elric. Venha, vamos buscar os cavalos.



No momento em que chegaram aos cavalos, o céu acima deles estava cinza e cada vez mais escuro em direção ao leste. Eles ouviram o rosnar do trovão e o estrondo de um raio. O mar estava atormentado como se infectado pela histeria do céu. Os cavalos bufaram e bateram com força seus cascos na areia, ansiosos para irem embora. Assim que Elric e Cymoril montaram nas selas, uma chuva pesada começou a cair sobre suas cabeças, espalhando-se por suas capas.

Então, logo passaram a cavalgar a toda velocidade de volta a Imrryr, enquanto os relâmpagos faziam brilhar o ambiente ao redor deles e trovões rugiam como um gigante furioso, como um grande e antigo Senhor do Caos abrindo caminho selvagemmente para o Reino da Terra.

Cymoril olhou para o rosto pálido de Elric, iluminado por um momento pelo brilho do céu em chamas, e sentiu um calafrio que não tinha nada a ver com o vento ou a chuva, pois parecia para ela, naquele segundo, que o sábio gentil que amava tinha sido transformado pelos elementos em um demônio infernal, em um monstro com apenas uma aparência de humanidade. Seus olhos

rubros chamejavam de seu crânio branco como as chamas do próprio Inferno; o vento jogava seu cabelo para cima, formando a crista de um sinistro capacete de guerra e, por um artifício da luz dos relâmpagos, sua boca parecia distorcida em uma mistura de raiva e agonia.

E de repente Cymoril entendeu.

Ela percebeu, bem lá no fundo, que o passeio daquela manhã foi o último momento de paz que os dois jamais iriam experimentar novamente. A tempestade era um sinal dos próprios deuses – um aviso de tempestades que viriam.

Ela olhou novamente para o amante. Elric estava rindo. Ele levantou o rosto para que a chuva quente caísse sobre ele, a água espirrando em sua boca aberta. Era um riso leve e natural como o de uma criança feliz.

Cymoril tentou rir também, mas teve de virar o rosto para que ele não a visse. Porque ela começou a chorar.

Ainda estava chorando quando avistaram Imrryr: uma silhueta escura e grotesca contra o claro e imaculado horizonte a oeste.

# Capítulo 4

## Prisioneiros: seus segredos são arrancados



Os homens de armadura amarela viram Elric e Cymoril quando ambos se aproximaram do menor dos portões orientais.

– Enfim eles nos encontraram! – sorriu Elric sob a chuva. – Mas um pouco tarde, não é, Cymoril?

Cymoril, ainda na batalha interna contra seu senso de desgraça, apenas acenou positivamente com a cabeça e tentou responder com um sorriso.

Elric entendeu isso como um sinal de frustração, nada mais, e chamou seus guardas:

– Ei, homens! Logo estaremos secos outra vez!

Mas o capitão da guarda montou em seu cavalo rapidamente, gritando:

– O imperador é requisitado na Torre Monshanjik, onde espiões foram apanhados.

– Espiões?

– Sim, meu senhor. – O rosto do homem estava pálido. A água da chuva escorria como uma cascata no seu elmo, escurecendo sua capa fina. Estava difícil controlar seu cavalo devido ao solo encharcado pelas poças d'água que se formaram na estrada precária. – Foram pegos no labirinto esta manhã. Bárbaros do sul, pelo que indicam suas vestes. Estão sob vigilância até que o imperador possa interrogá-los.

Elric acenou com a mão:

– Então nos conduza até lá, capitão. Vamos ver os tolos corajosos que se atreveram a desafiar os labirintos marinhos de Melniboné.



A Torre de Monshanjik recebeu esse nome do arquiteto-mago que projetou o labirinto marinho milênios atrás. O labirinto era a única maneira de chegar ao grande porto de Imrryr, e o segredo de sua localização tem sido cuidadosamente guardado, pois é a maior proteção da cidade contra um ataque repentino. O labirinto era complicado, os navegantes tinham que ser especialmente treinados para conduzir os navios através dele. Antes de o labirinto ter sido construído, a região do porto era uma espécie de lagoa, alimentada pelo mar através de um sistema de cavernas naturais no penhasco imponente que se erguia entre a lagoa e o oceano. A rota pelo labirinto era dividida em cinco trechos, sendo que cada piloto conhecia apenas um deles. No muro externo do penhasco havia cinco entradas. Aqui os navios do Reino Jovem esperavam até que um piloto viesse a bordo. Então, os portões para uma das entradas seria levantado, com todos a bordo do navio de olhos vendados e mandados para baixo do convés, com exceção do remador principal e o timoneiro, que ficariam com o rosto coberto por pesados elmos de aço, para que não pudessem ver nada, nem fazer nada senão obedecer às instruções complicadas do piloto. E, se um navio do Reino Jovem falhasse em obedecer a qualquer uma dessas instruções e acabasse esmagado contra as paredes de pedra, Melniboné não iria chorar por isso, e todos os sobreviventes da tripulação seriam levados como escravos. Todos os que tentavam negociar com a Cidade dos Sonhos entendiam os riscos, mas dezenas de comerciantes vinham todos os meses para desafiar os perigos do labirinto a fim de tentar trocar os seus próprios e pobres bens pelas riquezas esplêndidas de Melniboné.



Da Torre de Monshanjik contemplava-se do alto o porto e o imenso dique que se projetava para o meio da lagoa. Era uma torre verde-água, pequena em comparação à maioria das que existem em Imrryr, embora ainda seja uma bela construção, com amplas janelas, de modo que todo o porto podia ser visto a partir dela. Na Torre Monshanjik era feita a maioria dos negócios do porto, e nos porões mais abaixo eram mantidos os prisioneiros, que eram qualquer um que quebrasse uma das incontáveis regras que regem seu funcionamento. Deixando Cymoril para que voltasse ao palácio com a guarda, Elric entrou na torre, cavalgando através da grande arcada na base, abrindo passagem por entre os comerciantes que estavam à espera de permissão para começar seus escambos – todo o pavimento estava cheio de marinheiros, comerciantes e funcionários de Melniboné envolvidos no comércio, embora não fosse aqui que as mercadorias reais fossem exibidas. O burburinho de milhares de vozes envolvidas em mil aspectos distintos de negociações lentamente se acalmava à medida que Elric e sua guarda avançavam altivamente em direção a outro arco escuro na extremidade do corredor. Este arco se abria para uma rampa que se inclinava e se curvava para baixo nas entranhas da torre.

Abaixo desta rampa ouvia-se o tropel dos cavaleiros, os escravos que passavam, servos e funcionários que andavam às pressas, inclinando-se assim que reconheciam o imperador. Grandes tochas iluminavam o túnel, formando sombras distorcidas sobre as paredes lisas e obsidianas. Uma sensação de frio e de umidade estava no ar agora, pois a água vertia pelas paredes exteriores abaixo do cais de Imrryr. O imperador continuou a cavalgar na rampa que se inclinava cada vez mais através da rocha vítrea, então uma onda de calor os atingiu e uma luz intermitente podia ser vista à frente quando passaram por uma câmara que estava cheia de fumaça e de cheiro de medo. No teto havia correntes penduradas; de oito dessas correntes, balançando pelos pés, havia quatro pessoas. Suas roupas

havam sido arrancadas, mas seus corpos estavam vestidos do sangue de pequenos ferimentos – precisos, mas severos – feitos pelo artista que, de pé perto deles, com o escalpelo à mão, examinava sua obra.

O artista era muito magro, quase um esqueleto em sua roupa branca e manchada. Seus lábios eram finos, os olhos eram como fendas, seus dedos eram finos, seu cabelo era fino e o escalpelo que segurava era fino também, quase invisível, exceto quando brilhava à luz do fogo que crepitava de um poço no lado mais distante da caverna. O nome do artista era Doutor Jest, e a arte que praticava era uma arte de execução e não de criação (embora ele pudesse discordar disso com alguma convicção): a arte de extrair segredos. Doutor Jest era o Chefe Interrogador de Melniboné. Ele virou-se sinuosamente quando Elric entrou, o escalpelo entre o polegar fino e o indicador fino de sua mão. Equilibrava-se em pé, observando com expectativa, quase como um dançarino, então se curvou.

– Meu doce imperador! – Sua voz fina escorria de dentro de sua garganta como se fugisse dela. Alguém poderia se perguntar se era possível alguma voz ter saído dali, de tão depressa que as palavras desapareciam no ar.

– Doutor. São estes os homens do sul capturados esta manhã?

– São eles mesmo, meu senhor – outra reverência sinuosa. – Para o seu prazer.

Friamente, Elric inspecionou os prisioneiros. Não sentia nenhuma simpatia por eles. Eram espiões. Suas ações haviam-nos levado por este caminho. Eles sabiam o que lhes aconteceria se fossem pegos. No entanto, um deles era um menino, e outro uma mulher, pelo que parecia, embora estivessem se contorcendo tanto nas correntes que era difícil perceber a princípio. Parecia humilhante. Então, a mulher cuspiu o que restava de seus dentes na direção dele e sussurrou: “Demônio!” E Elric recuou, dizendo:

– Eles disseram o que estavam fazendo no nosso labirinto, doutor?

– Ainda me provocam com indiretas. Eles têm um bom senso de drama. Eu gosto disso. Estão aqui, eu diria, para mapear uma rota através do labirinto pela qual uma tropa de ataque poderia passar: mas até agora eles me impediram de saber os detalhes. Esse é o jogo. É nossa tarefa entender como ele deve ser jogado.

– E quando dirão, Doutor Jest?

– Oh, muito em breve, meu senhor.

– Seria melhor saber se devemos esperar uma invasão. Quanto antes soubermos, menos tempo vamos perder lidando com o ataque quando ele vier. Você não concorda, doutor?

– Concordo, meu senhor.

– Muito bem. – Elric estava irritado por esta interrupção em seu dia. Isso tinha estragado o prazer do passeio, colocando-o cedo demais face a face com seus deveres.

Doutor Jest voltou aos seus afazeres e, estendendo a mão livre, habilmente agarrou os genitais de um dos homens presos. O escalpelo brilhou e houve um gemido. O Doutor Jest jogou alguma coisa no fogo. Elric sentou-se na cadeira preparada para ele. Estava mais entediado que enojado com os rituais para se extrair informações e com os gritos dissonantes, com o bater das correntes e os sussurros agudos do Doutor Jest... Tudo servia para arruinar a sensação de bem-estar que ele tinha consigo antes de chegar à câmara. Mas era uma de suas funções régias presenciar tais rituais, e ele tinha de presenciar também este, até que a informação lhe fosse apresentada, para que pudesse felicitar seu Chefe Interrogador e determinar as ordens para se lidar com qualquer ataque. E, mesmo após tudo isso, ele deveria consultar seus almirantes e generais, provavelmente pelo resto da noite, escolhendo as melhores opiniões, decidindo sobre o envio de homens e navios. Com um bocejo mal disfarçado, ele se inclinou para trás e observou

enquanto o Doutor Jest percorria os corpos com os dedos e o escalpelo, a língua com pinças e alicates. Ele logo começou a pensar em outros assuntos: problemas filosóficos que ainda não tinha conseguido solucionar.

Não é que Elric fosse desumano. Ele era o que era. Um melniboneano, acima de tudo. Tinha sido habituado a tais imagens desde a infância. Não poderia salvar os prisioneiros, mesmo se desejasse, sem ir contra todas as tradições da Ilha do Dragão. E, neste caso, era a simples questão de uma ameaça sendo combatida com os melhores métodos disponíveis. Ele tinha se acostumado a desligar os sentimentos que conflitavam com seus deveres de imperador. Se fizesse algum sentido libertar os quatro que agora serviam de diversão ao Doutor Jest, ele o teria feito, mas não havia nenhum. E os quatro teriam ficado espantados, se tivessem recebido qualquer outro tratamento que não este. No que se refere a decisões morais, Elric era, de modo geral, bastante prático. Ele tomava sua decisão no contexto de qual ação poderia tomar. Neste caso, ele poderia não tomar ação alguma. Tal reação havia se tornado uma segunda natureza para ele. Seu desejo não era transformar Melniboné, mas sim transformar a si mesmo, não para iniciar uma ação, mas para saber a melhor maneira de responder às ações dos outros. Aqui, a decisão era fácil de tomar. Um espião era um agressor e era natural se defender contra agressores da melhor maneira possível. Os métodos empregados pelo Doutor Jest eram os melhores.

– Meu senhor?

Distraidamente, Elric olhou para cima.

– Temos a informação agora, meu senhor. – a voz fina do Doutor Jest sussurrou através da câmara. Dois conjuntos de correntes estavam agora vazios, e os escravos estavam juntando umas coisas do chão e jogando-as no fogo. Os outros dois pedaços disformes

lembraram Elric de uma carne cuidadosamente preparada por um cozinheiro.

Um dos pedaços ainda tremia um pouco, mas o outro já não se movia.

O Doutor Jest deslizou seus instrumentos para dentro de um estojo fino que carregava em uma bolsa presa ao cinto. Suas vestes brancas estavam quase completamente cobertas de manchas.

– Parece que houve outros espões antes destes – disse o Doutor Jest a seu mestre. – Estes vieram apenas para confirmar a rota. Mesmo que não voltem a tempo, os bárbaros continuarão a navegar para cá.

– Mas, certamente, eles saberão que nós esperamos por eles... – Elric disse.

– Provavelmente não, meu senhor. Foram espalhados rumores entre os comerciantes e os marinheiros do Reino Jovem de que quatro espões foram vistos no labirinto e que foram mortos enquanto tentavam escapar.

– Compreendo –. Elric franziu a testa. – Então, o nosso melhor plano será o de preparar uma armadilha para os invasores.

– Sim, meu senhor.

– Você sabe a rota que eles escolheram?

– Sim, meu senhor.

Elric virou-se para um de seus guardas:

– Envie mensagens a todos os nossos generais e almirantes. Que hora é agora?

– A hora do pôr do sol acabou de passar, meu senhor.

– Diga-lhes para se reunirem diante do Trono Rubi duas horas após o pôr do sol.

Cansado, Elric se ergueu.

– Você fez um bom trabalho, como de costume, Doutor Jest.

O magro artista se curvou tanto que pareceu se dobrar em dois. Um suspiro fino e um tanto ambíguo foi sua resposta.

# Capítulo 5

## Uma batalha: o rei prova suas habilidades em combate



Yrkoon foi o primeiro a chegar, todo vestido com elegância marcial, acompanhado por dois guardas enormes, cada um segurando uma das bandeiras de guerra ornamentadas do príncipe.

– Meu imperador! – O grito de Yrkoon era de orgulho e desdém.  
– Você me permitiria comandar os guerreiros? Isso vai aliviá-lo, já que, sem dúvida, o senhor tem muitas outras preocupações com que ocupar o seu tempo.

Elric respondeu com impaciência:

– Está sendo muito atencioso, Príncipe Yrkoon, mas não tema por mim. Irei comandar o exército e a marinha de Melniboné, pois esse é o dever do imperador.

Yrkoon olhou com raiva e deu um passo para o lado quando Dyvim Tvar, Senhor das Cavernas dos Dragões, entrou. Ele não tinha nenhum guarda junto dele e parecia que tinha se vestido às pressas. Carregava seu elmo debaixo do braço.

– Meu imperador! Trago notícias sobre os dragões...

– Agradeço-lhe, Dyvim Tvar, mas espere até que todos os meus comandantes estejam reunidos para dar essa notícia a eles também.

Dyvim Tvar curvou-se e foi se posicionar no lado oposto do salão em relação ao qual o Príncipe Yrkoon estava.

Aos poucos, os guerreiros chegaram até que certa quantidade de capitães se agrupou ao pé da escada que leva ao Trono Rubi, onde

Elric estava sentado. Elric ainda usava as roupas que vestira ao cavalgar naquela manhã. Não teve tempo de se trocar, pois logo teria de consultar os mapas dos labirintos – mapas que somente ele podia ler e que, em tempos normais eram ocultos, por meios mágicos, de qualquer um que quisesse tentar encontrá-los.

– Bárbaros do sul pretendem roubar a riqueza de Imrryr e matar todos nós – anunciou Elric. – Eles acreditam ter encontrado um caminho através do nosso labirinto marítimo. Uma frota de uma centena de navios de guerra navega para Melniboné nesse instante. Amanhã ela vai esperar abaixo da linha do horizonte até o anoitecer, então irá se dirigir ao labirinto e entrar. À meia-noite, a frota espera chegar ao porto e tomar a Cidade dos Sonhos antes do amanhecer. Será que isso é possível?

– Não! – Todos responderam em uníssono.

– Não. – Elric sorriu. – Mas como podemos desfrutar desta pequena guerra que eles nos oferecem?

Yyrkoon, como de costume, foi o primeiro a bradar:

– Vamos ao encontro deles agora! Com dragões e com naves de batalha. Vamos persegui-los até sua própria terra e levar a guerra de volta até eles. Vamos atacar suas nações e queimar suas cidades! Conquistá-los e, assim, assegurar nossa própria segurança!

Foi então a hora de Dyvim Tvar finalmente falar:

– Não teremos os dragões – ele disse.

– O quê? – disse Yyrkoon voltando-se para Tvar. – Como?

– Não há dragões, príncipe. Eles não poderão ser despertados. Os dragões dormem em suas cavernas, exaustos pela última ação que o senhor designou.

– Eu designei?

– O senhor quis usá-los em nosso conflito contra os piratas vilmirianos. Eu havia lhe dito que preferia guardá-los para uma ação de maior importância. Mas o senhor os levou contra os piratas para queimar seus barcos e agora os dragões estão adormecidos.

Yyrkoon ficou com a expressão fechada. Olhou para Elric:

– Eu não esperava que...

Elric levantou sua mão:

– Nós não precisaremos usar nossos dragões até que sejam extremamente necessários. Este ataque dos bárbaros do sul não é nada. Mas devemos conservar nossa força e aguardar o momento propício. Deixe-os pensar que estamos despreparados. Deixe-os entrar no labirinto. Uma vez que todos os cem navios tiverem atravessado, nós os trancamos, bloqueamos todas as rotas para dentro e para fora do labirinto. Sem saída, eles serão esmagados por nós.

Yyrkoon olhava para baixo, inconformado, evidentemente desejando poder encontrar alguma falha no plano. O alto e velho almirante Magum Colim, em sua armadura verde-água, adiantou-se e fez uma reverência:

– As naves de batalha douradas de Imrryr estão prontas para defender a cidade, meu soberano. Levará tempo, contudo, para manobrá-las até a posição. Tenho dúvidas se todas irão caber no labirinto de uma só vez.

– Então leve algumas delas para lá agora e esconda-as em torno da costa, para que possam esperar pelos sobreviventes que conseguirem escapar ao nosso ataque – instruiu Elric.

– Um plano bem inteligente, meu senhor. – Magum Colim se inclinou em reverência e retornou para junto de seu grupo.

O debate continuou por algum tempo até que finalmente estavam prontos para partir. Mas, então, o Príncipe Yyrkoon vociferou mais uma vez:

– Repito a minha oferta ao imperador. Sua pessoa é valiosa demais para se arriscar na batalha. Minha pessoa é inútil. Deixe-me comandar os guerreiros tanto da terra como do mar, enquanto o imperador pode permanecer no palácio, sem ser incomodado pela



batalha, confiante de que ela será vencida e que os bárbaros do sul serão derrotados, talvez tenha um livro que deseja terminar de ler?

Elric sorriu:

– Mais uma vez eu agradeço a sua preocupação, Príncipe Yyrkoon. Mas um imperador deve exercitar o corpo, bem como a mente. Irei comandar os guerreiros amanhã.

Quando Elric chegou a seus aposentos, descobriu que Tanglebones já havia separado seu pesado e negro traje de guerra. Ali estava a armadura que havia servido a uma centena de imperadores de Melniboné; uma armadura que foi forjada com feitiçaria para ganhar força inigualável no Reino da Terra, que poderia até mesmo, se os rumores fossem verdade, resistir aos golpes das espadas míticas, Stormbringer e Mournblade, que já foram manuseadas pelo mais cruel de todos os cruéis governantes de Melniboné, antes de serem tomadas pelos Senhores dos Mundos Superiores e escondidas para sempre em um reino onde mesmo eles raramente ousavam ir.

O rosto do homem enrugado estava cheio de alegria quando Elric tocou cada parte da armadura, cada arma meticulosamente trabalhada, com seus dedos longos e retorcidos. Seu rosto cheio de cicatrizes olhou com admiração as feições carrancudas de Elric.

– Oh, meu senhor! Oh, meu rei! Logo você conhecerá a alegria do combate!

– Sim, Tanglebones, e esperemos que seja mesmo uma alegria.

– Eu lhe ensinei todas as habilidades. A arte da espada e do punhal... A arte do arco... A arte da lança, seja montado ou a pé. E você aprendeu bem, ainda que todos digam que você é fraco. Não há melhor espadachim em Melniboné, exceto um.

– O Príncipe Yyrkoon pode ser melhor do que eu – disse Elric, pensativo. – Não pode?

– Eu disse: “exceto um”, meu senhor.

– E esse é Yyrkoon. Bem, um dia, talvez, sejamos capazes de comprovar isso. Eu vou me banhar antes de vestir todo este metal.

– Melhor se apressar, mestre. Pelo que ouvi, há muito a se fazer.

– E vou dormir depois de me banhar. – Elric sorriu do ar de desaprovação de seu velho amigo. – Vai ser melhor assim, pois não posso dirigir pessoalmente as barcas para suas posições. Sou necessário para comandar a batalha. E farei isso melhor se estiver descansado.

– Se o senhor acha que é bom, meu rei, então é bom.

– Você parece espantado. E muito ansioso, Tanglebones, para me colocar dentro dessa coisa e me ver desfilar nela como se eu fosse o próprio Ariocho<sup>1\*</sup> ...

A mão de Tanglebones voou para sua boca como se ele próprio tivesse falado as palavras, não o seu mestre, e ele estivesse tentando bloqueá-las. Seus olhos se arregalaram.

Elric riu.

– Você acha que falo heresias, hein? Bem, já falei coisas piores sem que qualquer maldição caísse sobre mim. Em Melniboné, Tanglebones, os imperadores controlam os demônios, e não o contrário.

– Assim o dizes, meu senhor.

– É a verdade. – Elric saiu da sala, chamando pelos seus escravos. A febre da guerra começava a tomar conta dele e isso o deixava eufórico.

Agora ele já estava coberto por seu vestuário negro completo: a carapaça maciça, o gibão acolchoado, as longas grevas, as manoplas de malha. Ao seu lado estava uma espada, que dizia-se, ter pertencido a um herói humano chamado Aubec. Descansando sobre o convés, contra o trilho dourado da ponte, estava seu grande e redondo escudo, com a figura do dragão em mergulho durante o voo. E um elmo estava em sua cabeça, um elmo negro, com uma cabeça de dragão esticando o pescoço e suas asas bem abertas para

o alto, com a cauda enrolada às costas. O elmo era todo negro, mas dentro dele havia uma sombra branca de onde brilhavam dois orbes escarlates. Das laterais do elmo escapavam alguns tufo de cabelo branco como o leite, ou como fumaça a escapar de um prédio em chamas. E quando o elmo se iluminou com a pouca luz que vinha da lanterna pendurada na base do mastro principal, uma sombra branca revelou feições finas e belas... um nariz reto, os lábios curvados, olhos oblíquos. O rosto do Imperador Elric de Melniboné fitava a escuridão do labirinto enquanto ouvia os primeiros sons da aproximação dos invasores pelo mar.

Ele estava em pé na ponte da grande nave de batalha dourada que, como todas do tipo, se assemelha a um zigurate flutuante equipado com mastros, velas, remos e catapultas. O navio se chamava O Filho de Pyaray e era a nau capitânia da frota. O Grande Almirante Magum Colim estava ao lado de Elric. Assim como Dyvim Tvar, o almirante era um dos poucos amigos próximos de Elric. Ele conheceu Elric a vida toda e o incentivou a aprender tudo que podia sobre como comandar navios de combate.

Em seu íntimo, Magum Colim temia que Elric fosse muito intelectual e introspectivo para governar Melniboné, mas aceitou o direito de Elric em governar e ficava irritado e impaciente com discursos como os de Yyrkoon. O Príncipe Yyrkoon também estava a bordo da nau capitânia, neste momento estava abaixo, inspecionando as máquinas de guerra.

O Filho de Pyaray estava ancorado em uma enorme gruta, uma das centenas construídas nas paredes do labirinto à época em que ela foi construída e concebida apenas para este fim: ocultar uma nave de batalha. Havia apenas altura suficiente para os mastros e largura suficiente para que os remos pudessem se mover livremente. Cada uma das naves de batalha douradas era equipada por fileiras de remos, cada fileira contendo por volta de 23 remos de cada lado e, no caso do Filho de Pyaray, 3 sistemas de direção independentes,

dianteiros e traseiros. Todos blindados em ouro, os navios eram praticamente indestrutíveis, e, apesar de seu enorme tamanho, conseguiam se mover velozmente e executar manobras delicadas quando a ocasião exigia. Não era a primeira vez que esperavam por inimigos nestas grutas. E não seria a última (embora a próxima vez que esperarem, será em circunstâncias muito diferentes).

As naves de batalha de Melniboné eram raramente vistas em mar aberto nos tempos recentes, mas, em outros tempos, já haviam navegado os oceanos do mundo, como temíveis montanhas flutuantes de ouro trazendo terror toda vez que eram avistadas. A frota era maior naquela época, formada por centenas de embarcações. Agora havia menos de 40 navios. Mas, seriam suficientes. Na escuridão úmida, esperavam seus inimigos.

Ouvindo o chicotear da água contra os lados do navio, Elric desejava ter sido capaz de conceber um plano melhor do que este. Ele tinha certeza de que iria funcionar, mas se arrependia por causa da perda de tantas vidas, tanto as dos melniboneanos quanto as dos bárbaros. Teria sido melhor se houvesse alguma forma de amedrontar os bárbaros para longe ao invés de prendê-los no labirinto. A frota dos bárbaros do sul não era a primeira a se sentir atraída pela riqueza fabulosa de Imrryr. As tripulações de bárbaros não foram as primeiras a acreditar que os melniboneanos, por nunca terem se aventurado para muito longe da Cidade dos Sonhos, tenham se tornado decadentes e incapazes de defender os seus tesouros. E por isso os bárbaros do sul devem ser destruídos, para que sirvam como uma lição. Melniboné ainda era forte. Forte o suficiente, na visão de Yyrkoon, para retomar sua antiga dominação sobre o mundo – se não era forte em seu poderio militar, o era pelo menos em magia.

– Ouçam! – O almirante Magum Colim se esticou para frente. – Esse som é de um remo?

Elric assentiu.

– Eu acho que sim.

Agora eles ouviam o bater ritmado vindo das fileiras de remos mergulhando para dentro e para fora da água, e o rangido de madeiras. Os bárbaros do sul estavam chegando. O Filho de Pyaray era o navio mais próximo da entrada e seria o primeiro a sair, mas apenas quando o último dos navios dos bárbaros já tivesse passado. O almirante Magum Colim apagou a lanterna, então, rápida e silenciosamente, desceu para informar sua tripulação da chegada dos invasores.

Não muito tempo antes, Yyrkoon usou sua magia para invocar uma névoa peculiar, que ocultou as barcas douradas, mas através da qual quem estivesse nos navios melniboneanos poderia perscrutar. Agora Elric via tochas acesas no canal em frente enquanto os saqueadores cuidadosamente avançavam pelo labirinto. Em poucos minutos, dez das galés haviam passado pela gruta. O almirante Magum Colim voltou para junto de Elric na ponte, e agora o Príncipe Yyrkoon estava com ele. Yyrkoon também usava um elmo com um dragão, embora menos grandioso que o de Elric, pois este era chefe dos poucos Príncipes Dragões sobreviventes de Melniboné. Yyrkoon estava sorrindo através da penumbra e seus olhos brilhavam em antecipação ao derramamento de sangue que estava por vir. Elric desejou que o Príncipe Yyrkoon tivesse escolhido outro navio onde ficar, mas ele tinha o direito de estar a bordo da nau capitânia, e isso não lhe podia ser negado.

Agora metade dos cem navios já haviam passado.

A armadura de Yyrkoon rangeu enquanto, com impaciência, esperava andando pela ponte, com a mão no punho da espada:

– Em breve – ele ficava dizendo para si mesmo. – Em breve.

Então, a âncora deles gemeu ao ser recolhida, e os remos mergulharam na água quando o último navio passou, e a nau capitânia avançou da gruta para o canal, abalroando a galera inimiga bem no meio e quebrando-a em duas.

Um grito forte veio da tripulação bárbara. Homens eram arremessados em todas as direções. Tochas dançavam de forma irregular sobre as ruínas do convés, enquanto os homens tentavam se salvar evitando cair nas águas escuras e frias do canal. Algumas lanças corajosas atingiram os lados da nau capitânia melniboneana quando ela começou a deslizar entre os escombros que tinha criado. Mas os arqueiros de Imrryr devolveram os tiros e os poucos sobreviventes tombaram.

O som do conflito foi o sinal para as outras barcas de batalha. Em perfeita ordem, elas vieram dos dois lados dos muros altos de pedra. Deve ter parecido aos bárbaros, atônitos, que os grandes navios dourados tinham, na verdade, emergido da pedra sólida – navios fantasmas cheios de demônios que atiravam chuvas de lanças sobre eles. Agora o canal todo era uma confusão e uma mistura de gritos de guerra ecoou, e o choque de aço sobre aço era como o sibilar selvagem de uma cobra monstruosa. A própria frota de ataque lembrava uma cobra que havia sido partida em um centena de pedaços pelos altos e implacáveis navios dourados de Melniboné. Estes navios pareciam quase serenos enquanto se moviam contra os seus inimigos.

Mas os bárbaros do sul eram bravos e mantiveram suas cabeças no lugar após o espanto inicial. Três de suas galés dirigiram-se diretamente para O Filho do Pyaray, reconhecendo-a como a nau principal. Flechas de fogo voaram para o céu e caíram em seu convés – que era de madeira e não protegida pela blindagem dourada –, provocando fogo onde caíam, ou levando chamas mortais aos homens que atingiam.

Elric levantou seu escudo acima da cabeça e duas flechas o atingiram, espirrando as chamas para o convés mais abaixo. Ele saltou sobre a amurada, seguindo as chamas, caindo no convés maior e mais exposto, onde seus guerreiros estavam se agrupando, prontos para lidar com as galeras de ataque. Catapultas lançaram

bolas de fogo azul através da escuridão, errando por pouco as três galeras inimigas. Outra saraivada se seguiu e uma massa incandescente atingiu o mastro da galera mais distante, explodindo sobre o convés e espalhando chamas enormes onde quer que tocasse. Arpéus foram lançados e atingiram o primeiro navio, arrastando-o para perto. Elric foi um dos primeiros a saltar para o convés adversário, avançando rapidamente até encontrar o capitão dos bárbaros do sul com sua armadura grosseira coberta por uma túnica xadrez, segurando uma grande espada com ambas as mãos enormes, gritando para seus homens resistirem aos cães melniboneanos.

Quando Elric se aproximou da ponte, três bárbaros armados com espadas curvas pequenas e escudos oblongos correram na direção dele. Seus rostos estavam cheios de temor, mas também de determinação, como se soubessem que iriam morrer, mas planejando causar o máximo de destruição que pudessem antes de terem suas almas tomadas.

Deslocando o escudo de guerra em seu braço, Elric segurou também sua espada com ambas as mãos e desafiou os navegantes, derrubando um deles com a aba do escudo e quebrando a clavícula de outro. O bárbaro restante pulou de lado e deu um golpe com a espada curva na direção do rosto de Elric, que escapou por pouco do golpe. Mas a borda afiada da espada roçou seu rosto, arrancando uma ou duas gotas de sangue. Elric girou a espada como se fosse uma foice, e ela penetrou profundamente na cintura do bárbaro, quase o cortando em dois. Ele reagiu por um momento, incapaz de acreditar que estava morto, mas, depois, quando Elric puxou a espada, ele fechou os olhos e caiu. O homem que havia sido atingido pelo escudo de Elric estava cambaleando aos pés dele, então Elric girou, viu-o, e esmagou seu crânio com a espada. Agora o caminho estava livre para a ponte. Elric começou a subir a escada, notando que o capitão o havia visto e esperando por ele no topo.

Elric ergueu o escudo para tomar o primeiro golpe do capitão. Através de todo o barulho, ele pensou ter ouvido o homem gritar com ele.

– Morra, seu demônio de pele pálida! Morra! Você não tem mais lugar nesta terra!

Elric quase se distraiu por causa dessas palavras. Elas soaram como verdadeiras para ele. Talvez ele realmente não tivesse lugar na terra, talvez por isso Melniboné estivesse lentamente entrando em colapso. Por isso, menos crianças nasciam a cada ano, e até mesmo os dragões não estavam mais se reproduzindo. Ele deixou o capitão dar outro golpe no escudo, então estendeu a mão sob ele para agarrar as pernas do homem. Mas o capitão tinha antecipado o movimento e saltou para trás. Isso, no entanto, deu tempo a Elric para correr os passos restantes e ficar na plataforma, de frente para o capitão.

O rosto do homem ficou quase tão pálido quanto o de Elric. Ele estava suado e ofegante, com os olhos revelando um medo selvagem.

– Você deve nos deixar em paz – Elric ouviu-se dizendo. – Não lhe causamos mal algum, bárbaro. Quando foi a última vez que Melniboné investiu contra os Reinos Jovens?

– Você nos faz mal com sua própria presença, Carabranca. Sua feitiçaria. Seus costumes. E sua arrogância.

– É por isso que vieram aqui? Seus ataques foram motivados pela aversão que sentem? Ou vocês iriam se servir de nossa riqueza? Admita, capitão! A ganância o trouxe para Melniboné.

– Pelo menos a ganância é uma qualidade honesta, uma qualidade compreensível. Mas vocês, criaturas, não são humanas. Pior! Não são deuses, embora se comportem como tais. O seu tempo acabou e vocês devem ser exterminados, sua cidade destruída, suas feitiçarias esquecidas.

Elric assentiu.



– Talvez você esteja certo, capitão.

– Eu estou certo. Nossos homens santos dizem o mesmo. Nossos videntes previram sua queda. Os próprios Senhores do Caos a quem vocês servem, provocarão o seu fim.

– Os Senhores do Caos já não têm qualquer interesse nos assuntos de Melniboné. Eles levaram embora seu poder há quase mil anos. – Elric observou o capitão cuidadosamente, avaliando a distância entre eles. – Talvez seja por isso que nosso próprio poder diminuiu. Ou talvez simplesmente nos cansamos do poder.

– Seja como for, – disse o capitão, enxugando a testa suada – o tempo de vocês acabou. Vocês devem ser destruídos de uma vez por todas. – Então ele gemeu, pois a espada longa de Elric atravessou sua couraça peitoral e penetrou em seu estômago e pulmões.

Um joelho dobrado, uma perna esticada para trás, Elric começou a retirar a espada longa, olhando para o rosto do bárbaro que agora assumia uma expressão de reconciliação.

– Isso foi injusto, Carabranca. Mal tínhamos começado a conversar e você interrompeu. Você é muito hábil. Que você sofra eternamente no Inferno Superior. Adeus.

Depois que o capitão caiu de bruços no convés, Elric cortou seu pescoço com a espada até que a cabeça rolou para fora do corpo, para o lado da ponte e foi, então, chutada para fora até afundar nas águas frias e profundas.

Então Yyrkoon veio por trás de Elric, ainda sorrindo.

– Você luta ferozmente e bem, meu senhor imperador. Aquele homem morto estava certo.

– Certo? – Elric olhou para seu primo. – Certo?

– Sim... Na avaliação dele quanto à sua proeza – E, rindo, Yyrkoon foi supervisionar seus homens que estavam acabando com os poucos invasores que restaram.

Elric não sabia por que tinha se recusado a odiar Yyrkoon antes. Mas agora odiava Yyrkoon. Naquele momento, ele o teria matado de

bom grado. Era como se Yyrkoon tivesse olhado profundamente na alma de Elric e expressado desprezo pelo que viu lá.

Subitamente Elric foi dominado por um tormento cheio de raiva e desejou de todo o coração que não fosse um melniboneano, que não fosse um imperador, e que Yyrkoon jamais tivesse nascido.

<sup>1</sup>\* Na mitologia melniboneana, Arioch é um dos Senhores do Caos. (N. T.)

# Capítulo 6

## Perseguição: uma traição deliberada



Como arrogantes Leviatãs, as grandes barcas douradas de batalha avançavam pelos destroços da frota dos saqueadores. Alguns navios queimavam enquanto outros estavam afundando, mas a maioria já havia submergido nas imensuráveis profundezas do canal. Os navios em chamas produziam estranhas sombras que dançavam contra as paredes úmidas das cavernas, como se os fantasmas dos mortos oferecessem uma última saudação antes de partirem para as profundezas do mar, onde, dizia-se, o rei do Caos ainda comandava sua sinistra tripulação formada pelas almas de todos os que morreram em conflito nos oceanos do mundo. Ou talvez eles tenham tido um destino mais gentil, servindo Straasha, Senhor dos Elementais da Água, que governa a superfície do mar.

Contudo, alguns navios escaparam. De alguma forma, esses marinheiros bárbaros conseguiram passar pelas enormes barcas de batalha, navegaram de volta através do canal e podem estar chegando agora mesmo ao mar aberto. Isto é o que foi relatado para a nau capitânia, onde Elric, Magum Colim e o Príncipe Yyrkoon estavam agora, juntos de novo na ponte, observando a destruição que haviam causado.

– Então devemos persegui-los e acabar com eles – disse Yyrkoon. Estava suando e seu rosto sombrio resplandecia com os olhos incendiados pela febre. – Devemos persegui-los.

Elric encolheu os ombros. Estava fraco. Não trouxera nenhuma droga consigo para repor sua força. Ele queria voltar para Imrryr e descansar. Estava cansado do derramamento de sangue, cansado de Yyrkoon e cansado, acima de tudo, de si mesmo. O ódio que estava sentindo por seu primo o consumia ainda mais – e ele odiava esse ódio, o que era a pior parte.

– Não, – disse. – Deixe-os ir.

– Deixá-los ir? Impunes? Senhor, meu rei, este não é o modo como procedemos! – O Príncipe Yyrkoon voltou-se para o almirante. – Este é o nosso modo, almirante Magum Colim?

Magum Colim encolheu os ombros. Ele também estava cansado, mas intimamente concordava com o Príncipe Yyrkoon. Um inimigo de Melniboné deve ser punido apenas pela ousadia de pensar em atacar a Cidade dos Sonhos. No entanto, disse:

– O imperador é quem deve decidir.

– Deixe-os ir – disse Elric novamente. Ele se inclinou pesadamente contra a amurada do barco. – Deixe-os levar a notícia de volta às suas terras bárbaras. Deixe-os dizer como os Príncipes Dragões os derrotaram. A notícia vai se espalhar. Acredito que não seremos perturbados por invasores novamente por algum tempo.

– Os Reinos Jovens estão repletos de tolos – Yyrkoon respondeu. – Eles não vão acreditar nisso. Sempre haverá invasores. A melhor maneira de adverti-los será tendo a certeza de que nenhum bárbaro do sul permaneça livre ou vivo.

Elric respirou fundo e tentou lutar contra a fraqueza que ameaçava dominá-lo.

– Príncipe Yyrkoon, você está testando minha paciência...

– Mas, meu imperador, penso apenas no bem de Melniboné. Certamente não quer que seu povo diga que você é fraco, que teme uma luta contra apenas cinco galés de bárbaros?

Desta vez, a raiva de Elric trouxe-lhe força.

– Quem irá dizer que Elric é fraco? Será que vai ser você, Yyrkoon? – Ele sabia que sua próxima afirmação não faria sentido, mas não havia nada que pudesse fazer para parar. – Muito bem, vamos perseguir estes pobres barquinhos e afundá-los. Mas façamos isso logo! Estou cansado de tudo isso.

Havia um brilho misterioso no olhar de Yyrkoon quando ele se virou para repetir as ordens.



O céu estava passando de preto para cinza quando a frota melniboneana alcançou o mar aberto e virou as suas proas para o sul em direção ao Mar da Ebulição e do continente sul. Os navios bárbaros não iriam navegar pelo Mar da Ebulição – nenhum navio mortal conseguiria fazer isso –, mas iriam, sim, contorná-lo. Não que os navios bárbaros não fossem capazes de sequer alcançar as margens do Mar da Ebulição, já que os enormes barcos de batalha eram embarcações muito rápidas. Os escravos que puxavam os remos estavam cheios de uma droga que, antes de matá-los, aumentava sua velocidade e sua força por mais tempo. E agora as velas foram levantadas, aproveitando ao máximo o vento. Os navios eram como montanhas de ouro deslizando rapidamente sobre o mar; o método usado para construí-los era um segredo perdido até mesmo para os melniboneanos (que perderam muito desses conhecimentos do passado). Era fácil imaginar como homens dos Reinos Jovens odiavam Melniboné e suas invenções, pois parecia que as barcas de batalha pertenciam a uma época mais velha e estranha, à medida que avançavam para as galeras dos bárbaros que agora eram avistadas no horizonte.

O Filho do Pyaray estava à frente do resto da frota, com as catapultas preparadas bem antes de qualquer um de seus navios companheiros conseguirem ver o inimigo. Escravos encharcados de

suor cautelosamente manipulavam o material viscoso das bolas de fogo, levando-as para os lançadores de bronze das catapultas com longas pinças em forma de colher na ponta, com um brilho tremulante na escuridão antes do amanhecer.

Agora os escravos subiam os degraus para a ponte e traziam vinho e comida em pratos de platina para os três Príncipes Dragões que permaneceram lá desde que a perseguição havia começado. Elric não conseguia reunir forças para comer, mas pegou uma taça de vinho amarelo e a esvaziou. A bebida era forte e reanimou-o um pouco. Outra taça foi servida e ele a bebeu tão rapidamente quanto a outra. Olhou adiante. Já estava quase amanhecendo. Havia uma linha de luz púrpura no horizonte.

– Ao primeiro sinal do disco do sol, – disse Elric – joguem as bolas de fogo.

– Darei a ordem, – disse Magum Colim, limpando os lábios e colocando de lado o osso da carne que acabara de mastigar. Ele deixou a ponte. Elric ouviu seus pés golpeando os degraus pesadamente. De modo quase sobrenatural, o albino começou a se sentir cercado por inimigos. Havia algo estranho na forma que Magum Colim discutiu com o Príncipe Yyrkoon. Elric tentou se livrar de tais pensamentos insensatos. Mas o cansaço, a insegurança, o escárnio escancarado de seu primo, tudo contribuiu para aumentar a sensação de que ele estava sozinho e sem amigos no mundo. Mesmo Cymoril e Dyvim Tvar eram, afinal, melniboneanos e não poderiam entender as preocupações peculiares que o moviam e ditavam suas ações. Talvez fosse sensato renunciar a tudo que se referisse a Melniboné e vagar pelo mundo como um soldado anônimo, servindo quem quer que precisasse de seu auxílio.

O moroso semicírculo vermelho do sol surgiu acima da distante linha onde terminava o mar. Houve uma série de estampidos na parte frontal do convés da nau capitânia quando as catapultas deram tiros flamejantes, produzindo um assovio agudo que sumia à

medida que se distanciava, como se uma dúzia de meteoros deslizesse através do céu na direção das cinco galés que estavam agora a pouco mais de trinta navios de distância.

Elric viu duas galeras se incendiando, mas as três restantes começaram a navegar em zigue-zague para evitar as bolas de fogo que caíam na água e queimavam violentamente por um tempo antes de desaparecerem (ainda queimando) nas profundezas.

Mais bolas de fogo foram preparadas e Elric ouviu Yyrkoon gritar do outro lado da ponte, ordenando aos escravos que se esforçassem ainda mais. Então, os navios fugitivos mudaram de tática, evidentemente percebendo que não conseguiriam ficar a salvo por muito tempo. Espalharam-se e, em seguida, partiram na direção do Filho do Pyaray, assim como os outros navios haviam feito no labirinto. Não era apenas sua coragem que Elric admirava, mas a habilidade para manobrar os navios e a rapidez com que chegaram a esta lógica, mesmo que desesperada, decisão.

O sol estava por trás dos navios bárbaros no momento em que eles viraram. Três valentes silhuetas se aproximavam da nau capitânia melniboneana quando o mar se tingiu do escarlate da luz do sol que surgia, como se antecipasse o banho de sangue que estava por vir.

Outra saraivada de bolas de fogo foi arremessada da nau e a galera principal tentou se desviar, mas dois dos globos de fogo se espalharam bem em cima do convés, e em pouco tempo o navio inteiro foi tomado pelo fogo. Homens em chamas pulavam na água ou atiravam flechas na nau. Ainda que os tripulantes estivessem morrendo, o navio em chamas continuava a avançar na direção da nau; alguém travou o leme da galera, colocando-a em rota de colisão com O Filho do Pyaray. Ela atingiu a lateral da barca e parte do fogo líquido espirrou no convés, onde as principais catapultas estavam em posição. Um caldeirão contendo o líquido inflamável foi destruído e imediatamente os homens começaram a correr para

todos os lados para tentar conter as chamas. Elric sorriu, malicioso, quando percebeu o que os bárbaros haviam feito. Talvez aqueles que estavam no navio permitiram, deliberadamente, que o navio fosse atingido pelas chamas. Agora, a maioria da tripulação da nau capitânia estava empenhada em apagar o incêndio, enquanto isso os bárbaros emparelharam os navios para jogarem seus próprios arpéus e comecem a abordagem.

– Cuidado, estão subindo a bordo! – Elric gritou muito tempo depois do que o necessário para preparar sua tripulação. – Os bárbaros estão atacando.

Ele viu Yyrkoon olhando em volta de si, analisando a situação, e se apressando a descer os degraus da ponte.

– Você fica lá, meu rei – falou a Elric enquanto desaparecia. – Você está visivelmente muito cansado para lutar.

E Elric invocou tudo o que restava de sua força e, mesmo trôpego, seguiu o primo para ajudar na defesa do navio.

Os bárbaros não estavam lutando por suas vidas – sabiam que elas já lhes seriam tomadas. Estavam lutando por seu orgulho. Queriam levar um navio melniboneano com eles para o fundo do mar e esse navio tinha de ser a própria nau capitânia. Era difícil desprezar tais homens. Eles sabiam que, mesmo se conseguissem afundar a nau, os outros navios da frota dourada logo acabariam com eles.

Mas os outros navios ainda estavam a alguma distância. Muitas vidas seriam perdidas antes de chegarem à nau capitânia.

No convés mais baixo, Elric se viu diante de um par de bárbaros muito altos, cada um armado com uma lâmina curva e um pequeno escudo oblongo. Ele se lançou para frente, mas sua armadura parecia se arrastar com seus membros. Seu escudo e espada eram tão pesados que mal conseguia levantá-los. Duas espadas atingiram seu elmo quase simultaneamente. Ele pulou para trás, pegou um homem pelo braço e acertou o outro com seu escudo. Uma lâmina



curva ressoou nas costas de sua armadura, e ele quase perdeu o equilíbrio. Havia uma fumaça sufocante por todo lado, além do calor e do tumulto da batalha. Desesperado, girou e sentiu sua espada penetrar profundamente na carne. Um de seus oponentes caiu, agonizando, com sangue jorrando da boca e do nariz. O outro atacou. Elric recuou, caiu sobre o cadáver do homem que ele havia matado, sua espada apontando para frente em uma das mãos. E quando o bárbaro triunfante saltou para frente a fim de acabar com o albino, Elric o acertou com a ponta da espada, atravessando-o com ela. O homem, morto, caiu em direção a Elric, que não sentiu o impacto, pois já havia desmaiado. Não pela primeira vez, seu sangue deficiente – não mais enriquecido pelo uso de drogas – o traiu.



Ele sentiu sabor de sal e pensou a princípio que fosse sangue. Mas era água do mar. Uma onda surgiu sobre o convés e momentaneamente o fez reviver. Ele se esforçou para sair rastejando debaixo do homem morto e então ouviu uma voz que lhe era familiar. Torceu o pescoço e olhou para cima.

O Príncipe Yyrkoon estava lá, em pé, com um sorriso cínico. Estava se regozijando com a situação de Elric. Uma fumaça preta e pegajosa ainda se espalhava por todo lugar, mas os sons de luta já tinham acabado.

– Nós... nós vencemos, primo? – Elric falou dolorosamente.

– Sim. Os bárbaros estão todos mortos agora. Estamos prestes a navegar para Imrryr.

Elric ficou aliviado, iria morrer logo se não chegasse ao seu depósito de poções.

Seu alívio deve ter sido evidente, pois Yyrkoon gargalhou.

– Que bom que a batalha não durou mais tempo, meu senhor, ou acabaríamos sem o nosso líder.

– Ajude-me a levantar, primo. – Elric odiava pedir qualquer favor ao Príncipe Yyrkoon, mas não tinha escolha. Ele estendeu a mão vazia. – Estou bem o suficiente para inspecionar o navio.

Yyrkoon veio para frente como se fosse pegar a mão do primo, mas então hesitou, ainda sorrindo.

– Creio que irei discordar, meu senhor. Estará morto no momento em que este navio virar para o leste outra vez.

– Bobagem. Mesmo sem as drogas eu consigo viver por um tempo considerável, embora seja difícil me mover. Ajude-me a levantar, Yyrkoon, eu lhe ordeno.

– Você não pode me dar ordens, Elric. Eu sou o imperador, agora.

– Tenha cuidado, primo. Posso ignorar tal traição, mas outros não o farão. Eu posso ser obrigado a...

Yyrkoon saltou por sobre Elric e foi para a amurada. Havia alguns pinos que mantinham uma parte da amurada fixa enquanto não era utilizada como passagem para a prancha de desembarque. Yyrkoon soltou lentamente os pinos e chutou aquela parte da amurada para dentro da água.

Agora o esforço de Elric para se libertar ficou mais desesperado. Mas ele mal podia se mover. Yyrkoon, por outro lado, parecia possuído por uma força não natural. Ele se curvou e facilmente jogou o cadáver para longe de Elric.

– Yyrkoon – disse Elric – esta não é uma atitude sensata.

– Nunca fui um homem muito cauteloso, primo, como você bem sabe. – Yyrkoon começou a empurrar Elric pelas costelas com a bota. Elric deslizou em direção a amurada aberta, podia ver o escuro do mar se aproximando. – Adeus, Elric. Agora, um verdadeiro melniboneano se sentará no Trono Rubi. E, quem sabe, pode até fazer de Cymoril sua rainha? Não seria algo novo...

Elric sentiu seu corpo rolar. Sentiu estar caindo, sentiu atingir a água, sentiu sua armadura puxando-o para baixo da superfície. E as últimas palavras de Yyrkoon martelavam em seus ouvidos como o

persistente bater das ondas contra as laterais da barca dourada de batalha.

## **Dois**

Menos certo de si mesmo, ou de seu destino, como jamais estivera, o rei albino deve, forçosamente, colocar seus poderes de feitiçaria em jogo, consciente de que embarcou em um curso de ação que nada se assemelha à sua ideia original da vida que desejava. E agora muitas questões devem ser resolvidas. Ele deve começar a governar. Deve se tornar cruel. Mas mesmo assim não vai encontrar nada além de frustração.

# Capítulo 1

## As cavernas do rei do mar

**E**lric afundou rapidamente, tentando em desespero manter um último fôlego em seus pulmões. Ele não tinha forças para nadar, e o peso da armadura impedia qualquer esperança de que pudesse voltar à superfície e ser visto por Magum Colim ou um dos outros ainda leais a ele.

O rugido em seus ouvidos foi se transformando aos poucos em um sussurro, até que pareceu que pequenas vozes estivessem falando com ele, as vozes dos Elementais da Água, com quem, em sua juventude, tinha uma espécie de amizade. A dor em seus pulmões desapareceu; a névoa avermelhada afastou-se de seus olhos e ele pensou ter visto o rosto de seu pai, Sadric, o de Cymoril e, fugazmente, o de Yyrkoon. Yyrkoon estúpido: ele se orgulhava tanto de ser um melniboneano, que acabava por lhe faltar a sutileza melniboneana. Era tão brutal e direto quanto alguns dos bárbaros dos Reinos Jovens que tanto desprezava. E agora Elric começou a se sentir quase grato ao primo. Sua vida tinha acabado. Os conflitos que atormentavam sua mente não seriam mais problema para ele. Seus medos, seus tormentos, seus amores e seus ódios ficaram todos no passado, e apenas o esquecimento estava diante de si. Quando a última respiração deixou seu corpo, entregou-se totalmente ao mar; para Straasha, Senhor de todos os Elementais da Água, que em outros tempos foi o companheiro do povo melniboneano. Ele se lembrou do antigo feitiço que seus

antepassados usavam para chamar Straasha. O feitiço veio espontaneamente em seu cérebro moribundo.

Águas do mar, nos deste a vida  
E foste nossa mãe e alimento  
Em dias em que os céus estiveram nublados  
Vós, que fostes as primeiras, sereis as últimas.

Governantes do mar, pais de nosso sangue,  
Vossa ajuda é desejada, vossa ajuda é desejada,  
Vosso sal é sangue, nosso sangue o seu sal,  
Vosso sangue o sangue do Homem.

Straasha, rei eterno, mar eterno  
Tua ajuda é desejada por mim;  
Pois os inimigos teus e meus  
Procuram derrotar o nosso destino,  
E evaporar nosso mar.

Ou as palavras tinham um significado velho e simbólico, ou se referiam a algum incidente na história de Melniboné que nem mesmo Elric tinha lido a respeito. As palavras tinham pouco significado para ele e ainda assim continuavam a se repetir enquanto seu corpo afundava cada vez mais fundo nas águas esverdeadas. Mesmo quando a escuridão tomou conta dele e seus pulmões se encheram de água, as palavras continuaram a sussurrar nos corredores de sua mente. Era estranho estar morto e ainda ouvir o encantamento.

Parecia ter passado um longo tempo até que seus olhos se abriram e revelaram a água formando um redemoinho ao seu redor e vultos imensos e vagos deslizando em sua direção. A morte, parecia, estava demorando a chegar e, enquanto morria, ele

sonhou. O vulto principal tinha barba e cabelo azul-turquesa, pele verde pálida que parecia feita do próprio mar e, quando falou, foi com uma voz que era como ondas batendo. Ele sorriu para Elric.

– Straasha atende ao seu chamado, mortal. Nossos destinos estão unidos. Como posso ajudá-lo e, fazendo isso, ajudar a mim mesmo?

A boca de Elric estava cheia d'água e, mesmo assim, ele parecia capaz de falar (provando assim que estava sonhando).

Ele disse:

– Rei Straasha. As pinturas na Torre de D'a'rputna na biblioteca. Lembro-me delas de quando era menino, rei Straasha.

O rei do mar estendeu suas mãos verdes-mares.

– Sim. Você enviou o chamado. Precisa de nossa ajuda. Nós honramos o nosso antigo pacto com seu povo.

– Não. Eu não tive a intenção de chamá-lo. Aconteceu espontaneamente em minha mente moribunda. Estou feliz por me afogar, rei Straasha.

– De forma alguma. Se a sua mente nos convocou, isso significa que você deseja viver. Nós vamos ajudá-lo. – A barba do rei Straasha flutuava ao fluxo da maré e seus olhos verdes e profundos eram delicados, quase carinhosos, enquanto olhavam para o albino.

Elric fechou os olhos novamente.

– É um sonho – disse ele. – Estou me iludindo com fantasias de esperança. – Ele sentiu a água em seus pulmões e sabia que já não mais respirava. Era lógico concluir, portanto, que estava morto. – Mas se você fosse real, velho amigo, e desejasse me ajudar, iria me levar de volta a Melniboné para que eu pudesse lidar com o usurpador, Yyrkoon, e salvar Cymoril, antes que fosse tarde demais? Esse é o meu único remorso... O tormento que Cymoril sofrerá se o irmão tornar-se imperador de Melniboné.

– Isso é tudo o que você pede dos Elementais da Água? – O rei Straasha parecia desapontado.

– Nem mesmo isso peço de vocês. Eu só expresso o que teria desejado, se isso tudo fosse real e eu estivesse de fato falando, algo que sei ser impossível. Agora sei que morrerei.

– Isso não acontecerá, Senhor Elric, pois nossos destinos estão interligados e sei que ainda não é seu destino perecer. Por isso o ajudarei da maneira como sugeri.

Elric ficou surpreso com a nitidez dos detalhes desta fantasia. E disse para si mesmo:

– A que tormento cruel estou me sujeitando! Agora preciso começar a admitir minha morte...

– Você não pode morrer. Não ainda.

Agora era como se as mãos gentis do rei do mar o tivessem recolhido e carregado através de corredores sinuosos de uma delicada textura coral rosa, levemente sombreada, já não mais na água. E Elric sentiu a água desaparecer de seus pulmões e estômago e conseguiu respirar. Será possível que ele realmente havia sido levado para a lendária dimensão do povo elemental? Uma dimensão que cruzava com a dimensão terrena e na qual eles habitavam a maior parte do tempo?

Em uma enorme caverna circular, cheia do brilho rosa e azul de madrepérolas, finalmente eles puderam fazer uma pausa. O rei do mar colocou Elric no chão da caverna, que parecia estar coberta por uma areia fina e branca.

Quando o rei Straasha se movia, o som era como o de uma maré se recolhendo para as pedras da praia. O rei do mar atravessou a areia branca, caminhando em direção a um grande trono de jade leitoso. Sentou-se neste trono e repousou a cabeça verde no punho verde, observando Elric com um olhar intrigado, mas compassivo.

Elric ainda estava fisicamente fraco, mas conseguia respirar. Era como se a água do mar o tivesse preenchido e, em seguida, o purificado ao ser retirada. Ele sentia-se lúcido. E agora estava muito menos incerto se de fato sonhava.



– Ainda é difícil, para mim, compreender por que me salvou, Rei Straasha – murmurou de onde estava deitado na areia.

– A poesia rúnica. Nós a ouvimos neste plano e por isso viemos. Isso é tudo.

– Sim. Mas tem mais a ver com feitiçaria do que isso. Há cantos, símbolos, rituais de todos os tipos. Antigamente isso sempre era real.

– Talvez os rituais tomem o lugar da necessidade urgente, do tipo que enviou seu chamado para nós. Embora você diga que queria morrer, era evidente que você na verdade não queria morrer, ou o chamado não teria sido tão claro e nem teria chegado até nós tão rapidamente. Esqueça tudo isso agora. Quando você estiver descansado, faremos o que você nos pediu.

Dolorosamente, Elric ergueu-se um pouco até conseguir ficar sentado.

– Você falou anteriormente de destinos entrelaçados. Sabe então de alguma coisa sobre meu destino?

– Um pouco, creio eu. Nosso mundo está envelhecendo. Houve um tempo em que os elementais eram poderosos em sua dimensão, e o povo de Melniboné partilhava desse poder. Mas agora o nosso poder diminui, assim como acontece com o seu. Algo está mudando. Há indícios de que os Senhores dos Mundos Superiores estão novamente tomando interesse em seu mundo. Talvez eles temam que o povo dos Reinos Jovens tenham se esquecido deles. Talvez o povo dos Reinos Jovens ameace trazer uma nova era, onde deuses e seres como eu já não terão mais lugar. Eu suspeito que haja certo mal-estar nas dimensões dos Mundos Superiores.

– Você nada mais sabe?

Rei Straasha levantou a cabeça e olhou diretamente nos olhos de Elric.

– Não há nada mais que eu possa lhe dizer, filho de meus velhos amigos, exceto que você seria mais feliz se se entregasse

inteiramente ao seu destino quando for capaz de compreendê-lo.

Elric suspirou.

– Acho que sei do que você fala, rei Straasha. Devo tentar seguir o seu conselho.

– E agora que você descansou, é hora de voltar.

O rei do mar se levantou do trono de jade leitoso, deslizou na direção de Elric e segurou-o com os fortes braços verdes.

– Deveremos nos encontrar novamente antes que sua vida termine, Elric. Espero que seja capaz de ajudá-lo mais uma vez. E lembre-se de que os nossos irmãos do ar e do fogo tentarão ajudá-lo também. Lembre-se de que as feras... elas, também, podem ser úteis a você. Não há necessidade de desconfiar da ajuda delas. Mas cuidado com os deuses, Elric. Cuidado com os Senhores dos Mundos Superiores e lembre-se de que a ajuda e os presentes deles sempre terão de ser pagos.

Estas foram as últimas palavras que Elric ouviu o rei do mar falar antes de percorrerem novamente os túneis sinuosos deste outro plano, movendo-se a tal velocidade que Elric não conseguia distinguir nenhum detalhe e, às vezes, não sabia se eles continuavam no reino de Straasha ou se já tinham voltado para as profundezas do mar de seu próprio mundo.

## Capítulo 2

### Um novo imperador e um imperador renovado

**N**uvens estranhas encheram o céu e o sol pairava pesado, enorme e vermelho atrás deles. O oceano estava negro enquanto as galeras douradas navegavam para casa à frente de sua nau capitânia danificada, O Filho do Pyaray, que se movia lentamente com os escravos mortos em seus remos e as velas esfarrapadas e flácidas em seus mastros, os homens sujos de fumaça no convés e um novo imperador na ponte destruída pela batalha. O novo imperador era o único homem jubiloso na frota e estava de fato eufórico. Era sua bandeira, agora, não a de Elric, que estava em lugar de destaque no mastro principal, pois não perdeu tempo em anunciar a morte de Elric, e a si próprio como o governante de Melniboné.

Para Yyrkoon, o céu peculiar era um presságio de mudança, de um retorno às velhas maneiras e ao velho poder da Ilha do Dragão. Quando dava ordens, sua voz era um autêntico sussurro de prazer, e o almirante Magum Colim, que sempre foi atencioso com Elric, mas que agora tinha de obedecer às ordens de Yyrkoon, indagava se, talvez, não teria sido preferível lidar com Yyrkoon da mesma maneira que, suspeitava, Yyrkoon tinha lidado com Elric.

Dyvim Tvar inclinou-se sobre a amurada de seu navio, o Satisfação Particular de Terhali, e também prestou atenção ao céu; no entanto, diferentemente de Yyrkoon, viu presságios de desgraça, pois, de luto por Elric, considerava como poderia se vingar do

Príncipe Yyrkoon, caso fosse revelado que este havia assassinado seu primo pela posse do Trono Rubi.

Melniboné apareceu no horizonte, uma silhueta sobre enormes penhascos, um monstro sombrio rastejando sobre o mar, carregando em suas costas os prazeres da Cidade dos Sonhos, Imrryr. Os grandes penhascos assomavam e o portão principal para o labirinto se abriu. A água batia e recuava quando as proas douradas a perturbavam, e os navios dourados foram engolidos pela escuridão úmida dos túneis, onde pedaços de destroços, cadáveres brancos e inchados ainda flutuavam desde o encontro da noite anterior e podiam ser vistos quando a iluminação os tocava. As proas passavam arrogantemente pelos restos de suas presas, mas não havia nenhuma alegria a bordo das barcas douradas de batalha, pois elas traziam a notícia da morte do seu antigo imperador em batalha (Yyrkoon disse a todos que era isso que tinha acontecido). Na noite seguinte e durante sete noites ao todo, a Dança Selvagem de Melniboné iria encher as ruas. Poções e feitiços iriam assegurar que ninguém dormisse, pois o sono era proibido a qualquer melniboneano, velho ou jovem, durante o luto por um imperador.

Nus, os Príncipes Dragões espreitariam a cidade, tomando qualquer jovem mulher que encontrassem e a preencheriam com sua semente, pois era tradição que, se um imperador morresse, os nobres de Melniboné deveriam criar tantos filhos de sangue aristocrático quanto fosse possível. Escravos músicos iriam uivar no topo de cada torre. Outros escravos seriam mortos e alguns comidos. Era uma dança horrível, a Dança do Sofrimento, e ela tomava tantas vidas quanto criava. Uma torre seria demolida e uma nova seria construída durante esses sete dias, que passaria a se chamar Elric VIII, o Imperador Albino, morto no mar defendendo Melniboné contra os piratas bárbaros do sul.

Assassinado no mar e seu corpo levado pelas ondas. Isso não era um bom presságio, pois significava que Elric se fora para servir

Pyaray, o Murmurante de Tentáculos e de Segredos Impossíveis, o Senhor do Caos que comandava a frota do Caos: navios mortos, marinheiros mortos, eternamente em seu poder. E não era adequado que tal destino vitimasse um membro da linhagem real de Melniboné. Ah, mas o luto seria longo, pensou Dyvim Tvar, que amara Elric, por tudo o que ele, às vezes, desaprovava quanto a seus métodos de governar a Ilha do Dragão. Secretamente ele iria para as Cavernas dos Dragões naquela noite, para passar o período de luto com as criaturas adormecidas, que, agora que Elric estava morto, eram tudo o que ele tinha para amar. Dyvim Tvar então pensou em Cymoril, que aguardava o retorno de Elric.

Os navios começaram a surgir à meia-luz do anoitecer. Tochas e braseiros já queimavam no cais de Imrryr, que estava deserto, exceto por um pequeno grupo de figuras que estavam ao redor de uma carruagem parada no extremo do dique central. Um vento frio soprou. Dyvim Tvar sabia que era a princesa Cymoril que esperava pela frota com seus guardas.

Embora a nau capitânia tenha sido a última a passar pelo labirinto, os demais navios tiveram de esperar até ela ser rebocada para o porto primeiro. Não fosse isso uma tradição exigida pelos costumes de Melniboné, Dyvim Tvar teria deixado o navio para dizer a Cymoril o que sabia das circunstâncias da morte de Elric. Mas isso era impossível. Mesmo antes do Satisfação Particular de Terhali lançar âncora, a principal rampa de desembarque da nau O Filho do Pyaray foi baixada e o Imperador Yyrkoon, cheio de orgulho e arrogância, desceu por ela, os braços levantados em saudação triunfante para sua irmã, que de longe procurava por um sinal de seu amado albino pelo convés de cada navio.

Cymoril percebeu que Elric estava morto e suspeitou que Yyrkoon tinha, de alguma forma, sido responsável pela sua morte. Ou Yyrkoon tinha permitido que Elric fosse derrubado por um grupo de bárbaros do sul ou ele próprio havia conseguido matar Elric. Ela

conhecia o irmão e reconhecia aquela sua expressão. Ele estava satisfeito consigo mesmo, como sempre ficava quando obtinha sucesso em algum tipo de traição ou trapaça. A raiva brilhou nos seus olhos cheios de lágrimas e ela gritou para o céu, inconstante e agourento:

– Oh! Yyrkoon o matou!

Seus guardas ficaram assustados. O capitão falou solícito:

– Senhora?

– Ele está morto, meu irmão o matou. Prenda o Príncipe Yyrkoon, capitão! Mate o Príncipe Yyrkoon, capitão!

Desgraçadamente, o capitão colocou a mão direita no punho de sua espada. Outro jovem guerreiro, mais impetuoso, desembainhou sua lâmina, murmurando:

– Vou matá-lo, princesa, se esse for o seu desejo. – O jovem guerreiro amava Cymoril com considerável e impensada intensidade.

O capitão deu um olhar de advertência para o guerreiro, mas ele estava cego. Agora, dois outros deslizaram as espadas de suas bainhas quando Yyrkoon – a capa vermelha agitando ao vento, o elmo de dragão refletindo a luz das tochas acesas – caminhou para frente e gritou:

– Yyrkoon é o imperador agora!

– Não! – gritou a irmã de Yyrkoon. – Elic! Elic! Onde você está?

– Servindo seu novo mestre, Pyaray do Caos. Suas mãos mortas puxam o remo de um navio do Caos, irmã. Seus olhos mortos nada veem. Seus ouvidos mortos ouvem apenas o estalar de chicotes de Pyaray e sua carne morta se encolhe de dor, sentindo nada além de um chicote sobrenatural. Elic afundou com sua armadura para o fundo do mar.

– Assassino! Traidor! – Cymoril começou a soluçar.

O capitão, que era um homem pragmático, disse aos seus guerreiros em voz baixa:

– Recolham suas armas e saúdem o novo imperador.

Somente o jovem guarda que amava Cymoril desobedeceu.

– Mas ele matou o imperador! Minha senhora Cymoril disse isso!

– O que tem isso? Ele é o imperador agora. Ajoelhe-se ou será um homem morto.

O jovem guerreiro deu um grito selvagem e saltou na direção de Yyrkoon, que recuou, tentando soltar os braços das dobras de sua capa. Ele não esperava por aquilo.

Mas foi o capitão que saltou para frente, sacou sua espada e golpeou o jovem, que caiu aos pés de Yyrkoon.

Esta demonstração do capitão foi a confirmação de seu verdadeiro poder e Yyrkoon quase sorriu de satisfação ao olhar para o cadáver. O capitão se ajoelhou, a espada sangrenta ainda na mão.

– Meu imperador – disse ele.

– Você demonstra uma lealdade adequada, capitão.

– Minha lealdade é para com o Trono Rubi.

– Com certeza.

Cymoril tremia de dor e raiva, mas uma raiva impotente. Ela sabia agora que não tinha mais amigos.

Yyrkoon olhou para ela, malicioso. Ele estendeu a mão e acariciou seu pescoço, seu rosto, sua boca. Deixou cair a mão para poder roçar em seus seios.

– Irmã, – disse – tu és agora inteiramente minha.

E Cymoril foi a segunda a cair aos seus pés... desmaiada.

– Levantem-na – disse Yyrkoon para os guardas. – Levem-na de volta para sua torre e certifiquem-se de que não saia de lá. Dois guardas devem ficar com ela o tempo todo. Mesmo em seus momentos mais íntimos devem observá-la, pois ela pode planejar alguma traição contra o Trono Rubi.

O capitão curvou-se e sinalizou para que seus homens obedecessem ao imperador.

– Sim, meu senhor. Será feito.

Yyrkoon olhou para trás, para o cadáver do jovem guerreiro:

– E faça-o de alimento para os escravos dela esta noite, para que ele possa lhe prestar serviço uma vez mais. – Ele sorriu.

O capitão sorriu também, divertindo-se com a piada. Ele sentia que era bom ter um imperador adequado em Melniboné novamente. Um imperador que soubesse como se comportar, que soubesse como tratar seus inimigos e que aceitasse a lealdade inabalável como seu direito. O capitão imaginava que tempos melhores e belicosos estavam por vir para Melniboné. As barcas douradas de batalha e os guerreiros de Imrryr poderiam voltar a incutir nos bárbaros dos Reinos Jovens uma sensação doce e agradável de medo. Em sua mente, o capitão já se servia dos tesouros de Lormyr, Argimiliar e Pikarayd, de Ilmiora e Jadmar. Ele poderia até mesmo se tornar governador, por exemplo, da Ilha das Torres Púrpuras. Que terrores ele poderia levar aos convencidos senhores do mar, especialmente o Conde Smiorgan Baldhead, que começava a tentar transformar a ilha em um porto comercial para rivalizar com Melniboné. Enquanto conduzia o corpo inerte da princesa Cymoril para a torre, o capitão olhou para aquele corpo e sentiu ímpetos de luxúria dentro dele. Yyrkoon iria recompensar a sua lealdade, não havia nenhuma dúvida nisso. Apesar do vento frio, o capitão começou a suar de ansiedade. Ele mesmo iria vigiar a princesa Cymoril. Era um momento que queria saborear.

Marchando à frente de seu exército, Yyrkoon desfilou pela Torre de D'a'rputna, pela Torre dos Imperadores, e pelo Trono Rubi dentro dela. Preferiu ignorar a liteira que tinha sido trazida para ele e seguiu a pé, de modo que pudesse saborear cada pequeno momento de seu triunfo. Aproximou da torre, mais alta que as demais, bem no centro de Imrryr, como se se aproximasse da mulher amada. Aproximou-se com um sentimento de delicadeza e sem pressa, pois sabia que tudo agora era dele.

Ele olhou em volta. Seu exército marchava atrás de si. Magum Colim e Dyvim Tvar conduziam a tropa. As pessoas se agruparam



nas ruas sinuosas e curvaram-se para ele. Os escravos se prostraram. Até mesmo os animais de carga foram forçados a se curvar enquanto passava. Yyrkoon quase podia sentir o poder como alguém que saboreia uma fruta deliciosa. Respirava profundamente. Até o ar lhe pertencia. Toda Imrryr era dele. Toda Melniboné. Logo, o mundo inteiro seria dele. E ele iria desperdiçar tudo. Como ele iria desperdiçar! Que grande terror traria de volta para a terra! Em êxtase, quase cegamente, o imperador Yyrkoon entrou na torre, hesitou diante das imensas portas da sala do trono. Sinalizou para que as portas fossem abertas e, quando se abriram, entrou naquele cenário pedacinho por pedacinho. As paredes, as bandeiras, os troféus, as galerias, tudo dele. A sala do trono estava vazia agora, mas em breve ele iria enchê-la com cor, celebração e verdadeiros entretenimentos melniboneanos. Fazia muito tempo que o sangue tinha adoçado o ar desta sala pela última vez. Agora ele deixou os olhos se demorarem nos degraus que levam ao Trono Rubi. Mas, antes de olhar para o assento real, ouviu Dyvim Tvar pigarrear atrás dele. Então seus olhos se apressaram em olhar para o Trono Rubi e seu queixo caiu com o que viu. Seus olhos se arregalaram de incredulidade.

– Uma ilusão!

– Uma aparição – disse Dyvim Tvar com alguma satisfação.

– Heresia! – gritou o imperador Yyrkoon, cambaleando para frente, o dedo apontando para a figura encapuzada, coberta com um manto e que se sentava altivo sobre o Trono Rubi. – Meu! Meu!

A figura não respondeu.

– Meu! Desapareça! O trono pertence a Yyrkoon. Yyrkoon é o imperador agora! O que é você? Por que você me nega isso?

O capuz caiu para trás e um rosto esbranquiçado foi revelado, rodeado por cabelos soltos, brancos como leite. Olhos rubros olharam friamente para a coisa cambaleante que foi em sua direção.

– Você está morto, Elric! Sei que está morto!

A aparição não respondeu, mas um leve sorriso escorreu dos lábios brancos.

– Você não poderia ter sobrevivido. Você se afogou. Não pode voltar. Pyaray possui sua alma!

– Há outros que governam o mar – disse a figura no Trono Rubi.

– Por que você me matou, primo?

A malícia de Yyrkoon o havia abandonado, dando lugar ao terror e à confusão.

– Porque é o meu direito de governar! Porque você não foi forte o suficiente, nem cruel o suficiente, nem mesmo... humorado o suficiente...

– Mas essa não é uma excelente piada, primo?

– Vá embora! Desapareça! Saia! Não serei expulso por um fantasma! Um imperador morto não pode governar Melniboné!

– Veremos – disse Elic, sinalizando para Dyvim Tvar e seus soldados.

# Capítulo 3

## Uma justiça tradicional



gora, irei governar como você sempre quis que eu governasse, primo. – Elric observou enquanto os soldados de Dyvim Tvar cercaram o pretense usurpador e o seguraram pelos braços, tirando-lhe suas armas.

Yyrkoon arquejou como um lobo capturado, olhou ao redor como se esperasse encontrar apoio dos guerreiros, mas eles olharam de volta, alguns com frieza, outros com escancarado desprezo.

– E você, Príncipe Yyrkoon, será o primeiro a se beneficiar deste meu novo modo de governar. Está satisfeito?

Yyrkoon abaixou a cabeça. Estava tremendo agora. Elric riu:

– Fale, primo.

– Que Arioch e todos os Duques do Inferno o atormentem por toda a eternidade – rosnou Yyrkoon. Ergueu a cabeça, seus olhos selvagens quase fora das órbitas, os lábios retorcidos. – Arioch! Arioch! Amaldiçoe este débil albino! Arioch! Destrua-o ou veja Melniboné tombar!

Elric continuou a rir.

– Arioch não o ouve. O Caos é fraco sobre a terra agora. É preciso uma feitiçaria ainda maior do que a sua para trazer de volta os Senhores do Caos com o fim de ajudá-lo, assim como ajudaram nossos ancestrais. E agora, Yyrkoon, diga-me... Onde está Lady Cymoril?

Yyrkoon se prostrou novamente num silêncio taciturno.

– Ela está em sua torre, meu imperador – disse Magum Colim.

– Um servo de Yyrkoon levou-a para lá – disse Dyvim Tvar. – O capitão da própria guarda de Cymoril. Ele matou um guerreiro que tentou defender sua senhora contra Yyrkoon. Pode ser que a princesa Cymoril esteja em perigo, meu senhor.

– Então vá rapidamente para a torre. Leve um grupo de homens. Tragam Cymoril e o capitão da sua guarda até mim.

– E Yyrkoon, meu senhor? – perguntou Dyvim Tvar.

– Deixe-o ficar aqui até sua irmã chegar.

Dyvim Tvar curvou-se em reverência, selecionou um grupo de guerreiros e deixou a sala do trono. Todos notaram que o andar de Dyvim Tvar era mais leve e sua expressão menos austera do que quando havia chegado à sala do trono atrás do Príncipe Yyrkoon.

Yyrkoon endireitou a cabeça e olhou em volta da corte. Por um momento, parecia uma criança patética e perplexa. Todas as linhas de ódio e raiva desapareceram, e Elric sentiu uma simpatia por seu primo crescer novamente dentro dele. Mas desta vez Elric reprimiu o sentimento.

– Seja grato, primo, pois por algumas horas você esteve totalmente poderoso, saboreou a soberania sobre todo o povo de Melniboné.

Yyrkoon disse em voz baixa e confusa:

– Como você escapou? Você não teve tempo para fazer um feitiço, nem tinha forças para isso. Você mal podia mover os braços e sua armadura deve ter arrastado você até o fundo do mar, fazendo você se afogar. É injusto, Elric. Você devia ter se afogado.

Elric deu de ombros.

– Tenho amigos no mar. Eles reconhecem o meu sangue real e meu direito de governar, diferente de você.

Yyrkoon tentou disfarçar a perplexidade que sentia. Evidentemente, seu respeito por Elric tinha aumentado, assim como seu ódio pelo imperador albino.

– Amigos.

– Sim – disse Elric, com um sorriso malicioso.

– Eu... pensei, também, que você havia se comprometido a não usar seus poderes de feitiçaria.

– E você pensou nisso como um compromisso indigno de um monarca de Melniboné, não foi? Bem, eu concordo com você. Veja só, Yyrkoon, você conquistou uma vitória, afinal de contas!

Yyrkoon olhou inquisidoramente para Elric, como se estivesse tentando adivinhar um significado secreto por trás das palavras de seu primo.

– Você vai trazer de volta os Senhores do Caos?

– Nenhum feiticeiro, por mais poderoso que seja, pode invocar os Senhores do Caos, ou, no que diz respeito a isso, os Senhores da Lei, a não ser que eles queiram ser invocados. Sabe disso. Precisa saber, Yyrkoon. Afinal, você mesmo já tentou. E Arioach não veio, não é? Será que ele lhe traria o presente que você queria? As duas espadas negras?

– Você sabia?

– Não sabia, apenas imaginava. Agora eu sei.

Yyrkoon tentou falar, mas sua voz não formava palavras, de tão furioso que estava. Em vez disso, um grunhido estrangulado escapou de sua garganta e, por alguns momentos, ele se debateu tentando se soltar dos guardas que o seguravam.



Dyvim Tvar voltou com Cymoril. A moça estava pálida, mas sorrindo. Ela correu para a sala do trono.

– Elric!

– Cymoril! Você está ferida?

Cymoril olhou para o abatido capitão de sua guarda que tinha sido trazido com ela. Um olhar de repulsa moldou as feições dela. Então balançou a cabeça.

– Não. Não estou ferida.

O capitão da guarda de Cymoril tremia de terror. Olhou suplicante para Yyrkoon, como se esperasse que seu companheiro de prisão pudesse ajudá-lo. Mas Yyrkoon continuou a olhar para o chão.

– Traga-o para perto. – Elric apontou para o capitão da guarda.

O homem foi arrastado para o pé da escadaria que leva ao Trono Rubi. Ele gemeu.

– Que traidor insignificante você é – disse Elric. – Pelo menos Yyrkoon teve a coragem de tentar me matar. E suas ambições eram grandes. Sua ambição era apenas se tornar um de seus cães de estimação. Para isso, você traiu sua senhora e matou um de seus próprios homens. Qual é o seu nome?

O homem tinha dificuldade em falar, até que finalmente murmurou:

– É Valharik meu nome. O que eu poderia fazer? Eu sirvo ao Trono Rubi, quem quer que ocupe o seu assento.

– Então, o traidor afirma que sua motivação foi lealdade. Creio que não.

– Foi, sim, meu senhor. O capitão começou a choramingar e caiu de joelhos. – Mate-me rapidamente. Não me castigue mais.

O impulso de Elric era atender ao pedido do homem, mas ele olhou para Yyrkoon e então se lembrou da expressão no rosto de Cymoril quando ela olhou para o guarda. Ele sabia que tinha de estabelecer um ponto sem volta agora, usando o Capitão Valharik como exemplo. Elric balançou a cabeça.

– Não. Chega de castigos. Esta noite você vai morrer aqui de acordo com as tradições de Melniboné, enquanto meus nobres festejam em celebração a esta nova era de meu governo.

Valharik começou a soluçar. Então parou e lentamente se pôs em pé, novamente um melniboneano. Ele curvou-se e deu um passo para trás, entregando-se aos guardas.

– Devo considerar uma maneira pela qual seu destino seja compartilhado com o da pessoa que você queria servir. Elric continuou.– Como você matou o jovem guerreiro que obedecia a Cymoril?

– Com minha espada. Um golpe limpo. Apenas um.

– E o que aconteceu com o cadáver?

– O Príncipe Yyrkoon me disse para servi-lo como alimento para os escravos da princesa Cymoril.

– Compreendo. Muito bem, Príncipe Yyrkoon, você pode se juntar a nós na festa de hoje à noite, enquanto o capitão Valharik nos diverte com sua morte.

O rosto de Yyrkoon ficou quase tão pálido quanto o de Elric.

– O que quer dizer com isso?

– Os pedaços da carne do capitão Valharik, que nosso Doutor Jest vai esculpir a partir de seus membros, será a carne com a qual você irá banquetear em homenagem ao meu retorno. Você pode dar instruções sobre como deseja que a carne do capitão seja preparada. Não devemos esperar que você deseje comê-la crua, primo.

Até mesmo Dyvim Tvar parecia surpreso com a decisão de Elric. Certamente era um ato de acordo com o espírito de Melniboné e uma inteligente ironia, a de aperfeiçoar a ideia do próprio Príncipe Yyrkoon. Mas era algo que não era do feitio de Elric – ou, pelo menos, não era do feito do Elric que ele conhecera até um dia antes.

Ao ouvir qual seria seu destino, o capitão Valharik deu um grito de terror e olhou para o Príncipe Yyrkoon como se o pretense usurpador já estivesse provando sua carne. Yyrkoon tentou se afastar, os ombros tremendo.

– E isso será o começo – disse Elric. – A festa vai começar à meia-noite. Até lá, confinem Yyrkoon em sua própria torre.



Depois que o Príncipe Yyrkoon e o capitão Valharik foram levados, Dyvim Tvar e a princesa Cymoril se aproximaram e ficaram ao lado de Elric, que tinha afundado para trás em seu grande trono e lançava um olhar amargo para longe.

– Isso foi uma crueldade bastante sagaz – disse Dyvim Tvar.

Cymoril completou:

– É o que os dois merecem.

– Sim – murmurou Elric. – É o que meu pai teria feito. É o que Yyrkoon teria feito se nossas posições estivessem invertidas. Apenas estou seguindo as tradições. Não vou mais fingir que sou dono de mim mesmo. Devo ficar aqui até morrer, preso ao Trono Rubi, servindo ao Trono Rubi como Valharik alegou servi-lo.

– Você não poderia matá-los rapidamente? – perguntou Cymoril.

– Você sabe que não tenho a intenção de implorar por meu irmão apenas porque é meu irmão. Eu o odeio mais do que tudo. Mas prosseguir com seu plano até o fim pode destruí-lo, Elric.

– E se isso acontecer? Deixe-me ser destruído. Deixe-me ser uma mera extensão irracional dos meus antepassados. O fantoche de fantasmas e memórias, dançando ao som de cordas que se estendem através do tempo para dez mil anos no passado.

– Talvez se o senhor descansasse... – Dyvim Tvar sugeriu.

– Acho que não vou conseguir descansar, imagino, por muitas noites depois dessa. Mas seu irmão não morrerá, Cymoril. Depois de sua punição, depois de ter comido a carne do capitão Valharik, tenho a intenção de enviá-lo para o exílio. Ele irá sozinho para os Reinos Jovens e não lhe será permitido levar seus grimórios consigo. Ele deve seguir o seu caminho da melhor maneira possível nas terras bárbaras. Não acho que seja uma punição tão severa.

– É uma punição muito branda – disse Cymoril. – Seria uma melhor decisão se resolvesse matá-lo. Mande seus soldados agora. Não lhe dê tempo para preparar nenhuma artimanha.



– Não temo suas artimanhas. – Elric enfim demonstrou cansaço.  
– Agora eu apreciaria se vocês dois pudessem me deixar, até uma hora ou duas antes de a festa começar. Tenho muito que refletir.

– Vou retornar para a minha torre e me preparar para esta noite – disse Cymoril. Ela beijou Elric levemente em sua testa pálida. Ele olhou para ela, cheio de amor e ternura, estendeu a mão e tocou-lhe nos cabelos e no rosto. – Lembre-se que eu te amo, Elric.

– Vou cuidar para que você seja escoltada em segurança – disse Dyvim Tvar para ela. – Agora tem de escolher um novo comandante para sua guarda pessoal. Posso ajudá-la nisso?

– Serei muito grata, Dyvim Tvar.

Eles deixaram Elric no Trono Rubi, ainda olhando para o vazio. A mão que ele levantava de tempo em tempo à sua cabeça pálida tremeu um pouco, e agora o tormento se revelou em seus estranhos olhos vermelhos.

Mais tarde, ele se levantou do Trono Rubi e caminhou lentamente, de cabeça baixa, a seus aposentos, seguido por seus guardas. Hesitou diante da passagem que levava à escada onde, no alto, estava a biblioteca.

Instintivamente, procurou o consolo e o esquecimento em um certo tipo de conhecimento, mas naquele momento repentinamente odiou seus pergaminhos e seus livros. Culpou-os por suas preocupações ridículas sobre “moralidade” e “justiça”. Culpou-os pelos sentimentos de culpa e desespero que agora o preenchiam como resultado de sua decisão por se comportar da maneira que se esperava de um monarca de Melniboné. Assim, ele passou pela biblioteca e seguiu até seus aposentos, mas mesmo lá não se sentia confortável. Era um ambiente austero. Os aposentos não eram decorados de acordo com os gostos luxuosos de todos os melniboneanos (exceto seu pai), com o seu deleite pelas misturas exuberantes de cor e estilo bizarros. Ele iria mudar tudo o mais rápido possível. Iria se entregar aos fantasmas que o dominavam.

Por algum tempo caminhou de sala em sala, tentando trazer de volta a parte dele que exigia que fosse misericordioso para com Valharik e Yyrkoon – pelo menos, para matá-los e acabar com o assunto ou, melhor, enviar ambos para o exílio. Mas era impossível reverter sua decisão agora.

Por fim, deitou-se em um sofá que repousava ao lado de uma janela com vista para toda a cidade. O céu ainda estava cheio de nuvens turbulentas, mas agora a lua brilhava, como o olho amarelo de um animal doente. Ela parecia olhar com certa ironia triunfante para ele, como se estivesse saboreando a derrota de sua consciência. Elric afundou a cabeça em seus braços.

Mais tarde, os criados vieram lhe dizer que os cortesãos estavam reunidos para a festa de celebração. Ele permitiu que o vestissem com um manto amarelo apropriado para a ocasião e que colocassem a coroa de dragão sobre sua cabeça e, em seguida, voltou para a sala do trono para ser saudado por uma poderosa aclamação, mais sincera do que qualquer outra que já recebera antes. Ele agradeceu a saudação e sentou-se no Trono Rubi, com vista para as mesas do banquete que agora enchiam o salão. Uma mesa foi trazida e colocada diante dele e outros dois assentos foram trazidos, para que Dyvim Tvar e Cymoril se sentassem ao seu lado. Mas Dyvim Tvar e Cymoril ainda não estavam lá e nem o renegado Valharik havia sido trazido. E onde estava Yyrkoon? Ambos já deveriam estar no centro do salão – Valharik suspenso por correntes e Yyrkoon sentado abaixo dele. O Doutor Jest estava lá, aquecendo um braseiro em que repousava suas panelas, testando e afiando suas facas. O salão estava cheio de animadas conversas enquanto a corte esperava ser entretida. A comida já estava sendo trazida, embora ninguém pudesse comer até que o imperador se servisse primeiro.

Elric sinalizou para o comandante de sua guarda pessoal.

– A princesa Cymoril ou o Senhor Dyvim Tvar já chegaram à torre?

– Não, meu senhor.

Cymoril raramente se atrasava e Dyvim Tvar nunca. Elric franziu a testa. Talvez eles não apreciassem aquele entretenimento?

– E quanto aos prisioneiros?

– Foram buscá-los, meu senhor.

O Doutor Jest olhava com expectativa, seu fino corpo tenso de antecipação.

Foi quando Elric ouviu um som acima dos ruídos da conversa. Um gemido que parecia vir de todos os lados da torre. Ele curvou a cabeça para tentar escutar melhor.

Outros ouviam agora também. As conversas pararam. Logo toda a sala estava em silêncio e os gemidos aumentaram.

Então, repentinamente, as portas da sala do trono se abriram e lá estava Dyvim Tvar, ofegante e sangrando, suas roupas retalhadas e sua carne coberta de feridas. Atrás dele, uma névoa de um púrpuro escuro girava com velocidade, produzindo os gemidos que ouviam.

Elric saltou de seu trono e bateu na lateral da mesa. Saltou pelos degraus até embaixo, na direção do amigo. A névoa começou a rastejar pela sala do trono, como se tentasse apanhar Dyvim Tvar.

Elric pegou o amigo em seus braços:

– Dyvim Tvar! Que feitiçaria é essa?

O rosto de Dyvim Tvar estava cheio de horror e seus lábios pareciam congelados, até que finalmente disse:

– É feitiçaria de Yyrkoon. Ele conjurou a névoa para ajudá-lo em sua fuga. Tentei segui-lo pela cidade, mas a neblina me envolveu e perdi os sentidos. Eu tinha ido até sua torre para trazê-lo junto de seu cúmplice, mas o feitiço já havia sido realizado.

– Cymoril? Onde ela está?

– Ele a levou, Elric. Ela está com ele. Valharik está com ele e também uma centena de guerreiros que secretamente permaneceram leais a ele.

– Então temos de persegui-lo. Temos de prendê-lo logo.

– Você não pode fazer nada contra a névoa. Está vindo sobre nós!

A névoa começou a cercá-los. Elric tentou dispersá-la agitando os braços, mas ela se condensou grossa em torno dele e o gemido melancólico encheu seus ouvidos, cores medonhas cegaram seus olhos. Ele tentou correr através dela, mas ela o deteve. E agora pensava estar ouvindo palavras entre os gemidos da névoa: – Elric é fraco. Elric é tolo. Elric deve morrer!

– Pare com isso! – ele gritou. Tropeçou em outro corpo e caiu de joelhos. Começou a rastejar, desesperadamente tentando espreitar através da névoa. Agora faces se formavam na névoa – rostos assustadores, mais aterrorizantes do que qualquer outro que ele já tinha visto, mesmo em seus piores pesadelos.

– Cymoril! – ele gritou. – Cymoril!

E uma das faces se tornou o rosto de Cymoril – uma Cymoril que o olhava torto, como se estivesse zombando dele e cujo rosto lentamente envelhecia, até que ele viu uma velha decrépita e, por fim, um crânio com a carne apodrecendo. Ele fechou os olhos, mas a imagem permaneceu.

– Cymoril – sussurravam as vozes. – Cymoril!

Elric ficava mais fraco à medida que se desesperava. Gritou para Dyvim Tvar, mas ouviu apenas um eco zombeteiro, igual ao que ouvira de Cymoril. Ele fechou os lábios e os olhos e, ainda rastejando, tentou libertar-se da névoa. Mas, parecia que se passaram horas até que os gemidos se tornaram lamentos e os lamentos se tornaram frágeis filamentos de som. Tentou se levantar, abrindo os olhos para ver a névoa se desmanchar. Então suas pernas se dobraram e ele caiu contra o primeiro degrau que leva ao Trono Rubi. Mais uma vez tinha ignorado o conselho de Cymoril sobre seu irmão – e, novamente, ela estava em perigo. O último pensamento de Elric era puro e simples:

– Eu não sou digno de viver – pensou.

# capítulo 4

## Para chamar o Senhor do Caos



Assim que se recuperou do golpe que o deixou inconsciente e o fez perder ainda mais tempo, Elric falou com Dyvim Tvar. Ele estava ansioso por saber o que exatamente aconteceu. Mas Dyvim Tvar não tinha muito a esclarecer. Yyrkoon invocou feitiços que o ajudaram a se libertar e a fugir.

– Ele usou de alguns meios mágicos para deixar a ilha, pois não poderia ter ido de navio – disse Dyvim Tvar.

– Você precisa enviar grupos de busca – disse Elric. – Envie mil destacamentos se for necessário. Mande cada homem de Melniboné. Esforce-se para acordar os dragões que podem ser usados. Prepare as barcas douradas de batalha. Cubra o mundo com os nossos homens, se for preciso, mas encontre Cymoril.

– Já fiz todas essas coisas que está me pedindo – disse Dyvim Tvar – exceto encontrar Cymoril.

Um mês se passou e guerreiros de Imrryr marcharam e cavalgaram por todos os Reinos Jovens buscando notícias de seus compatriotas renegados.

– Eu me preocupei mais comigo mesmo do que com Cymoril e chamava isso de “moralidade” – pensou o albino. – Examinei minhas sensibilidades, não minha consciência.

Um segundo mês se passou e dragões de Imrryr voaram pelos céus para o Sul e para o Leste, Oeste e Norte, mas embora tenham voado por montanhas e mares, florestas e planícies, e,

involuntariamente, tenham levado o terror a muitas cidades, não encontraram sinal de Yyrkoon e seu bando.

– Pois alguém só pode julgar a si mesmo por suas próprias ações – pensou Elric. – Eu tenho contemplado o que fiz, não o que queria fazer ou o que pensei que gostaria de fazer, e o que eu fiz, em geral, foi ter sido tolo, destrutivo e sem propósito. Yyrkoon estava certo por me desprezar e era por isso que eu o odiava tanto.

Um quarto mês se passou e navios de Imrryr pararam em portos remotos e seus marinheiros questionaram outros viajantes e exploradores buscando informações sobre Yyrkoon. Mas sua feitiçaria tinha sido forte e ninguém o tinha visto (ou se lembrado de tê-lo visto).

– Devo agora considerar as implicações de todos estes pensamentos – disse Elric para si mesmo.

Exausto, o mais rápido dos soldados começou a voltar para Melniboné, trazendo notícias inúteis. E enquanto a fé desaparecia e a esperança se desvanecia, a determinação de Elric aumentava. Ele tornou-se forte, tanto física como mentalmente. Experimentou novas drogas que aumentaram sua energia. Leu muito na biblioteca, embora desta vez tenham sido apenas certos grimórios, ele os leu repetidas vezes.

Esses grimórios estavam escritos na Língua Superior de Melniboné – a antiga língua de feitiçaria com a qual os ancestrais de Elric eram capazes de se comunicar com os seres sobrenaturais que invocavam. Por fim, Elric ficou satisfeito por entendê-los totalmente, embora o que lia, por vezes, ameaçava detê-lo de seu atual curso de ação.

Quando estava satisfeito – pois os perigos de confundir as implicações das coisas descritas nos grimórios eram catastróficos –, ele dormia por três noites em um sono à base das suas drogas.

E então Elric estava pronto. Deu ordens a todos os escravos e servos de seus alojamentos. Colocou guardas às portas, com

instruções para não permitir a passagem de ninguém, não importa quão urgente fosse o assunto. Ele tirou de uma grande câmara todos os móveis, deixando-o completamente vazio, exceto por um grimório que tinha colocado no centro da sala. Então sentou-se ao lado do livro e começou a pensar.

Depois de ter meditado por mais de cinco horas, Elric tomou um pincel e um pote de tinta e começou a pintar as duas paredes e o piso com símbolos complicados, alguns tão complexos que pareciam desaparecer em um ângulo com a superfície sobre a qual foram colocados. Após ter finalmente terminado, Elric se deitou todo esticado no centro de sua enorme runa, com o rosto para baixo, uma mão sobre o grimório, a outra (com a pedra Actorios sobre ela) com a palma voltada para baixo. A lua estava cheia. Um fecho de sua luz caiu diretamente sobre a cabeça de Elric, transformando o cabelo em prata. E então a invocação começou.

Elric enviou sua mente para túneis distorcidos da lógica, através de planícies sem fim de ideias, por montanhas de simbolismo e universos infinitos de verdades alternadas; enviou sua mente para fora mais e mais, acompanhada das palavras que brotavam de seus lábios contorcidos – palavras que poucos de seus contemporâneos iriam entender, no entanto seu som faria gelar o sangue de qualquer um que ouvisse. Seu corpo se erguia quando o forçava a permanecer em sua posição original e de quando em quando um gemido escapava dele. E, em meio a isso tudo, algumas palavras se repetiam.

Uma dessas palavras era um nome. "Arioch".

Arioch, o demônio patrono dos antepassados de Elric; um dos mais poderosos de todos os Duques do Inferno, que era chamado de Cavaleiro das Espadas, Senhor das Sete Trevas, Senhor do Inferno Superior e muitos outros nomes.

– Arioch!

Foi o nome de Ariocho que Yyrkoon havia chamado, pedindo ao Senhor do Caos que amaldiçoasse Elric. Foi Ariocho quem Yyrkoon havia tentado invocar para ajudá-lo em sua tentativa de tomar o Trono Rubi. Ariocho era conhecido como o Guardião das Duas Espadas Negras – as espadas de origem sobrenatural e poder infinito que outrora foram empunhadas por imperadores de Melniboné.

– Ariocho! Eu o invoco!

Poemas rúnicos, rítmicos e fragmentados, saíam agora da garganta de Elric como um lamento. Sua mente tinha alcançado a dimensão em que Ariocho habitava. Agora ela procurava pelo próprio Ariocho.

– Ariocho! É Elric de Melniboné quem o chama.

Elric percebeu um olho encarando-o do alto. O olho flutuava e juntou-se a outro. Os dois olhos agora o olhavam firmemente.

– Ariocho! Meu Senhor do Caos! Ajude-me!

Os olhos piscaram... e desapareceram.

– Oh, Ariocho! Venha até mim! Venha até mim! Ajude-me e irei servi-lo!

Uma silhueta que não tinha forma humana se virou lentamente até que uma cabeça escura e sem rosto olhou para baixo em direção a Elric. Um halo de luz vermelha brilhava por trás da cabeça.

Então isso também desapareceu.

Exausto, Elric deixou a imagem desaparecer. Sua mente percorreu de volta cada dimensão. Seus lábios já não cantavam mais os poemas rúnicos. Ele estava deitado, exausto, no chão de sua câmara, incapaz de mover-se, em silêncio.

Estava certo de que havia fracassado.

Houve um pequeno som. Dolorosamente, ele levantou a cabeça cansada.

Uma mosca entrou na câmara. Ela zumbia erraticamente, parecendo que seguia as linhas das runas que Elric tinha acabado de



pintar.

A mosca pousou primeiro em cima de uma runa e depois em outra.

Ela deve ter entrado pela janela, pensou Elric. Ele estava irritado com a distração, mas ao mesmo tempo fascinado por ela.

A mosca pousou na testa de Elric. Era uma mosca grande e preta e seu zumbido era alto e obscuro. Ela esfregou as patas dianteiras uma na outra, e parecia estar tomando um interesse particular pelo rosto de Elric à medida que se movia sobre ele. Elric estremeceu, mas não tinha força para esmagá-la. Quando ela ficou em seu campo de visão, ele a observou. Quando não estava visível, ele sentia suas pernas cobrindo cada centímetro de seu rosto. Então ela voou e, ainda zumbindo alto, pairou a uma curta distância do nariz de Elric. E então Elric pôde ver os olhos da mosca e reconheceu algo neles. Eram os olhos que ele tinha visto naquela outra dimensão.

Começou a se dar conta que esta mosca não era uma criatura qualquer. Tinha feições que, de alguma maneira, eram um tanto humanas.

A mosca sorriu para ele.

De sua garganta rouca e através de seus lábios ressecados, Elric foi capaz apenas de pronunciar: "Arioch?"

E um belo jovem surgiu onde a mosca tinha pairado. O belo jovem falou com uma linda voz – suave, simpática, e ainda assim viril. Ele estava vestindo uma túnica que parecia ser feita de uma joia líquida, mas que não ofuscou a vista de Elric, pois de alguma forma nenhuma luz parecia vir dela. Havia uma espada delgada no cinto do rapaz e ele não usava um elmo, mas em vez disso um círculo vermelho de fogo. Seus olhos eram sábios e velhos e, ao se olhar para eles de perto, pareciam conter um mal antigo e confiante.

– Elric.

Isso foi tudo o que o jovem disse, mas isso reviveu o albino de modo que ele conseguiu se colocar de joelhos.

– Elric.

E Elric conseguiu se levantar, cheio de energia.

O jovem era mais alto do que Elric. Ele olhou para o Imperador de Melniboné e sorriu o mesmo sorriso que a mosca tinha sorrido.

– Apenas você é capaz de servir Arioach. Há muito tempo fui convidado para este plano, e agora que estou aqui irei ajudar você, Elric. Vou me tornar seu protetor. Vou protegê-lo e dar-lhe força e a fonte desta força. Serei, contudo, o mestre. E você, o escravo.

– Como posso servi-lo, Duque Arioach? – Elric perguntou, depois de ter feito um esforço monstruoso de autocontrole, pois estava cheio de terror com as implicações das palavras de Arioach.

– Neste momento, você vai me servir servindo-se a si mesmo. Mais tarde virá o tempo quando irei chamá-lo para me servir de maneiras específicas, mas para o momento eu peço pouco de você, peço apenas que jure me servir.

Elric hesitou.

– Você deve jurar – disse Arioach sensatamente – ou não poderei lhe ajudar na questão de seu primo Yyrkoon e a irmã dele, Cymoril.

– Eu juro que irei servi-lo – disse Elric. Seu corpo foi inundado por um fogo em êxtase e ele tremeu de satisfação, caindo de joelhos.

– Então eu lhe digo que, de tempos em tempos, você pode pedir meu auxílio e eu atenderei se sua necessidade for verdadeiramente desesperada. Virei em qualquer forma que for apropriada, ou em forma nenhuma, se isso for apropriado. E agora você pode me fazer uma pergunta antes de eu partir.

– Eu preciso de respostas para duas perguntas.

– Sua primeira pergunta eu não posso responder. Não irei responder. Você deve aceitar que agora jurou me servir. Não vou dizer o que o futuro reserva. Mas nada precisa temer, se me servir bem.

– Então, a minha segunda pergunta é esta: onde está o Príncipe Yyrkoon?

– O Príncipe Yyrkoon está no sul, em uma terra de bárbaros. Com feitiçaria, inteligência e armas superiores, ele conquistou duas nações inferiores, uma delas chamada Oin e a outra chamada Yu. Neste momento, está treinando os homens de Oin e os homens de Yu para marchar sobre Melniboné, pois sabe que suas forças estão espalhadas por toda a terra, procurando por ele.

– Como ele se escondeu?

– Ele não se escondeu. Contudo, tomou posse do Espelho da Memória, um dispositivo mágico cujo esconderijo descobriu por meio de feitiços. Todos os que olharem para este espelho terão suas memórias tomadas. O espelho contém um milhão de memórias: as memórias de todos os que olharam nele. Assim, qualquer um que se aventurar em Oin ou Yu, ou que viajar pelo mar para a capital que serve a ambas as cidades, será confrontado pelo espelho e irá se esquecer de que viu o Príncipe Yyrkoon e seus imrryrianos naquelas terras. É a melhor maneira de permanecer escondido.

– Sim, é. – Elric juntou as sobrancelhas. – Portanto, pode ser inteligente considerar a destruição do espelho. Mas o que aconteceria em seguida?

Arioch levantou sua bela mão.

– Embora tenha respondido a outras perguntas que são, pode-se dizer, partes da mesma pergunta, não irei responder mais nada. Poderia ser de seu interesse destruir o espelho, mas talvez seja melhor considerar outros meios de combater seus efeitos, pois ele, devo lembrar, contém muitas memórias, algumas das quais foram aprisionadas há milhares de anos. Agora tenho de ir. E você também deve ir, para as terras de Oin e Yu, que se encontram a vários meses de viagem daqui, para o sul e bem além de Lormyr. O melhor meio de se chegar até lá é pelo Navio que Navega Sobre Terra e Mar. Adeus, Elric.

E uma mosca zumbiu por um momento sobre o muro antes de desaparecer.

Elric saiu correndo da sala, gritando pelos seus escravos.

# Capítulo 5

## O Navio que Navega Sobre Terra e Mar



Quantos dragões ainda dormem nas cavernas? – Elric caminhava pela galeria observando a cidade. Era de manhã, mas o sol não apareceu através das nuvens sombrias que pendiam baixo sobre as torres da Cidade dos Sonhos. A vida de Imrryr continuava inalterada nas ruas abaixo, exceto pela ausência da maioria dos seus soldados, que ainda não haviam retornado para casa de suas buscas infrutíferas. E não retornarão para casa pelos muitos meses que virão.

Dyvim Tvar apoiou-se no parapeito da galeria e observou as ruas com um olhar vago. Seu rosto estava cansado e seus braços cruzados sobre o peito, como se tentasse conter o que restava de sua força.

– Talvez dois. Levaria muito tempo para acordá-los e, mesmo assim, duvido se eles teriam alguma utilidade para nós. O que é este “Navio que Navega Sobre Terra e Mar” que Ariocho falou?

– Eu li sobre isso antes, no Grimório de Prata e em outros tomos. Um navio mágico. Usado por um herói melniboneano mesmo antes da existência de Melniboné e do império. Mas onde ele existe, ou se existe, eu não sei.

– Quem poderia saber? – Dyvim Tvar endireitou as costas e se voltou para a cena abaixo.

– Ariocho? – Elric encolheu os ombros. – Mas ele não quis me contar.

– E os seus amigos Elementais da Água? Eles não haviam lhe prometido ajuda? Eles não dominam o conhecimento a respeito de navios?

Elric franziu a testa, aprofundando as linhas que agora marcavam sua face.

– Sim. Straasha deve dominar tal conhecimento. Mas estou relutante em pedir seu auxílio novamente. Os Elementais da Água não são criaturas poderosas como os Senhores do Caos. A sua força é limitada e, além disso, eles tendem a ser criaturas caprichosas, à maneira dos elementos. Além disso, Dyvim Tvar, hesito em usar feitiçaria, a não ser quando absolutamente imprescindível...

– Você é um feiticeiro, Elric. Já mostrou sua grandeza a esse respeito, envolveu a mais poderosa de todas as feitiçarias, a invocação de um Senhor do Caos – e você ainda se contém? Sugiro, senhor meu rei, que você reconsidere essa lógica e que a julgue infundada. Você decidiu usar feitiçaria em sua perseguição ao Príncipe Yyrkoon. A sorte já está lançada. Seria sensato usar feitiçaria agora.

– Você não pode imaginar o esforço físico e mental envolvido...

– Eu posso imaginar, meu senhor. Sou seu amigo. Não gostaria de vê-lo atormentado pela dor, e ainda assim...

– Também há a dificuldade, Dyvim Tvar, devido à minha fraqueza física. – Elric lembrou o amigo. – Quanto tempo eu posso continuar usando essas poções tão fortes que me sustentam? Elas me abastecem de vitalidade, sim, mas a fazem usando os meus poucos recursos. Eu poderia morrer antes de encontrar Cymoril.

– Eu não deveria ter dito isso.

Elric se aproximou e colocou sua mão branca no manto cor de manteiga de Dyvim Tvar.

– Mas o que eu tenho a perder, hein? Não. Você está certo. Eu sou um covarde por hesitar quando a vida de Cymoril está em perigo. Repito minhas tolices, as mesmas que trouxeram todos nós a

esta situação. Chegou a hora de ir em frente. Você vem comigo para o mar?

– Sim.

Dyvim Tvar começou a sentir o peso da consciência de Elric cair sobre ele também. Era uma sensação peculiar para um melniboneano e Dyvim Tvar sabia muito bem que ele não gostava nem um pouco dessa sensação.



Elric tinha cavalgado por esses caminhos quando ele e Cymoril eram felizes. Parecia ter sido um longo tempo atrás. Ele havia sido um tolo em acreditar naquela felicidade. Virou a cabeça de seu cavalo branco para o despenhadeiro e o mar além. Uma leve chuva caía. O inverno estava chegando rapidamente em Melniboné.

Eles deixaram seus cavalos sobre o despenhadeiro, para que não fossem perturbados pela feitiçaria de Elric, e desceram até a praia. A chuva caía no mar. Uma névoa pairava sobre a água a pouco mais de cinco navios de distância da praia. Tudo estava mortalmente quieto e, com as altas e sombrias falésias atrás deles e a parede de névoa adiante, pareceu a Dyvim Tvar que tinham entrado em um submundo silencioso onde poderiam ser facilmente encontradas as almas melancólicas daqueles que, nas lendas, tinham se suicidado por um processo de lenta automutilação. O som das botas dos dois homens nas pedras era alto, mas abafado pela névoa que parecia sugar os ruídos e engoli-los avidamente, como se sua existência dependesse deles.

– Agora – Elric murmurou, parecia não notar os arredores melancólicos e depressivos. – Agora tenho de me lembrar do poema rúnico que surgiu tão facilmente, sem eu me dar conta, em minha mente não muitos meses atrás. – Ele saiu do lado de Dyvim Tvar e desceu até o lugar onde a água fria tocava a areia e ali,

cuidadosamente, se sentou, com as pernas cruzadas. Seus olhos se fixaram, vagamente, em meio à névoa.

Para Dyvim Tvar, o albino alto parecia ter encolhido quando se sentou. Parecia ter se tornado uma criança vulnerável e Dyvim Tvar se compadeceu de Elric, pensou em sugerir que a feitiçaria fosse terminada e que eles buscassem as terras de Oin e Yu por meios comuns.

Mas Elric já estava levantando a cabeça como um cão levanta a cabeça para a lua. E palavras estranhas e fascinantes começaram a cair de seus lábios, tornando-se claro que, mesmo se Dyvim Tvar falasse agora, Elric não iria ouvi-lo.

Dyvim Tvar não estranhava a Língua Superior. Como nobre melniboneano, ele a aprendeu de forma natural – mas as palavras pareciam, contudo, estranhas para ele, pois Elric usava inflexões e ênfases peculiares, dando às palavras um peso especial e secreto, cantando-as em uma voz que variava de um gemido grave até um falsete agudo. Não era agradável ouvir tais ruídos vindos de uma garganta mortal, e agora Dyvim Tvar tinha uma compreensão clara da razão pela qual Elric era relutante em usar feitiçaria. O Senhor das Cavernas dos Dragões, mesmo sendo melniboneano, viu-se inclinado a recuar um ou dois passos, ou até retornar para o topo do despenhadeiro para observar Elric de lá. Tinha que se esforçar para manter sua posição enquanto a invocação continuava.

Por um bom período de tempo o cântico rúnico continuou. A chuva batia mais forte sobre os seixos da praia e os fazia brilhar. Caía mais ferozmente no mar parado e escuro, açoitava o rosto da frágil figura pálida que cantava, e levou Dyvim Tvar a tremer e puxar sua capa para mais junto de si.

– Straasha... Straasha... Straasha...

As palavras se misturavam com o som da chuva. Mal podiam ser entendidas como palavras agora, eram como os sons que o vento poderia emitir ou como uma língua que o mar poderia falar.



– Straasha...

Novamente Dyvim Tvar teve o impulso de se mover, mas desta vez queria ir até Elric e dizer-lhe para parar, para considerar outros meios de se chegar às terras de Oin e Yu.

– Straasha!

Havia uma agonia enigmática em seu grito.

– Straasha!

O nome de Elric se formou nos lábios de Dyvim Tvar, mas ele descobriu que não podia falar.

– Straasha!

A figura de pernas cruzadas se agitava. A palavra tornou-se o chamado do vento através das Cavernas do Tempo.

– Straasha!



Estava claro para Dyvim Tvar que, por alguma razão, o cântico rúnico não estava funcionando e que Elric estava usando todas as suas forças sem obter resultado. Ainda assim não havia nada que o Senhor das Cavernas dos Dragões pudesse fazer. Sua língua estava congelada. Seus pés pareciam pregados ao chão.

Ele olhou para a névoa. Ela parecia estar se arrastando para mais perto da praia, assumido uma luminosidade estranha e esverdeada. Olhou ainda mais atentamente para ela.

Houve uma violenta perturbação da água. O mar atingiu a praia com fúria. As pedras na praia estalaram. A névoa se afastou. Luzes vagas piscaram no ar e Dyvim Tvar pensou ter visto a silhueta brilhante de uma figura gigantesca emergir do mar. Percebeu que o canto de Elric havia cessado.

– Rei Straasha – Elric falava agora com uma voz que se aproximava do seu tom normal. – Você veio. Eu agradeço.

A silhueta falou, e a voz lembrou a Dyvim Tvar as ondas pesadas e lentas quebrando debaixo de um sol amigável:

– Nós, elementais, estamos preocupados, Elric, pois há rumores de que você convidou Senhores do Caos de volta ao seu plano. E os elementais nunca gostaram dos Senhores do Caos. No entanto, eu sei que, se você fez isso, é porque está fadado a fazê-lo e, portanto, nós não iremos manter nenhuma inimizade contra você.

– Fui forçado a tomar essa decisão, rei Straasha. Não havia outra decisão que eu poderia tomar. Se, portanto, estiver relutante em me ajudar, vou entender isso e não irei chamá-lo novamente.

– Eu vou ajudá-lo, embora isso seja mais difícil agora. Não pelo que irá acontecer no futuro, mas pelo que pode acontecer nos próximos anos. Agora você tem de me dizer rapidamente como nós da água podemos ser úteis para você.

– Sabe do que se trata o Navio que Navega Sobre Terra e Mar? Preciso encontrar esse navio se quiser cumprir minha promessa de encontrar meu amor, Cymoril.

– Eu sei tudo sobre esse navio, pois ele é meu. Grome também reivindica sua posse. Mas ele é meu. Meu, sem sombra de dúvida.

– Grome da Terra?

– Grome da Terra Abaixo das Raízes. Grome da Terra e de tudo o que vive debaixo dela. O meu irmão, Grome. Há muito tempo, já que mesmo nós elementais contamos o tempo, Grome e eu construímos aquele navio para que pudéssemos viajar entre os reinos da Terra e da Água sempre que quiséssemos. Mas nós nos desentendemos (que sejamos amaldiçoados por tal idiotice) e brigamos. Houve terremotos, maremotos, erupções vulcânicas, tufões e batalhas das quais todos os elementais participaram, e o resultado foi que novos continentes foram arremessados para cima e os antigos foram submersos. Não era a primeira vez que lutávamos um contra o outro, mas foi a última. E, finalmente, para que não destruíssemos um ao outro totalmente, fizemos as pazes. Eu dei a

Grome parte do meu domínio e ele me deu o Navio que Navega Sobre Terra e Mar. Mas ele entregou a embarcação bastante contrariado e por isso ela navega o mar melhor do que navega a terra, porque Grome tenta impedir seu progresso sempre que pode. Mesmo assim, se o navio é de utilidade para você, você deve obtê-lo.

– Eu lhe agradeço, rei Straasha. Onde devo encontrá-lo?

– Ele virá. E agora meu cansaço aumenta, pois quanto mais distante estou de meu reino, mais difícil é manter minha forma mortal. Adeus, Elric... e seja cauteloso. Você tem um poder maior do que imagina e muitos desejariam fazer uso dele para seus próprios fins.

– Devo esperar aqui pelo Navio que Navega Sobre Terra e Mar?

– Não... – a voz do Rei do Mar foi desaparecendo à medida que sua forma desaparecia. A névoa cinza voltou para onde a silhueta e as luzes verdes estavam antes. O mar estava calmo novamente. – Espere. Espere em sua torre... Ele virá...

Algumas pequenas ondulações chegaram à praia e, então, foi como se o rei dos Elementais da Água jamais tivesse estado ali. Dyvim Tvar esfregou os olhos. Lentamente a princípio, começou a mover-se para onde Elric ainda estava sentado. Delicadamente, abaixou-se e ofereceu ao albino sua mão. Elric olhou com alguma surpresa.

– Ah, Dyvim Tvar. Quanto tempo se passou?

– Algumas horas, Elric. Em breve será noite. A pouca luz que temos agora vai começar a minguar. É melhor cavalgarmos de volta a Imrryr.

Elric se levantou firmemente, com a ajuda de Dyvim Tvar.

– Sim... – ele murmurou distraidamente. – O rei do mar me disse...

– Eu ouvi o rei do mar, Elric. Ouvi o seu conselho e ouvi sua advertência. Você deve lembrar de prestar atenção em ambos. Eu

não gosto nem um pouco deste barco mágico. Assim como tudo que tem origem em feitiçaria, o navio parece ter vícios, bem como virtudes, como uma faca de dois gumes que você levanta para apunhalar o inimigo, e que, em vez disso, apunhala você...

– Isso é o que se deve esperar quando há feitiçaria envolvida. Foi você quem me pediu isso, meu amigo.

– Sim – disse Dyvim Tvar quase para si mesmo enquanto liderava a passagem pelo penhasco em direção aos cavalos. – Sim. Eu não me esqueci disso, senhor meu rei.

Elric sorriu palidamente e tocou o braço de Dyvim Tvar.

– Não se preocupe. A invocação terminou e agora temos a embarcação que precisamos para nos levar rapidamente ao Príncipe Yyrkoon e às terras de Oin e Yu.

– Esperemos que assim seja. – Dyvim Tvar estava particularmente cético quanto aos benefícios que iriam ganhar com o Navio que Navega Sobre Terra e Mar. Chegaram os cavalos e ele começou a limpar a água dos flancos de seu próprio alazão. – Lamento que tenhamos mais uma vez permitido que os dragões gastassem sua energia em um esforço inútil. Com um esquadrão dos meus animais, poderíamos fazer muito contra o Príncipe Yyrkoon. E seria muito bom, meu amigo, voarmos pelo céu novamente, lado a lado, como costumávamos fazer.

– Quando tudo isso acabar e a princesa Cymoril voltar para casa, faremos isso – disse Elric, arrastando-se cansado até a sela de seu garanhão branco. – Você deve soprar o Chifre do Dragão e nossos irmãos dragões irão ouvir e juntos iremos cantar a Música dos Mestres do Dragão, e nossas esporas irão brilhar quando montarmos em Flamefang e seu companheiro Sweetclaw. Ah, será como nos dias da antiga Melniboné, quando não mais iremos comparar a liberdade com o poder, mas permitiremos que os Reinos Jovens sigam seu próprio caminho, com a certeza de que eles permitirão que sigamos o nosso!

Dyvim Tvar puxou as rédeas de seu cavalo. Suas feições eram serenas.

– Rezemos para que este dia chegue logo, meu senhor. Mas eu não consigo me livrar deste pensamento persistente que me diz que os dias de Imrryr estão contados e que minha própria vida se aproxima do...

– Bobagem, Dyvim Tvar. Você vai viver muito tempo depois de mim. Há poucas dúvidas sobre isso, embora você seja mais velho.

Enquanto galopavam de volta pelo dia que se encerrava, Dyvim Tvar disse:

– Eu tenho dois filhos. Você sabia disso, Elric?

– Você nunca me falou sobre eles.

– Eles são de antigas companheiras.

– Estou feliz por você.

– Eles são bons melniboneanos.

– Por que você fala sobre isso agora, Dyvim Tvar? – Elric tentava ler as expressões faciais do amigo.

– É que eu os amo e gostaria que eles desfrutassem dos prazeres da Ilha do Dragão.

– E por que não deveriam desfrutar?

– Eu não sei. – Dyvim Tvar olhou duramente para Elric. – Eu poderia sugerir que é de sua responsabilidade o destino de meus filhos, Elric.

– Minha?

– Parece-me, pelo que eu compreendi a partir das palavras do Elemental da Água, que suas decisões podem decidir o destino da Ilha do Dragão. Peço-lhe que se lembre dos meus filhos, Elric.

– Eu me lembrarei, Dyvim Tvar. Estou certo de que crescerão e se tornarão excelentes Mestres de Dragões, e que um deles irá sucedê-lo como Senhor das Cavernas dos Dragões.

– Creio que você não compreendeu meu modo de pensar, meu senhor imperador.

Elric olhou solenemente para o amigo e balançou a cabeça.

– Estou certo de que compreendi, velho amigo. Mas penso que me julga duramente ao temer que farei alguma coisa que ameace Melniboné e tudo o que ela representa.

– Perdoe-me, então. – Dyvim Tvar baixou a cabeça. Mas a expressão em seus olhos não se alterou.



Em Imrryr eles trocaram de roupa, beberam vinho quente e foi lhes servida comida temperada. Elric, mesmo com todo o esforço que teve de fazer, estava com um ânimo melhor do que esteve durante o mês inteiro. E, no entanto, havia algo mais por trás de seu humor que o encorajava a falar alegremente e que dava vitalidade a seus movimentos. De fato, pensou Dyvim Tvar, as perspectivas melhoraram e logo eles estariam enfrentando o Príncipe Yyrkoon. Mas os perigos à frente deles eram desconhecidos, provavelmente com armadilhas a se considerar. Ainda assim, ele não queria afastar o humor de Elric. Estava contente por Elric estar numa fase de sentimentos mais positivos. Precisariam falar sobre o equipamento necessário em sua expedição às terras misteriosas de Yu e Oin, sobre a capacidade do Navio que Navega Sobre Terra e Mar... Quantos homens seriam necessários, que suprimentos irão colocar a bordo e assim por diante.

Quando Elric foi para a cama, não andou com o cansaço arrastado que o acompanhava anteriormente. Ao desejar-lhe boa noite, Dyvim Tvar foi tomado pela mesma emoção que tinha sentido na praia, observando Elric cantar sua runa. Talvez não tenha sido por acaso que usou o exemplo de seus filhos quando falou com Elric mais cedo naquele dia, pois ele tinha um sentimento que era quase de proteção, como se Elric fosse um menino buscando por uma diversão que pudesse não lhe trazer a alegria que esperava.

Dyvim Tvar dispensou tais pensamentos o melhor que pôde e foi para sua cama. Elric pode se culpar por tudo o que havia ocorrido quanto a Yyrkoon e Cymoril, mas Dyvim Tvar se perguntou se também não tinha alguma parcela de culpa. Talvez devesse ter oferecido seu conselho mais convincentemente... com mais veemência... numa tentativa de influenciar o jovem imperador. E então, à maneira melniboneana, ele descartou essas dúvidas e perguntas como algo sem sentido. Havia apenas uma regra: buscar o prazer da forma que puder. Mas sempre fora esse o modo melniboneano? Dyvim Tvar se perguntou se, na verdade, Elric poderia ter um sangue regressivo e não deficiente. Poderia Elric ser uma reencarnação de um dos seus antepassados mais distantes? Sempre foi do caráter dos melniboneanos pensar apenas em si mesmo e em sua própria satisfação?

E mais uma vez Dyvim Tvar descartou essas questões. Que utilidade teriam, afinal de contas? O mundo era o mundo. Um homem era um homem. Antes de ir para sua cama, foi visitar suas antigas esposas, acordou-as e insistiu em ver seus filhos, Dyvim Slorm e Dyvim Mav. Quando seus filhos, de olhos sonolentos, confusos, foram trazidos, ele olhou para eles por um longo tempo antes de enviá-los de volta. Não disse nada para eles, mas depois de terem sido levados, falou para Niopal e Saramal, suas ex-amantes, que ficaram tão perplexas quanto os seus descendentes:

– Levem-nos para as Cavernas dos Dragões amanhã para começarem seu aprendizado.

– Tão cedo, Dyvim Tvar? – disse Niopal.

– Sim. Temo que tenhamos pouco tempo.



Na manhã seguinte, Dyvim Tvar voltou para a torre de Elric e encontrou o imperador andando pela galeria acima da cidade,

pedindo ansiosamente por qualquer notícia sobre um navio avistado ao largo da costa da ilha. Mas nenhum barco tinha sido visto naquela região. Os servos disseram que, se seu imperador pudesse descrever o navio, seria mais fácil para eles saberem o que procurar. Mas ele não podia descrever o navio, só poderia dar a entender que ele pode não ser visto sobre a água, mas pode aparecer em terra. Ele estava vestido em seu traje de guerra negro e parecia óbvio para Dyvim Tvar que Elric se entregou a grandes quantidades de poções que restituíam seu sangue. Os olhos rubros brilhavam com vitalidade, o discurso foi rápido e as mãos esbranquiçadas se moviam com velocidade antinatural quando Elric fazia mesmo o gesto mais simples.

– Você está bem, meu senhor? – perguntou o Mestre Dragão.

– Sinto-me excelente, obrigado, Dyvim Tvar. – Elric sorriu. – Embora eu me sentisse ainda melhor se o Navio que Navega Sobre Terra e Mar estivesse aqui agora.– Ele foi até a balaustrada e se inclinou sobre ela, espiando por cima das torres e além dos muros da cidade, olhando primeiro para o mar e, em seguida, para a terra. – Onde ele pode estar? Queria que o rei Straasha tivesse sido mais específico.

– Tenho de concordar com isso. – Dyvim Tvar, que não tinha tomado seu café da manhã, serviu-se da variedade de alimentos suculentos colocados sobre a mesa. Era evidente que Elric não tinha comido nada.

Dyvim Tvar começou a se perguntar se o volume de poções não havia afetado o cérebro de seu velho amigo; talvez uma loucura, provocada por seu envolvimento com a complexa feitiçaria, sua ansiedade por encontrar Cymoril, seu ódio por Yyrkoon... Tudo isso junto poderia estar sobrecarregando Elric.

– Não seria melhor descansar e esperar até que o navio seja avistado? – ele sugeriu calmamente enquanto limpava os lábios.



– Sim... Há razão no que você disse – Elric concordou. – Mas eu não posso. Tenho um desejo de partir logo, Dyvim Tvar, para ficar cara a cara com Yyrkoon, para ter a minha vingança sobre ele, para me unir a Cymoril novamente.

– Eu entendo. Mas ainda assim...

Elric deu uma risada alta e desconcertante.

– Você se queixa como Tanglebones sobre o meu bem-estar. Eu não preciso de duas babás, Senhor das Cavernas dos Dragões.

Com algum esforço, Dyvim Tvar sorriu.

– Você está certo. Bem, eu oro para que este navio mágico... O que é aquilo? – Ele apontou na direção da ilha. – Um movimento na floresta além. Como se o vento passasse através dela. Mas não há sinal de vento em lugar algum.

Elric seguiu seu olhar.

– Você está certo. Mas então o que... Então eles viram algo sair da floresta e a própria terra parecia se agitar. Era algo que brilhava em branco, azul e preto. Aquilo chegou mais perto.

– Uma vela – disse Dyvim Tvar. – Creio que é o seu navio, meu senhor.

– Sim – Elric sussurrou, se esticando para frente. – Meu navio. Prepare-se, Dyvim Tvar. Ao meio-dia partiremos de Imrryr.

# Capítulo 6

## O que o Deus Terra desejou



O navio era alto, delgado e parecia frágil. Seus costados, seus mastros e suas amuradas eram muito bem esculpidos e, obviamente, não era trabalho de um artesão mortal. Em todo construído em madeira, não fora pintado, mas mesmo assim tinha um brilho natural de azul, preto, verde e uma espécie de vermelho escuro esfumado, e seu cordame era da cor de algas. Havia veias nas tábuas de seu convés polido, como as raízes de árvores, e as velas em seus três mastros afilados eram tão cheias, brancas e leves como nuvens em um belo dia de verão. O navio era tudo o que a natureza tem de belo. Poucos poderiam olhar para ele sem sentir uma espécie de prazer, o prazer de se observar a perfeição. Em uma palavra, o navio irradiava harmonia e Elric não conseguia pensar em nenhuma embarcação mais linda para se navegar contra o Príncipe Yyrkoon e os perigos das terras de Oin e Yu.

O navio navegava suavemente pelo chão, como se estivesse sobre a superfície de um rio, e a terra abaixo da quilha ondulava como se se transformasse momentaneamente em água. Onde quer que a quilha do navio tocasse, e alguns metros ao redor, este efeito se tornava evidente, embora, depois que o navio havia passado, a terra retornava ao seu estado sólido de costume. Era por isso que as árvores da floresta balançavam quando o navio passava por elas, elas eram afastadas com a terra adiante da quilha à medida que o navio navegava em direção a Imrryr.

O Navio que Navega Sobre Terra e Mar não era particularmente grande. Certamente era consideravelmente menor do que uma barca de batalha melniboneana e apenas um pouco maior do que uma galera do sul. Mas sua graça, a curva de suas linhas, o orgulho de seu porte – nisso ele não tinha rival.

Suas pranchas de embarque já haviam sido abaixadas e o navio estava sendo preparado para a jornada. Elric, com as mãos nos finos quadris, ficou olhando para o presente do Rei Straasha. Junto aos portões do muro da cidade, os escravos carregavam as provisões e armas pelos passadiços. Enquanto isso, Dyvim Tvar estava reunindo os guerreiros imrryrianos e atribuindo-lhes as tarefas para a expedição. Não havia muitos guerreiros. Apenas metade da força disponível poderia vir com o navio, pois a outra metade tinha de ficar para trás, sob o comando do almirante Magum Colim, para proteger a cidade. Era improvável que haveria qualquer grande ataque à Melniboné depois do castigo imposto à frota bárbara, mas era aconselhável tomar precauções, especialmente depois que o Príncipe Yyrkoon prometeu conquistar Imrryr. Além disso, por alguma estranha razão que nenhum dos espectadores poderia adivinhar, Dyvim Tvar tinha chamado como voluntários, veteranos que compartilhavam uma deficiência comum, e criou um destacamento especial desses homens que, assim pensavam os espectadores, não teriam nenhuma serventia durante a expedição. Mas como não teriam utilidade nenhuma se fosse necessário defender a cidade, não havia problema em irem junto. Estes veteranos foram levados a bordo primeiro.

O último a subir o passadiço foi o próprio Elric. Ele caminhou lenta e pesadamente, uma figura altiva em sua armadura negra, até chegar ao convés. Então se virou, saudou a cidade, e ordenou que a prancha de embarque fosse levantada.

Dyvim Tvar estava esperando por ele. O Senhor das Cavernas dos Dragões tinha tirado uma de suas luvas, e passou a mão nua sobre

a madeira estranhamente colorida da amurada.

– Esse não é um navio feito para a guerra, Elric. – disse ele. – Eu não gostaria de vê-lo avariado.

– Como assim, ser avariado? – Elric perguntou enquanto os imrryrianos começavam a subir o cordame e ajustar as velas. – Será que Straasha permitiria que ele fosse destruído? Ou talvez Grome? Não receie pelo Navio que Navega Sobre Terra e Mar, Dyvim Tvar. Apenas deseje pela nossa própria segurança e pelo sucesso da nossa expedição. Agora, vamos consultar os mapas. Lembrando o aviso de Straasha a respeito de seu irmão Grome, sugiro a viagem por mar até o máximo de distância possível, passando por aqui... – ele apontou para um porto na costa ocidental de Lormyr – para nos orientarmos e aprender o que pudermos sobre as terras de Oin e Yu e como essas terras estão protegidas.

– Poucos viajantes já se aventuraram além de Lormyr. Dizem que o fim do mundo se encontra não muito longe das fronteiras mais ao sul daquele país. – Dyvim Tvar franziu a testa. – Essa missão não poderia ser uma armadilha? Uma armadilha de Ariocho... E se ele fez um pacto com o Príncipe Yyrkoon e fomos enganados para embarcar em uma expedição que irá nos levar à destruição?

– Cogitei essa possibilidade também – disse Elric. – Mas não temos escolha. Devemos confiar em Ariocho.

– Presumo que devemos. – Dyvim Tvar sorriu ironicamente. – Outra questão que me ocorre agora. Como o navio se move? Não vi âncoras a serem levantadas e não conheço marés que varrem através da terra. O vento está enchendo as velas... Veja. – Era verdade. As velas foram se inflando e os mastros rangeram com a força do movimento.

Elric encolheu os ombros e estendeu as mãos.

– Suponho que temos de falar com o navio – ele sugeriu – Navio... nós estamos prontos para partir.

Elric notou certo prazer na expressão de espanto de Dyvim Tvar quando, com um solavanco, o navio começou a se mover. Navegou suavemente, como sobre um mar calmo, e Dyvim Tvar instintivamente agarrou a amurada, gritando:

– Estamos indo direto para o muro da cidade!

Elric cruzou rapidamente para o centro da popa, onde havia uma grande alavanca, conectada horizontalmente a uma engrenagem ligada a um eixo. Aquilo certamente era o leme do navio. Elric segurou a alavanca como se fosse um remo e o empurrou um grau ou dois. Imediatamente o navio respondeu – e virou-se para outra parte do muro! Elric puxou a alavanca para trás e o navio se inclinou, protestando um pouco enquanto dava uma guinada para o outro lado, e começou a sair em direção ao outro lado da ilha. Elric riu de satisfação.

– Você vê, Dyvim Tvar? É fácil! Um leve esforço de lógica era tudo o que precisava!

– No entanto, – disse Dyvim Tvar suspeitosamente – eu preferiria montarmos os dragões. Pelo menos eles são animais e podem ser compreendidos como tais. Mas este feitiço, ele me incomoda.

– Essas não são palavras adequadas para um nobre de Melniboné! – Elric gritou acima do barulho do vento no cordame, do ranger das madeiras do navio e do agitar das grandes velas brancas.

– Talvez não – disse Dyvim Tvar. – Talvez isso explique por que estou aqui ao seu lado agora, meu senhor.

Elric arremessou ao seu amigo um olhar perplexo antes de ir procurar um timoneiro a quem pudesse ensinar a conduzir o navio.

O navio acelerou rapidamente sobre encostas rochosas e montanhas cobertas de tojo. Cortou caminho através de florestas e navegou grandiosamente sobre as planícies. Ele movia-se como um falcão voando baixo junto ao solo, avançando com velocidade e precisão incríveis como quando procura por sua presa, alterando seu curso com o imperceptível sacudir de uma asa. Os soldados de

Imrryr lotavam o convés, ofegantes de espanto com o progresso do navio sobre a terra, muitos deles tiveram de ser mandados de volta às suas posições nas velas e em outros lugares do navio. O grande guerreiro que atuava como contramestre parecia ser o único membro da tripulação não afetado pelo milagre do navio. Ele estava se comportando como se comportaria normalmente a bordo de uma das barcas douradas de batalha; firme em seus deveres e garantindo que tudo seria feito da maneira adequada. O timoneiro que Elric tinha escolhido, por outro lado, tinha os olhos arregalados e estava um pouco nervoso com o navio que estava manobrando. Era possível perceber que ele sentia que, a qualquer momento, seria arremessado contra uma laje de pedra ou que iria esmagar o navio em um emaranhado de pinheiros. Ficava sempre molhando os lábios e limpando o suor da testa, embora estivesse um frio cortante, que transformava a respiração em vapor. Mas era um bom timoneiro e aos poucos se acostumou a manobrar o navio, seus movimentos ficaram, forçosamente, mais rápidos, pois havia pouco tempo para se tomar decisões e o navio viajava com muita velocidade sobre a terra. A velocidade era de tirar o fôlego; eles corriam mais rapidamente do que qualquer cavalo – eram mais rápidos, inclusive, que os amados dragões de Dyvim Tvar. A agitação era estimulante, como as expressões nos rostos de todos os imrryrianos demonstravam.

A risada delirante de Elric reverberou através do navio e contagiou muitos outros membros da tripulação.

– Bem, se Grome das Raízes está tentando bloquear nosso progresso, hesito em estimar o quão rápido podemos viajar quando estivermos na água! – ele disse para Dyvim Tvar.

Dyvim Tvar tinha perdido um pouco de seu humor. Seu cabelo longo e fino flutuava ao redor de seu rosto quando ele sorriu para o amigo.

– Sim... vamos acabar sendo jogados do convés para o mar!

E então, como resposta a suas palavras, o navio começou de repente a chacoalhar e balançar agressivamente de um lado para o outro, como um navio preso em uma poderosa corrente marítima. O timoneiro ficou branco e se agarrou à alavanca, tentando retomar o controle do navio. Houve um breve grito aterrorizado e um marinheiro caiu do mastro principal e se estatelou no convés, quebrando todos os ossos do corpo. Então o navio balançou mais uma ou duas vezes, deixando a turbulência para trás e eles continuaram em seu curso.

Elric olhou para o corpo do marinheiro caído. De repente, o clima de alegria abandonou-o completamente. Ele se agarrou à amurada com suas mãos enluvadas e rangeu os dentes, seus olhos vermelhos brilharam e seus lábios se curvaram num falso sorriso irônico.

– Que idiota eu sou. Que idiota eu sou em provocar os deuses dessa maneira!

Ainda assim, apesar de o navio se mover quase tão rapidamente quanto antes, parecia haver algo se arrastando nele, como se os servos de Grome tivessem se agarrado ao fundo da embarcação. Elric sentiu algo em torno dele no ar, algo no farfalhar das árvores por onde passavam, algo no movimento da grama e nos arbustos e nas flores pelas quais eles passavam. Algo no peso das rochas, no ângulo das colinas. E ele sabia que o que sentia era a presença do Grome da Terra... Grome da Terra Abaixo das Raízes... o Grome, que desejava possuir o que ele e seu irmão Straasha outrora possuíram conjuntamente, como um sinal da unidade entre eles, e a razão pela qual eles haviam lutado. Grome queria muito ter de volta o Navio que Navega Sobre Terra e Mar. E Elric, olhando para a terra negra, ficou com medo.

# Capítulo 7

## Rei Grome

**P**or fim, com a terra sendo arrastada pela quilha, eles chegaram ao mar, deslizando para a água e ganhando velocidade, até que Melniboné desapareceu atrás deles e puderam ver as espessas nuvens de vapor suspensas sobre o Mar da Ebulição. Elric pensou que não seria sensato arriscar até mesmo este navio mágico nessas águas, por isso desviaram-no e se dirigiram para a costa de Lormyr, a mais tranquila das nações dos Reinos Jovens, e para o porto de Ramasaz na costa ocidental de Lormyr. Se os bárbaros do sul, com quem eles tinham lutado recentemente, fossem de Lormyr, Elric teria considerado passar por algum outro porto, mas os bárbaros eram quase que certamente do sudeste do extremo oposto do continente, além de Pikarayd. Os Lormyrianos, sob o domínio do gordo Rei Fadan, não eram propensos a participar de um ataque, a menos que o seu sucesso estivesse garantido. Navegando lentamente até Ramasaz, Elric deu instruções para que o navio fosse atracado de maneira convencional e tratado como um navio qualquer. Ele chamava atenção, no entanto, pela sua beleza, e os habitantes do porto ficaram maravilhados ao encontrar melniboneanos dentre a tripulação do navio. Embora melniboneanos não fossem muito bem vistos pelos Reinos Jovens, eles eram temidos. Assim, aparentemente, de qualquer forma Elric e seus homens foram tratados com respeito e foram servidos com comida e vinho razoavelmente bons nas hospedarias onde entraram.



Na maior das pousadas à beira-mar, um lugar chamado “Indo para Longe e Voltando para Casa em Segurança”, Elric encontrou um hospedeiro tagarela que, antes de comprar a pousada, era um pescador próspero e que conhecia as costas meridionais razoavelmente bem. Ele certamente conhecia as terras de Oin e Yu, mas não tinha respeito nenhum por elas.

– Você acha que eles poderiam estar se concentrando para uma guerra, meu senhor? – Ele ergueu as sobrancelhas para Elric antes de esconder o rosto com a caneca de vinho. Limpando os lábios, balançou a cabeça ruiva.

– Só se forem guerrear contra pardais. Oin e Yu são nações más e porcas. A única cidade razoavelmente decente nelas é Dhoz-Kam, que é compartilhada entre elas, sendo que metade está de um lado do rio Ar e metade do outro lado. Quanto ao resto de Oin e Yu, é habitado por camponeses mal-educados, supersticiosos e tomados pela pobreza. Não há um soldado em potencial dentre eles.

– Você ouviu falar algo sobre um renegado melniboneano que conquistou Oin e Yu e começou a treinar camponeses para entrar em guerra? – Dyvim Tvar apoiou-se no balcão próximo a Elric. Ele bebia meticulosamente uma grossa taça de vinho. – Príncipe Yyrkoon é o nome do renegado.

– É por ele que vocês procuram? – O estalajadeiro ficou mais interessado. – Uma disputa entre os Príncipes Dragões, hein?

– É disso que estamos tratando – disse Elric orgulhoso.

– Claro, meus senhores.

– Você saberia algo sobre um grande espelho que rouba a memória dos homens? – perguntou Dyvim Tvar.

– Um espelho mágico! – O estalajadeiro jogou a cabeça para trás e riu escancaradamente. – Duvido que exista um espelho decente sequer em toda Oin ou Yu! Não, meus senhores, eu acho que estão enganados se vocês têm medo de algum perigo daquelas terras!

– Sem dúvida, você está certo – disse Elric, olhando para o seu vinho intocado. – Mas seria prudente se fôssemos verificar por nós mesmos, e seria do interesse de Lormyr também. Caso encontremos o que buscamos, avisaremos a todos apropriadamente.

– Não temas por Lormyr. Podemos lidar facilmente com qualquer tentativa tola de guerra a partir daquelas terras. Mas se querem comprovar de perto, vocês devem seguir a costa por três dias até chegarem a uma grande baía. O rio Ar corre para dentro daquela baía e nas margens do rio encontra-se Dhoz-Kam, uma espécie de cidade decadente, especialmente para uma capital que serve duas nações. Os habitantes são corruptos, sujos e cheios de doenças, mas, felizmente, eles também são preguiçosos e, por isso, não oferecem nenhum problema, especialmente se você mantiver uma espada por perto. Depois de passar uma hora em Dhoz-Kam, vai perceber que é impossível que tais pessoas se tornem uma ameaça para alguém, a não ser que eles cheguem perto o suficiente para contaminá-lo com uma das suas várias pragas! – Mais uma vez o estalajadeiro riu de sua própria piada. Quando terminou de rir, acrescentou: – A menos que vocês tenham medo da marinha deles. São uma dúzia ou pouco mais de barcos de pesca tão sujos, a maioria dos quais é tão incapaz de navegar que eles as usam apenas para pescar nas águas rasas do estuário.

Elric empurrou a taça de vinho de lado.

– Nós o agradecemos, senhorio. – Ele colocou uma moeda melniboneana de prata sobre o balcão.

– Vai ser difícil arranjar troco para esse valor – disse o estalajadeiro astuciosamente.

– Não há necessidade disso – Elric disse a ele.

– Obrigado, mestres. Gostariam de passar a noite em meu estabelecimento? Posso oferecer as melhores camas de Ramasaz.

– Creio que não – Elric disse a ele. – Iremos dormir a bordo de nosso navio esta noite, para que possamos estar prontos para

velejar ao amanhecer.

O senhorio observou os melniboneanos partirem. Instintivamente ele mordeu a moeda de prata e, então, suspeitando ter provado algo estranho, removeu de sua boca. Ele olhou para a moeda, virando-a de um lado para o outro. Será que a prata melniboneana era venenosa para um mortal comum? Era melhor não correr riscos. Enfiou a moeda em sua bolsa e recolheu os dois copos de vinho que deixaram para trás. Embora ele odiasse desperdício, decidiu que seria mais sensato jogar fora os copos para o caso de terem ficado contaminados de alguma forma.



O Navio que Navega Sobre Terra e Mar chegou à baía ao meio-dia do dia seguinte e agora estava perto da costa, escondido da cidade distante por um curto istmo em que crescia uma folhagem grossa, quase tropical. Elric e Dyvim Tvar prosseguiram com dificuldade através da água clara e rasa em direção à praia e entraram na floresta. Eles decidiram ser cautelosos e não fazer sua presença conhecida, até terem determinado ser verdade a descrição desdenhosa do estalajadeiro sobre Dhoz-Kam. Próximo ao extremo do istmo havia um morro alto e, sobre ele, várias árvores de bom tamanho. Elric e Dyvim Tvar usaram suas espadas para limpar o caminho através da vegetação rasteira e abrir caminho até o morro, até chegarem às árvores, escolhendo a que poderia ser mais facilmente escalada. Elric escolheu uma árvore cujo tronco se curvava e depois se endireitava novamente. Ele embainhou sua espada, pôs as mãos no tronco e se arremessou para cima da árvore, escalando-a até chegar a uma sucessão de galhos grossos que suportavam o seu peso. Enquanto isso, Dyvim Tvar subiu em outra árvore próxima até que finalmente os dois homens podiam ter uma boa vista da baía onde a cidade de Dhoz-Kam era vista

claramente. Certamente, a cidade merecia a descrição do estalajadeiro. Ela era esquelética, encardida e evidentemente pobre. Sem dúvida, foi por isso que Yyrkoon a tinha escolhido, pois as terras de Oin e Yu não devem ter sido difíceis de conquistar com a ajuda apenas de um punhado de imrryrianos bem treinados e alguns dos aliados da feitiçaria de Yyrkoon. Na verdade, poucos se importariam em conquistar um lugar como aquele, já que praticamente não possuía nenhuma riqueza e sua posição geográfica não tinha importância estratégica alguma. Yyrkoon a tinha escolhido bem, se a finalidade era manter segredo e nada mais. Mas o senhorio estava errado sobre a frota de Dhoz-Kam. Mesmo dali Elric e Dyvim Tvar podiam distinguir pelo menos trinta navios de guerra de bom tamanho no porto, e parecia haver mais ancorados rio acima. Mas os navios não lhes interessaram tanto quanto a coisa que brilhava acima da cidade – algo que tinha sido montado em enormes pilares que sustentavam um eixo que, por sua vez, servia de apoio para um enorme espelho circular colocado em uma moldura cuja fabricação era tão claramente não mortal quanto o navio que trouxe os melniboneanos ali. Não havia dúvida de que eles estavam vendo o espelho da memória e que qualquer um que tivesse navegado pelo porto, depois de o espelho ter sido erguido, deve ter tido sua memória sobre o que tinha visto roubada instantaneamente.

– Parece-me, meu senhor – disse Dyvim Tvar, do seu poleiro a um ou dois metros de distância de Elric – que seria imprudente navegar diretamente para o porto de Dhoz-Kam. Na verdade, correríamos grande perigo ao entrarmos na baía. Eu acho que conseguimos olhar para o espelho apenas porque ele não está apontado diretamente para nós. Mas note que há um maquinário capaz de movê-lo para qualquer direção, exceto uma. Ele não pode ser virado para o interior, atrás da cidade. Não há necessidade para isso, pois quem se aproximaria de Oin e Yu vindo das terras estéreis

além de suas fronteiras? E quem além dos habitantes de Oin ou Yu precisaria vir por terra para sua capital?

– Acho que entendo o que quer dizer, Dyvim Tvar. Você sugere que seria prudente fazer uso das propriedades especiais de nosso navio e...

– E ir por terra até Dhoz-Kam, atacando de surpresa e fazendo pleno uso dos veteranos que trouxemos conosco, movendo-se rapidamente e ignorando os novos aliados do Príncipe Yyrkoon – à procura do príncipe e seus renegados. Será que conseguimos fazer isso, Elric? Invadir a cidade, prender Yyrkoon, resgatar Cymoril... Depois sair rapidamente?

– Uma vez que temos poucos homens para fazer um ataque direto, é tudo que podemos fazer. Mas é perigoso. A vantagem da surpresa estaria perdida, é claro, assim que atacássemos. Se falharmos em nossa primeira tentativa, será muito mais difícil atacar uma segunda vez. A alternativa é entrar furtivamente na cidade durante a noite e torcer para encontrar Yyrkoon e Cymoril sozinhos, mas então não faríamos uso de nossa arma mais importante, o Navio que Navega Sobre Terra e Mar. Eu acho que o seu plano é melhor, Dyvim Tvar. Vamos conduzir o navio para o interior do território agora, e esperar que Grome demore a nos encontrar, porque eu ainda temo que ele tente seriamente arrancar o navio das nossas mãos. – Elric começou a descer em direção ao chão.



De pé mais uma vez sobre o convés do lindo navio, Elric ordenou ao timoneiro virar a embarcação mais uma vez em direção à terra. Sob meia-vela, o navio se movia graciosamente através da água, depois margem acima, e os arbustos floridos da floresta se abriram diante da sua proa. Agora eles estavam navegando através do verde escuro da selva, enquanto pássaros assustados crocitavam e

guinchavam e os pequenos animais se detinham com espanto olhando de cima das árvores o Navio que Navega Sobre Terra e Mar. Alguns quase perderam o equilíbrio quando o gracioso navio progrediu calmamente sobre o solo da floresta, desviando-se apenas das árvores maiores.

E assim eles prosseguiram pelo interior da terra chamada Oin, que fica ao norte do rio Ar, que marca a fronteira entre Oin e a terra chamada Yu, com a qual Oin compartilha a mesma capital.

Oin era um país constituído em grande parte de uma selva desflorestada e planícies inférteis onde os habitantes cultivavam. Como eles temiam a floresta, não iam a seu interior, embora fosse onde a riqueza de Oin poderia ser encontrada.

O navio prosseguiu bem através da floresta, depois pela planície, e logo se podia ver um grande lago brilhando diante deles. Dyvim Tvar, olhando para o mapa bruto que tinha obtido em Ramasaz, sugeriu que eles comessem a virar para o sul outra vez e se aproximar de Dhoz-Kam formando um grande semicírculo. Elric concordou e o navio começou a mudar o curso.

Foi então que a terra começou a se agitar novamente e ondas enormes do solo deslizaram em torno do navio e obscureceram a visão dos arredores. O navio arfava violentamente para cima e para baixo e de um lado para o outro. Mais dois imrryrianos caíram dos cabos e morreram ao cair no convés. O contramestre estava gritando em voz alta – embora, na verdade, toda essa reviravolta estivesse acontecendo em silêncio – e o silêncio fazia a situação parecer muito mais ameaçadora. O contramestre gritou para seus homens se amarrarem a suas posições. – E todos aqueles que não estão fazendo nada, vão para baixo imediatamente – acrescentou.

Elric havia enrolado a ponta de um lenço ao redor da amurada e amarrou a outra ponta em seu pulso. Dyvim Tvar usou um longo cinto com a mesma finalidade. Mesmo assim eles foram arremessados em todas as direções, muitas vezes perdendo o pé

enquanto o navio chacoalhava. Todos os ossos do corpo de Elric pareciam prestes a se partir e cada centímetro de sua carne parecia ferida. O navio estava rangendo e protestando e ameaçando quebrar-se sob a terrível pressão de resistir à terra revolta.

– Isso é obra do Grome, Elric? – Dyvim Tvar estava ofegante. – Ou é alguma feitiçaria de Yyrkoon?

Elric balançou a cabeça.

– Não é Yyrkoon. É Grome. E não conheço nenhuma maneira de acalmá-lo. Grome... talvez o mais poderoso dos Reis dos Elementos.

– Mas, dessa forma, ele não está quebrando o acordo com o irmão ao fazer isso?

– Não. Acho que não. O Rei Straasha nos alertou de que isso poderia acontecer. Podemos apenas esperar que Grome gaste toda a sua energia e que o navio resista, da mesma forma como seria em uma tempestade natural, no mar.

– Isto é pior do que uma tempestade no mar, Elric!

Elric acenou concordando, mas não conseguiu dizer nada, pois o convés se inclinou em um ângulo insano e ele teve de se agarrar na amurada com ambas as mãos, a fim de conseguir se manter em pé.

Agora eles ouviam um estrondo e um rugido que pareciam ter algo de um riso alucinado.

– Rei Grome! – Elric gritou. – Rei Grome! Deixe-nos! Não lhe fizemos nenhum mal!

Mas o riso aumentou e fez o navio tremer por inteiro enquanto a terra subia e descia ao redor, com árvores e rochedos atirados em direção ao navio, mas sem nunca atingi-lo, pois, sem dúvida, Grome queria seu navio intacto.

– Grome! Você não tem nenhuma desavença com os mortais! – Elric gritou novamente. – Deixe-nos! Peça um favor a nós se for preciso, mas conceda-nos esse favor em troca!

Elric estava gritando qualquer coisa que lhe vinha à cabeça. Mas ele não tinha muita esperança de ser ouvido pelo deus da terra e

não esperava que o Rei Grome fosse se incomodar em dar atenção a ele, isso se o elemental sequer o ouvia. Não havia mais nada que pudesse ser feito.

– Grome! Grome! Grome! Ouça-me!

A única resposta a Elric foi um riso ainda mais alto que fez todos os nervos dele tremerem. A terra se agitou ainda mais e o navio girou e girou até um ponto em que Elric tinha certeza que iria perder os sentidos por completo.

– Rei Grome! Rei Grome! É justo assassinar aqueles que nunca lhe fizeram mal?

E então, lentamente, a terra se acalmou e o navio ficou imóvel quando uma figura marrom enorme apareceu diante do navio. A figura era da cor da terra e se parecia com um grande e velho carvalho. Seu cabelo e sua barba eram da cor das folhas, seus olhos eram da cor do ouro, seus dentes eram da cor do granito, seus pés eram como raízes e sua pele parecia coberta de minúsculos brotos verdes no lugar de pelos. Era o Rei Grome dos Elementais da Terra. Ele fungou e franziu a testa e disse em uma voz suave e poderosa, que era ao mesmo tempo áspera e carrancuda:

– Eu quero o meu navio.

– O navio não é nosso para lhe dar, Rei Grome – disse Elric.

O tom de petulância de Grome aumentou.

– Eu quero o meu navio – disse ele lentamente. – Eu o quero. É meu.

– De que ele serve pra você, rei Grome?

– De que serve? Ele é meu.

Grome bateu o pé e a terra tremeu.

Elric disse desesperadamente:

– É o navio de seu irmão, Rei Grome. É o navio do Rei Straasha. Ele lhe deu parte de seu domínio e em troca você permitiu que ele ficasse com o navio. Esse era o acordo.

– Eu não sei de nenhum acordo. O navio é meu.



– Você sabe que se tomar o navio, então o Rei Straasha terá que tomar de volta a terra que ele lhe deu.

– Eu quero o meu navio. – A figura enorme mudou sua posição e pedaços de terra caíram dele sobre o convés do navio.

– Então você terá de nos matar para tê-lo de volta – disse Elric.

– Matar? Grome não mata mortais. Ele não mata nada. Grome constrói. Grome traz vida.

– Pois já matou três de nosso grupo – Elric atacou. – Três mortos, Rei Grome, por causa da sua tempestade de terra.

As enormes sobranceiras de Grome se juntaram e ele coçou a enorme cabeça, causando um tremendo barulho.

– Grome não mata – disse ele de novo.

– Pois o Rei Grome matou, sim – disse Elric enfaticamente. – Três vidas perdidas.

Grome resmungou.

– Mas eu quero o meu navio.

– O navio nos foi emprestado por seu irmão. Não podemos dá-lo a você. Além disso, nós o estamos navegando com um propósito. Um propósito nobre, penso eu. Nós...

– Não sei nada sobre seus propósitos... e não me importo com vocês. Eu quero o meu navio. Meu irmão não deveria tê-lo emprestado a vocês. Eu tinha quase me esquecido dele. Mas agora que eu me lembro dele, eu o quero.

– Será que você não aceita outra coisa no lugar do navio, Rei Grome? – disse Dyvim Tvar inesperadamente. – Algum outro presente?

Grome balançou a cabeça monstruosa.

– Como pode um mortal me dar alguma coisa? São os mortais que tomam de mim o tempo todo. Eles roubam meus ossos e meu sangue e minha carne. Vocês poderiam me devolver tudo o que sua espécie tirou de mim?

– Não haveria alguma coisa? – Elric disse.

Grome fechou os olhos.

– Metais preciosos? Joias? – sugeriu Dyvim Tvar. – Temos muitas em Melniboné.

– Tenho joias em abundância – disse o Rei Grome.

Elric se encolheu em desespero.

– Como podemos negociar com um deus, Dyvim Tvar? – Ele deu um sorriso amargo.

– O que o Senhor do Solo deseja? Mais sol, mais chuva? Estes não são nossos para dar.

– Eu sou uma espécie grosseira de deus – disse Grome. – Se é que de fato um deus eu sou. Mas eu não tinha a intenção de matar seus companheiros. Eu tenho uma ideia. Dê-me os corpos dos mortos. Enterre-os em meu solo.

O coração de Elric saltou.

– Isso é tudo o que você deseja de nós?

– Parece muito para mim.

– E com isso você nos permitirá continuar a navegar?

– Na água, sim – rosnou Grome. – Mas eu não vejo por que eu deveria permitir que vocês naveguem sobre a minha terra. É demais esperar isso de mim. Vocês podem ir para o lago próximo, mas a partir de agora este navio só possui as propriedades atribuídas pelo meu irmão Straasha. Ele não mais poderá cruzar os meus domínios.

– Mas, Rei Grome, precisamos deste navio. Estamos tratando de assuntos urgentes. Precisamos navegar até a cidade. – Elric apontou na direção de Dhoz-Kam.

– Você pode ir para o lago, mas, depois disso, o navio poderá navegar apenas na água. Agora me deem o que eu peço.

Elric chamou o contramestre, que estava espantado com o que estava presenciando.

– Traga os corpos dos três homens mortos.

Os corpos foram trazidos. Grome estendeu uma de suas enormes mãos de terra e os pegou.

– Eu lhes agradeço – ele rosnou. – Adeus. E lentamente Grome começou a descer para o interior da terra, toda a sua enorme forma, átomo por átomo, sendo absorvida com a terra até que ele se foi.

E então o navio estava em movimento de novo, lentamente, em direção ao lago, na última viagem que faria sobre o solo.

– E, assim, nossos planos são frustrados – disse Elric.

Dyvim Tvar olhou miseravelmente para o lago brilhante.

– Sim. Depois de tanto planejarmos. Hesito em sugerir isso para você, Elric, mas temo que tenhamos de recorrer à magia novamente, se quisermos ter alguma chance de alcançar o nosso objetivo.

Elric suspirou.

– É o que parece mesmo que teremos de fazer – disse ele.

# Capítulo 8

## A cidade e o espelho



Príncipe Yyrkoon estava satisfeito. Seus planos estavam dando certo. Ele olhou através da cerca alta que envolvia a laje de sua casa (três andares de altura, a melhor na cidade de Dhoz-Kam). Olhou na direção do porto, para sua esplêndida frota. Todo navio que chegou a Dhoz-Kam foi facilmente tomado depois de sua tripulação ter visto o grande espelho sobre os pilares acima da cidade. Demônios construíram esses pilares, e o Príncipe Yyrkoon pagou pelo seu trabalho com as almas de todos aqueles de Oin e Yu que haviam resistido a ele. Agora havia uma última ambição a atingir e, em seguida, ele e seus novos seguidores poderiam seguir seu caminho para Melniboné...

Ele se virou e falou com sua irmã. Cymoril estava sobre um banco de madeira, olhando vagamente para o alto, vestida com os farrapos imundos da roupa que ela usava quando Yyrkoon a raptou de sua torre.

– Veja a nossa frota, Cymoril! Enquanto as barcas douradas estão espalhadas, vamos navegar sem entraves até Imrryr e declarar a cidade nossa. Elric não pode se defender contra nós agora. Ele caiu tão facilmente na minha armadilha. É um tolo! E você foi tola em lhe dar sua afeição!

Cymoril não respondeu. Durante todos esses meses, Yyrkoon drogou sua comida e bebida e produziu nela uma fraqueza que rivalizava com a de Elric quando não estava sob o efeito de suas poções. As experiências de Yyrkoon com feitiçaria o deixaram

esquelético, com os olhos fundos e um aspecto asqueroso; ele deixou de se preocupar com sua aparência física. Enquanto que Cymoril ficou com uma aparência debilitada, fantasmagórica. Era como se a decadência de Dhoz-Kam os tivesse infectado.

– Não tema pelo seu futuro, minha irmã – Yyrkoon continuou. Ele deu um riso engasgado. – Você ainda será imperatriz e se sentará ao lado do imperador em seu Trono Rubi. Só que eu serei o imperador e Elric morrerá. E sua morte será da maneira mais inventiva do que qualquer coisa que ele tenha pensado em fazer comigo.

A voz de Cymoril era oca e distante. Ela não virou a cabeça quando falou:

– Você é insano, Yyrkoon.

– Insano? Ora, irmã, essa é uma palavra que uma verdadeira melniboneana deveria usar? Nós melniboneanos não julgamos nada são ou insano. O que um homem é, ele é. O que ele faz, ele faz. Talvez você tenha ficado tempo demais nos Reinos Jovens e seus julgamentos estão se tornando os deles. Mas isso será corrigido em breve. Voltaremos à Ilha do Dragão em triunfo e você se esquecerá de tudo isso, como se você mesma tivesse olhado para o Espelho da Memória. – Ele lançou um olhar nervoso para cima, como se esperasse que o espelho pudesse ser apontado para ele.

Cymoril fechou os olhos. Sua respiração estava pesada e muito lenta. Ela só conseguia resistir a esse pesadelo que estava vivendo porque estava certa de que Elric iria resgatá-la daquela situação. Essa esperança era tudo o que a impedia de destruir a si mesma. Se a esperança acabasse, ela iria provocar a sua própria destruição e estaria livre de Yyrkoon e todos os seus horrores.

– Eu lhe disse que na noite passada obtive sucesso? Eu conjurei demônios, Cymoril. Demônios poderosos e sombrios. Aprendi com eles tudo o que restava para aprender. E finalmente abri a Porta Sombria. Em breve irei passar por ela e lá do outro lado deverei

encontrar o que procuro. Irei me tornar o mortal mais poderoso da terra. Eu já lhe contei sobre isso, Cymoril?

Ele tinha, de fato, repetido aquilo várias vezes naquela manhã, mas Cymoril não havia dado atenção das outras vezes e também não o fez agora. Estava se sentindo muito cansada e tentou dormir. Ela disse lentamente, como se quisesse se lembrar de algo:

– Eu te odeio, Yyrkoon.

– Ah, mas você irá me amar em breve, Cymoril. Em breve.

– Elric virá...

– Elric! Ah! Ele está agora sentado, trançando os dedos em sua torre, esperando notícias que nunca virão. A não ser as notícias que eu mesmo levarei para ele.

– Elric virá – disse ela.

Yyrkoon rosou. Uma menina oinense de feições brutas lhe trouxe vinho em uma jarra. Yyrkoon serviu-se de uma taça e bebeu seu conteúdo. Então ele o cuspiu na menina, que, tremendo, tentou se esquivar. Yyrkoon pegou a jarra e esvaziou-a no chão empoeirado.

– Este é o sangue fino de Elric. E vou esparramá-lo da mesma maneira que fiz agora!

Mas, novamente, Cymoril não estava ouvindo. Ela estava tentando se lembrar de seu amante albino e os poucos doces dias que passaram juntos desde que eram crianças.

Yyrkoon atirou o jarro vazio na cabeça da menina, mas ela parecia já ter adquirido prática em se esquivar. E, ao fazê-lo, murmurou sua resposta padrão para todos os ataques e insultos dele. – Obrigado, Senhor Demônio – disse ela.

Yyrkoon riu.

– Sim! Senhor Demônio. Seu povo tem razão em me chamar assim, pois eu governo mais demônios do que homens. Meu poder aumenta a cada dia!

A menina oinense se apressou em buscar mais vinho, pois ela sabia que ele pediria por mais em seguida. Yyrkoon atravessou a laje para olhar pelas frestas da cerca, para as provas de seu poder, mas, ao olhar para os navios, ouviu sons de confusão. Poderiam os yuitas e os oinenses estar lutando entre si? Onde estavam seus centuriões imrryrianos? Onde estava o capitão Valharik?

Ele atravessou para o outro lado da laje, quase passando por cima de Cymoril, que parecia estar dormindo, e olhou para baixo em direção às ruas.

– Fogo? – ele murmurou. – Fogo?

Parecia mesmo que as ruas estavam em chamas. No entanto, não era um fogo comum. Eram bolas de fogo que haviam sido arremessadas, queimando telhados, portas, qualquer coisa que tocasse.

Yyrkoon franziu a testa incrédulo, pensando a princípio que tinha sido descuidado e algum de seus feitiços tinha se voltado contra ele, mas depois olhou por sobre as casas em chamas, e viu no rio um navio estranho, um navio de grande graça e beleza, que de alguma forma parecia mais uma criação da natureza do que do homem – e ele percebeu que estavam sendo atacados. Mas quem iria atacar Dhoz-Kam? Não havia nada que valesse o esforço de saquear a cidade. Não poderiam ser imrryrianos...

Não poderia ser Elric.

– Não pode ser Elric – ele rosnou. – O Espelho. Ele precisa ser apontado para os invasores.

– E para si mesmo, irmão? – Cymoril havia se levantado e, cambaleando, se apoiou em uma mesa. Ela estava sorrindo. – Você estava muito confiante, Yyrkoon. Elric chegou.

– Elric! Que absurdo! São apenas alguns invasores bárbaros do interior. Assim que estiverem no centro da cidade, poderemos usar o Espelho da Memória sobre eles. – Ele correu para o alçapão que

dava para o interior da casa. – Capitão Valharik! Valharik, onde você está?

Valharik apareceu na sala abaixo. Ele estava suando. Havia uma lâmina em sua mão enluvada, embora ele não parecesse ter participado de qualquer luta ainda.

– Prepare o espelho, Valharik. Vire-o na direção dos invasores agora mesmo.

– Mas, meu senhor, assim nós podemos...

– Depressa! Faça o que eu digo. Em breve teremos esses bárbaros em nossas próprias tropas. Junto com seus navios.

– Bárbaros, meu senhor? Podem os bárbaros comandar os elementais do fogo? Essas coisas contra as quais lutamos são espíritos das chamas. Eles não podem ser mortos, da mesma maneira como não se pode matar o fogo.

– O fogo pode ser destruído com água – o Príncipe Yyrkoon lembrou ao seu comandante. – Com água, capitão Valharik. Você esqueceu?

– Mas, Príncipe Yyrkoon, tentamos apagar os espíritos com água... e a água não saiu de nossos baldes. Algum feiticeiro poderoso comanda os invasores. Ele tem a ajuda dos espíritos do fogo e da água.

– Você está louco, Capitão Valharik – disse Yyrkoon com firmeza.

– Louco. Prepare o espelho e vamos acabar com essas tolices.

Valharik molhou os lábios secos.

– Sim, meu senhor. – Ele baixou a cabeça e foi cumprir as ordens de seu mestre.

Novamente Yyrkoon foi para a cerca e observou através dela. Havia homens nas ruas agora, lutando contra seus guerreiros, mas a fumaça obscurecia sua visão da situação, ele não conseguia distinguir a identidade de qualquer um dos invasores.

– Desfrute da sua breve vitória – Yyrkoon riu. – Pois logo o espelho vai apagar suas mentes e vocês se tornarão meus escravos.



– É Elric – disse Cymoril calmamente. Ela sorriu. – Elric veio se vingar de você, irmão.

Yyrkoon riu.

– Você acha mesmo? Bem, mesmo se for verdade, se ele chegar aqui eu já terei ido embora, porque eu ainda tenho meios de fugir dele... E ele vai encontrá-la em uma condição que não vai agradá-lo (vai provocar nele uma angústia considerável). Mas não é Elric. É algum xamã selvagem das estepes a leste daqui. Que em breve estará em meu poder.

Cymoril também estava olhando através da cerca.

– Elric – disse ela. – Posso ver o seu elmo.

– O quê? – Yyrkoon a empurrou para o lado. Ali, nas ruas, imrryrianos lutavam contra imrryrianos, já não havia mais qualquer dúvida sobre isso. Os homens de Yyrkoon – imrryrianos, oinenses e yuitas – estavam sendo empurrados para trás. E na cabeça de um dos invasores imrryrianos podia ser visto um elmo com um dragão negro que apenas um melniboneano usava. É o elmo de Elric. E a espada de Elric, que havia pertencido um dia a Earl Aubec de Malador, subia e descia e brilhava com o sangue que refletia a luz do sol da manhã.

Por um momento Yyrkoon foi esmagado pelo desespero. Ele gemeu.

– Elric, Elric, Elric. Ah, como nós continuamos a subestimar um ao outro. Que maldição é esta sobre nós?

Cymoril jogara a cabeça para trás e seu rosto tinha ganhado vida novamente.

– Eu disse que ele viria, meu irmão!

Yyrkoon cercou-a.

– Sim! Ele está aqui. E o espelho vai roubar-lhe a mente e ele vai se tornar meu escravo e acreditar em qualquer coisa que eu quiser colocar em sua cabeça. Isto é ainda mais doce do que eu planejei, irmã. Ah! – Ele olhou para o alto e, imediatamente, atirou os braços

sobre os olhos quando percebeu o que tinha ordenado. – Rápido, para baixo! Para dentro da casa! O espelho vai ser apontado para cá! – Houve um grande ranger de engrenagens, roldanas e correntes à medida que o terrível Espelho da Memória começou a ser direcionado para as ruas lá embaixo. – Vai levar pouco tempo até que Elric e seus homens sejam acrescentados às minhas forças. Que esplêndida ironia! – Yyrkoon apressou sua irmã para que ela descesse os degraus e ele fechou o alçapão atrás dele. – O próprio Elric irá ajudar no ataque a Imrryr. Ele vai destruir sua própria espécie. Ele vai expulsar a si mesmo do Trono Rubi!

– Você não acha que Elric já se antecipou à ameaça do Espelho da Memória, irmão? – Cymoril disse com satisfação.

– Antecipar, sim. Mas não pode resistir a ele. Para lutar, ele precisa estar de olhos abertos. Ou ele olha contra quem luta ou será cortado em pedaços. Nenhum homem com olhos pode ser salvo do poder do espelho. – Ele olhou ao redor da sala toscamente decorada. – Onde está Valharik? Onde está o patife?

Valharik entrou correndo.

– O espelho está sendo virado, meu senhor, mas vai afetar nossos homens, também. Temos que...

– Então pare de temer. E daí se nossos próprios homens forem afetados? Podemos assim suprir suas mentes do que eles precisam saber ao mesmo tempo em que fazemos o mesmo com nossos inimigos derrotados. Você está nervoso demais, capitão Valharik.

– Mas Elric os lidera...

– E os olhos de Elric são olhos. Embora se pareçam com joias escarlates. Ele não se sairá melhor do que seus homens.



Nas ruas ao redor da casa do Príncipe Yyrkoon, Elric, Dyvim Tvar e seus imrryrianos avançavam, forçando para trás os seus adversários desmoralizados. Os invasores tinham perdido apenas um homem, ao passo que muitos oinenses e yuitas jaziam mortos nas ruas, ao lado de alguns de seus comandantes imrryrianos renegados. Os elementais do fogo, a quem Elric havia invocado com algum esforço, estavam começando a se dispersar, pois lhes custava caro passar tanto tempo na dimensão de Elric. Mas a vantagem necessária tinha sido obtida e agora havia pouca dúvida de quem venceria, enquanto uma centena de casas, ou mais, ardia em toda a cidade, incendiando outras e exigindo atenção por parte dos defensores sob pena de todo o lugar acabar completamente em chamas. No porto, os navios estavam queimando também.

Dyvim Tvar foi o primeiro a notar o espelho começando a oscilar para ser direcionado para as ruas. Ele sinalizou em advertência, depois se virou, soprou sua corneta de guerra e ordenou que as tropas tomassem à dianteira – até agora, elas não haviam tomado parte na batalha.

– Agora vocês irão nos conduzir! – gritou ele, e abaixou o elmo sobre o rosto. Os buracos para os olhos estavam fechados, de modo que ele não podia ver através do elmo.

Lentamente, Elric baixou também seu elmo e ficou nas trevas. O som da luta continuou, no entanto, quando os veteranos, que haviam navegado com eles desde Melniboné, os substituíram no combate e as outras tropas recuaram. Os imrryrianos agora na liderança não taparam os buracos dos seus elmos.

Elric orou para que o plano funcionasse.



Yyrkoon, espiando cautelosamente através de uma fenda em uma pesada cortina, disse em tom lamuriante:

– Valharik? Eles continuam lutando. Como podem? O espelho não foi corretamente direcionado?

– Com certeza deve estar na posição, meu senhor.

– Então veja você mesmo. Os imrryrianos continuam a avançar através de nossos defensores, e nossos homens estão começando a ficar sob a influência do espelho. O que deu errado, Valharik? O que deu errado?

Valharik sugou o ar por entre os dentes e havia certa admiração em sua expressão quando olhou para os imrryrianos em combate.

– Eles são cegos – disse ele. – Eles lutam pelo som, pelo toque e pelo cheiro. Eles são cegos, meu imperador, e eles lideram Elric e seus homens com os elmos totalmente fechados, de forma que eles não possam ver nada.

– Cegos? – Yyrkoon falou quase pateticamente, se recusando a entender. – Cegos?

– Sim. Guerreiros cegos – homens feridos em guerras anteriores, mas mesmo assim bons lutadores. É assim que Elric está derrotando nosso espelho, meu senhor.

– Ah! Não! Não! – Yyrkoon bateu com força nas costas de seu capitão, e o homem se encolheu. – Elric não é astuto. Ele não é astuto. Algum poderoso demônio deve ter lhe dado essa ideia.

– Talvez, meu senhor. Mas existem demônios mais poderosos do que aqueles que o ajudaram?

– Não – disse Yyrkoon. – Não existem. Oh, eu poderia invocar alguns deles agora. Mas gastei meus poderes ao abrir a Porta Sombria. Eu deveria ter previsto... Mas não pude imaginar... Oh, Elric! Ainda irei destruí-lo, quando as espadas rúnicas forem minhas!

– Yyrkoon franziu a testa. – Mas como ele conseguiu se preparar? Que demônio ele...? A menos que ele tenha conjurado o próprio Ariocho?! Mas ele não tem o poder de invocar Ariocho. Mesmo eu não poderia chamá-lo...

Então, como resposta, Yyrkoon ouviu a canção de batalha de Elric vindo das ruas próximas. E a canção respondia à pergunta.

“Arioch! Arioch! Sangue e almas para o meu senhor Arioch!”



– Então, eu preciso possuir as espadas rúnicas. Devo passar pela Porta Sombria. Ainda tenho aliados lá... aliados sobrenaturais que irão lidar facilmente com Elric, se necessário for. Mas eu preciso de tempo...– Yyrkoon murmurava para si mesmo enquanto andava pela sala. Valharik continuou a observar a luta.

– Eles estão cada vez mais perto – disse o capitão.

Cymoril sorriu.

– Cada vez mais perto, Yyrkoon? Quem é o idiota agora? Elric? Ou você?

– Silêncio! Estou pensando. Estou pensando... – Yyrkoon dedilhou os lábios.

Então seu olhar brilhou, e ele olhou astuciosamente para Cymoril por um segundo antes de voltar sua atenção para o Capitão Valharik.

– Valharik, você deve destruir o Espelho da Memória.

– Destruí-lo? Mas é nossa única arma, meu senhor!

– Exatamente! Mas ela não está sendo inútil agora?

– Sim.

– Destrua-o e ele nos será útil novamente. – Yyrkoon apontou um dedo longo na direção da porta. – Vá. Destrua o espelho.

– Mas, Príncipe Yyrkoon... digo... imperador... isso não vai nos deixar sem nossa única arma?

– Faça o que eu digo, Valharik! Ou perecerá!

– Mas como eu posso destruí-lo, meu senhor?

– Sua espada. Você tem de escalar a coluna atrás da face do espelho. Então, sem olhar para o espelho, deve golpear sua espada

contra ele. Ele vai quebrar facilmente. Você sabe os cuidados que tive de tomar para me certificar de que ele não fosse danificado.

– É tudo o que eu devo fazer?

– Sim. Depois disso você estará livre dos meus serviços. Pode ir embora e fazer qualquer outra coisa que desejar.

– Não iremos navegar para Melniboné?

– Claro que não. Eu planejei outro método de tomar a Ilha do Dragão.

Valharik encolheu os ombros. Sua expressão demonstrava que ele nunca tinha realmente acreditado nas certezas de Yyrkoon. Mas o que mais poderia fazer, senão seguir Yyrkoon, já que a tortura e a morte o esperavam pelas mãos de Elric? Com ombros curvados, o capitão retirou-se para fazer o trabalho de seu príncipe.

– E agora, Cymoril... – Yyrkoon sorriu, estendendo a mão para agarrar os ombros macios de sua irmã. – Agora, vamos prepará-la para o seu amante, Elric.



Um dos guerreiros cegos gritou:

– Eles não estão mais resistindo ao nosso ataque, meu senhor. De repente ficaram vacilantes e se deixam ser golpeados. Por que isso?

– O espelho roubou-lhes as memórias – Elric respondeu, virando sua cabeça para o som da voz do guerreiro. – Você pode nos levar a um edifício agora onde, com sorte, não dê vista para o espelho.

Por fim, eles chegaram a um lugar que, parecia a Elric, enquanto ele levantava seu elmo, ser um tipo de armazém. Felizmente, era um lugar grande o suficiente para caber toda a sua tropa, e quando estavam todos lá dentro, Elric fechou as portas, e começaram a discutir qual seria a próxima ação.

– Devemos encontrar Yyrkoon – disse Dyvim Tvar. – Vamos interrogar alguns desses guerreiros.

– Não vai adiantar de nada, meu amigo – Elric lembrou. – A mente deles foi apagada. Eles vão se lembrar de pouco ou nada. Agora eles mal conseguem se lembrar o que são, quanto mais quem são. Vá até aquelas janelas, onde a influência do espelho não pode alcançar, e veja se você pode ver o edifício mais provável de ser ocupado por meu primo.

Dyvim Tvar cruzou rapidamente até as janelas e olhou com cautela para fora.

– Sim, há um edifício maior do que os outros e eu vejo algum movimento lá dentro, como se os guerreiros sobreviventes estivessem se reagrupando. É provável que seja o esconderijo de Yyrkoon. Deve ser fácil de ser tomado.

Elric concordou:

– Sim. Encontraremos Yyrkoon lá. Mas temos de nos apressar, antes que ele decida matar Cymoril. Temos de trabalhar a melhor maneira de chegar lá, instruindo nossos guerreiros cegos quanto ao número de ruas, quantas casas e assim por diante, que temos de passar.

– Que som estranho é esse? – Um dos guerreiros cegos ergueu a cabeça. – Como o zumbido distante de um gongo.

– Estou ouvindo também – disse outro homem cego.

E agora Elric ouviu. Um barulho sinistro. Vinha do ar acima deles. O ruído fazia estremecer a atmosfera.

– O espelho! – Dyvim Tvar olhou para cima. – Será que ele tem alguma outra propriedade que não prevíamos?

– Possivelmente... – Elric tentou lembrar o que Arioeh lhe dissera. Mas Arioeh tinha sido vago. Ele não havia dito nada sobre esse terrível e poderoso ruído, este clangor despedaçante, como se... – Ele está quebrando o espelho! – disse ele. – Mas, por quê? – Havia

algo mais agora, algo roçando em sua mente. Como se o som fosse, em si, consciente.

– Talvez Yyrkoon esteja morto e sua magia esteja morrendo como ele – Dyvim Tvar suspeitou. E então ele se interrompeu com um gemido. O barulho estava mais alto, mais intenso, trazendo uma dor aguda aos seus ouvidos.

E agora Elric sabia. Ele tapou os ouvidos com as mãos enluvadas. As memórias no espelho. Elas estavam inundando sua mente. O espelho foi quebrado e estava liberando todas as lembranças que tinha roubado ao longo de séculos... – talvez de éons. Muitas dessas lembranças não eram mortais. Muitas eram as memórias de bestas e criaturas inteligentes que já existiam antes mesmo de Melniboné. E as memórias guerreavam por espaço na mente de Elric – nas mentes de todos os imrryrianos. Nas pobres mentes torturadas dos homens lá fora, cujos gritos lamentáveis podiam ser ouvidos vindo das ruas. E na mente do capitão Valharik, o traidor, que perdeu o equilíbrio na grande coluna e caiu com os estilhaços do espelho no chão lá embaixo.

Mas Elric não ouviu o capitão Valharik gritar e não ouviu o corpo de Valharik bater primeiro em um telhado e, em seguida, na rua onde ele ficou prostrado, por baixo do espelho quebrado.

Elric deitou-se no chão de pedra do armazém e estremeceu, tendo convulsões, assim como seus companheiros, tentando limpar da mente as milhões de memórias que não eram deles. Memórias de amores, de ódios, de experiências estranhas e experiências comuns, de guerras e viagens, de rostos de parentes que não eram seus parentes, de homens e mulheres, crianças, animais, de navios e cidades. De lutas, de fazer amor, de medos e desejos. E as memórias lutavam entre si pela posse de sua mente tumultuada, ameaçando remover suas próprias memórias (e, portanto, sua própria personalidade) de sua mente. E enquanto Elric se contorcia



no chão, agarrando-se a seus ouvidos, falava uma palavra repetidas vezes, em um esforço para se agarrar à própria identidade.

“Elric, Elric, Elric.”

E, aos poucos, com um esforço que ele tinha experimentado apenas uma vez antes, quando tinha convocado Arioach ao plano terrestre, conseguiu apagar todas as memórias estranhas a ele e afirmar sua própria até que, abalado e fraco, tirou as mãos dos ouvidos e já não gritava mais seu nome. Então, ele se levantou e olhou em volta.

Mais de dois terços dos seus homens estavam mortos, cegos ou não. O contramestre estava morto, com os olhos arregalados e fixos, os lábios congelados em um grito, seu olho direito arrancado por ele mesmo. Todos os cadáveres jaziam em posições não naturais, todos tinham os olhos abertos (quando tinham os olhos) e muitos traziam marcas de automutilação, enquanto outros tinham vomitado e outros bateram a cabeça violentamente contra a parede. Dyvim Tvar estava vivo, mas todo retorcido em um canto, murmurando para si mesmo, e Elric pensou que ele pudesse estar louco. Alguns dos outros sobreviventes tinham, sim, enlouquecido, mas estavam em silêncio e não ofereciam nenhum perigo. Apenas cinco, incluindo Elric, pareciam ter resistido às memórias invasoras e mantiveram sua sanidade.

– Dyvim Tvar? – Elric colocou a mão no ombro do amigo. – Dyvim Tvar?

Dyvim Tvar tirou a cabeça de entre os braços e olhou nos olhos de Elric. Os olhos de Dyvim Tvar refletiam a experiência de milênios e não havia ironia nenhuma nisso.

– Estou vivo, Elric.

– Poucos estão vivos agora.



Um pouco mais tarde, eles deixaram o armazém, não precisando mais temer o espelho, e descobriram que todas as ruas estavam cheias de mortos, que tinham também recebido as memórias vindas dele. Corpos rígidos estendiam as mãos para eles. Lábios mortos formavam apelos silenciosos de ajuda. Elric tentou não olhar para eles enquanto se espremia entre os corpos, agora o seu desejo de vingança contra o primo estava ainda mais forte.

Eles chegaram à casa. A porta estava aberta, e o piso estava cheio de cadáveres. Não havia sinal do Príncipe Yyrkoon.

Elric e Dyvim Tvar levaram os poucos imrryrianos que ainda estavam sãos pela escada para o andar acima, passando por mais cadáveres suplicantes, até chegarem ao piso superior da casa.

E ali encontraram Cymoril.

Ela estava deitada em um sofá e estava nua. Havia runas pintadas em sua carne e as runas eram, por si próprias, obscenas. Suas pálpebras estavam pesadas e ela, a princípio, não os reconheceu. Elric correu para o lado dela e segurou seu corpo nos braços. O corpo estava estranhamente frio.

– Ele... Ele me fez... dormir... – disse Cymoril. – Um sono enfeitado... do qual apenas ele pode me despertar... – Ela deu um grande bocejo. – Eu fiquei acordada... todo esse tempo... por minha força de vontade... Pois Elric virá...

– Elric está aqui – disse o amante, suavemente. – Eu sou Elric, Cymoril.

– Elric? – Ela relaxou em seus braços. – Você... Você tem de encontrar Yyrkoon... pois só ele pode me acordar...

– Para onde ele foi? – O rosto de Elric havia endurecido. Seus olhos vermelhos estavam em fúria. – Para onde?

– Ele foi procurar as duas espadas negras... As espadas rúnicas... de nossos antepassados... Mournblade...

– E Stormbringer – disse Elric severamente. – Essas espadas são amaldiçoadas. Mas para onde ele foi, Cymoril? Como ele conseguiu

escapar de nós?

– Atravessando... Atravessando... a Porta Sombria... Ele a conjurou! Fez os mais terríveis pactos com demônios para poder passar por ela... Até o outro lado...

Agora Cymoril dormia, mas parecia haver certa paz em seu rosto.

Elric observou Dyvim Tvar atravessar a sala, com sua espada na mão, e abrir a porta. Um fedor horrível veio do recinto ao lado, que estava na escuridão. Algo brilhou do outro lado.

– Sim. Isso é feitiçaria, com certeza – disse Elric. – E Yyrkoon me enganou. Ele conjurou a Porta Sombria e passou por ela em direção a algum mundo inferior. Qual, eu nunca vou saber, pois há uma infinidade deles. Oh, Arioch, eu daria tanto para seguir meu primo!

*Então, você deve segui-lo,* disse uma voz doce, sardônica, na cabeça de Elric.

No início, o albino pensou se tratar de um vestígio de uma memória ainda lutando pela posse de sua mente, mas então ele concluiu que Arioch falou com ele.

*Dispense seus seguidores para que eu possa falar contigo,* disse Arioch.

Elric hesitou. Ele queria ficar sozinho... Mas não com Arioch. Ele queria ficar com Cymoril, pois ela o estava fazendo chorar. Lágrimas já rolavam de seus olhos vermelhos.

*O que eu tenho a dizer pode restaurar Cymoril ao seu estado normal,* disse a voz. *E, além do mais, isso irá ajudá-lo a derrotar Yyrkoon e se vingar dele. Na verdade, pode torná-lo o mortal mais poderoso que já existiu.*

Elric olhou para Dyvim Tvar:

– Você e seus homens poderiam me deixar sozinho por alguns momentos?

– Claro. – Dyvim Tvar levou seus homens para longe e fechou a porta atrás de si.

Arioch apareceu encostado na mesma porta. Mais uma vez ele tinha assumido a forma e a postura de um belo jovem. Seu sorriso era amigável e apenas os olhos antigos revelavam sua aparência.

– É hora de você mesmo procurar as espadas negras, Elric – disse Arioch. – Para que Yyrkoon não as alcance primeiro. Eu o aviso sobre isso... Com as espadas rúnicas, Yyrkoon será tão poderoso que poderá destruir metade do mundo sem se dar conta. É por isso que seu primo arrisca os perigos do mundo além da Porta Sombria. Se Yyrkoon tomar posse dessas espadas antes de você as encontrar, isso significará o seu fim, o de Cymoril, dos Reinos Jovens e, muito possivelmente, a destruição de Melniboné também. Vou ajudá-lo a entrar no submundo para buscar as espadas rúnicas gêmeas.

Elric disse pensativamente:

– Já fui muitas vezes alertado para os perigos de procurar as espadas... e perigos piores ainda por possuí-las. Acho que devo considerar outro plano, meu senhor Arioch.

– Não existe outro plano a se considerar. Yyrkoon cobiça as espadas mais do que tudo. Com Mournblade em uma mão e Stormbringer na outra, ele será invencível, pois as espadas dão poder a quem as usam. Poder imenso. – Arioch esperou. – Você tem de fazer como estou dizendo. Essa será a sua vantagem.

– E a sua também, Senhor Arioch?

– Sim... minha. Eu não sou totalmente altruísta.

Elric balançou a cabeça:

– Estou confuso. Tem muito de sobrenatural neste assunto. Eu suspeito que os deuses estejam nos manipulando...

– Os deuses servem apenas àqueles que estão dispostos a servi-los. E os deuses servem ao destino, também.

– Eu não gosto disso. Deter Yyrkoon é uma coisa, mas assumir as suas ambições e tomar as espadas eu mesmo... Isso é outra coisa.

– É o seu destino.

– Não posso mudar meu destino?

Arioch balançou a cabeça:

– Não mais do que eu poderia.

Elric acariciou o cabelo da adormecida Cymoril:

– Eu a amo. Ela é tudo o que eu desejo.

– Você não pode acordá-la se Yyrkoon encontrar as espadas antes de você.

– E como irei encontrar as espadas?

– Entre pela Porta Sombria. Eu a estou mantendo aberta, embora Yyrkoon pense que está fechada. Ao chegar do outro lado, você deve procurar o Túnel sob o Pântano que leva à Caverna Pulsante. Nessa câmara as espadas rúnicas são mantidas. Elas vêm sendo mantidas lá desde que seus antepassados abandonaram-nas...

– Por que elas foram abandonadas?

– Seus antepassados não tiveram coragem.

– Coragem de enfrentar o quê?

– A si próprios.

– Você é enigmático, meu Senhor Arioch.

– Esse é o modo dos Senhores dos Mundos Superiores. Depressa. Mesmo eu não posso manter a Porta Sombria aberta por muito tempo.

– Muito bem. Eu irei.

E Arioch desapareceu imediatamente.

Elric chamou Dyvim Tvar com uma voz rouca e rachada. Dyvim Tvar entrou imediatamente.

– Elric? O que aconteceu aqui? É Cymoril? Você parece...

– Vou seguir Yyrkoon sozinho, Dyvim Tvar. Você deve voltar para Melniboné com os homens que ainda temos. Leve Cymoril com você. Se eu não voltar em um tempo razoável, você deve declará-la sua imperatriz. Se ela ainda dormir, então você deve governar como regente até que ela acorde.

Dyvim Tvar disse em voz baixa:

– Você sabe o que está fazendo, Elric?

Elric balançou a cabeça negativamente:

– Não, Dyvim Tvar, eu não sei.

Ele se levantou e cambaleou na direção da outra sala onde a Porta Sombria esperava.

# Três

E agora não há como voltar atrás. O destino de Elric foi forjado, tão certo como as espadas infernais foram forjadas eras antes. Já houve um momento em que ele poderia ter se desviado desta estrada para o desespero, condenação e destruição? Ou será que ele estava condenado desde antes de seu nascimento? Condenado através de mil encarnações para conhecer pouco mais além de tristeza e lutas, solidão e remorso... eternamente o campeão de alguma causa desconhecida?

# Capítulo 1

## Através da Porta Sombria

**E**lric entrou em uma sombra e encontrou-se em um mundo de sombras. Ele se virou, mas a sombra, através da qual entrou, se desfez e desapareceu. A espada do Velho Aubec estava na mão de Elric, o elmo negro e a armadura negra cobriam seu corpo e somente eles lhe eram familiares, pois a terra era escura e sombria, como se estivesse presa em uma grande caverna cujas paredes, embora invisíveis, fossem opressivas e tangíveis. E Elric lamentou a histeria, o desgaste de sua mente, que lhe deu o impulso de obedecer ao seu patrono, o demônio Arioach, e mergulhar através da Porta Sombria. Mas lamentos eram inúteis agora, então ele esqueceu isso.

Yyrkoon não podia ser encontrado em lugar algum. Ou o primo de Elric já tinha um corcel esperando por sua chegada, ou então, o que era mais provável, entrou neste mundo em um ângulo ligeiramente diferente (pois se dizia que todas as dimensões se dobravam umas sobre as outras) e, estava assim, ou mais perto ou mais longe de seu objetivo mútuo. O ar era rico em salmoura. Tão rico que Elric sentiu como se suas narinas estivessem ensopadas de sal. Era quase como andar debaixo da água do mar sendo capaz de respirá-la. Talvez isso explicasse por que era tão difícil ver a grande distância em qualquer direção, por que havia tantas sombras, por que o céu era como um véu que ocultava o teto de uma caverna. Elric embainhou sua espada, já que não havia nenhum perigo



evidente naquele momento, e se voltou lentamente para se orientar naquele ambiente.

Era possível que houvesse montanhas no que ele julgou ser o leste e, talvez, uma floresta a oeste. Sem sol, ou estrelas, ou lua, era difícil estimar a distância ou direção. Ele estava em uma planície rochosa sobre a qual assobiava um vento frio e preguiçoso, que se agarrava a sua capa como se desejasse possuí-la. Havia algumas árvores raquíticas sem folhas, a cerca de cem passos de distância. Era tudo o que aliviava a planície desolada, salvo por uma grande laje de pedra sem forma, que se situava para além das árvores. Era um mundo que parecia ter sido drenado de toda a vida, onde a Ordem e o Caos outrora estiveram em conflito, e no qual tudo foi destruído. Havia muitos planos como este? Elric se perguntou. E, por um momento, ele foi preenchido com um pressentimento terrível sobre o destino de seu próprio mundo. Afastou esse sentimento e começou a caminhar em direção às árvores e à rocha além.

Ele alcançou as árvores e passou por elas, quando sua capa tocou um galho frágil, transformando-o quase imediatamente em cinzas que se espalharam com o vento. Elric puxou a capa para mais perto do corpo.

Ao se aproximar da rocha, ele percebeu um som que parecia emanar dela. Ele diminuiu o ritmo e colocou a mão sobre o cabo da sua espada.

O barulho continuou, um ruído baixo e ritmado. Através da escuridão, Elric olhou atentamente para a rocha, tentando localizar a fonte do som.

Então o barulho parou e foi substituído por outro – um ronco suave, um chacoalhar, e depois silêncio. Elric deu um passo para trás e sacou a espada de Aubec. O primeiro som tinha sido o de um homem adormecido. O segundo som era o de um homem acordando e se preparando para atacar ou para se defender.

Elric disse:

– Eu sou Elric de Melniboné. Eu sou um estranho aqui.

E uma flecha passou de raspão perto de seu elmo quase no mesmo momento em que a corda de um arco soou. Elric atirou-se para um lado e procurou cobertura, mas não havia nada onde pudesse se ocultar, exceto a rocha atrás da qual o arqueiro estava escondido.

E, então, uma voz veio de trás da rocha. Era uma voz firme e gélida, que disse:

– Isso não teve a intenção de feri-lo, mas de mostrar minha habilidade no caso de você querer me ferir. Eu tive minha cota de demônios neste mundo e você se parece com o demônio mais perigoso de todos, Carabranca.

– Eu sou mortal – disse Elric endireitando-se e decidindo que, se ele tivesse que morrer, seria melhor morrer com algum tipo de dignidade.

– Você falou de Melniboné. Ouvei falar desse lugar. Uma ilha de demônios.

– Então você não ouviu falar o suficiente de Melniboné. Eu sou mortal, como são todos do meu povo. Só os ignorantes pensam que somos demônios.

– Eu não sou ignorante, meu amigo. Sou um Sacerdote Guerreiro de Phum, nascido nesta casta e herdeiro de todos os seus conhecimentos e, até recentemente, os próprios Senhores do Caos eram meus patronos. Então, eu me recusei a continuar a servi-los e fui exilado para este plano por eles. Talvez o mesmo destino se abateu sobre você, pois o povo de Melniboné serve ao Caos, não é?

– Sim. E eu conheço Phum, ela fica no Oriente não mapeado... Além do Deserto Gritante, além do Deserto Suspirante, além mesmo de Elwher. É um dos mais antigos dos Reinos Jovens.

– É isso mesmo... Embora eu conteste que o Oriente não esteja mapeado, exceto pelos selvagens do Ocidente. Então parece que você está compartilhando de meu exílio.

– Não estou exilado. Estou em uma busca. Quando a busca tiver terminado, retornarei para o meu próprio mundo.

– Retornar, você diz? Isso me interessa, meu pálido amigo. Eu sempre pensei que voltar era impossível.

– Talvez seja e eu fui enganado. E se os seus poderes não o fizeram encontrar um caminho para outro plano, talvez os meus não irão me salvar também.

– Poderes? Eu não tenho nenhum desde que renunciei à minha servidão ao Caos. Bem, amigo, você pretende lutar comigo?

– Existe apenas uma pessoa neste plano com quem eu iria lutar e não é você, Sacerdote Guerreiro de Phum. Elric embainhou a espada e, no mesmo momento, seu interlocutor surgiu de trás da rocha, repondo uma flecha vermelha em uma aljava vermelha.

– Eu sou Rackhir – disse o homem. – Chamado de Arqueiro Vermelho, pois, como você vê, eu me visto de vermelho. É um hábito dos Sacerdotes Guerreiros de Phum escolher uma única cor para vestir. É a única lealdade à tradição que eu ainda possuo. – Ele usava um gibão vermelho, calças vermelhas, sapatos vermelhos e um capuz vermelho com uma pena vermelha nele. Seu arco era vermelho e o punho da sua espada tinha um brilho vermelho-rubi. Seu rosto era aquilino e magro, como se esculpido em um osso descarnado. Ele era alto e magro, mas músculos se destacavam em seus braços e torso. Havia ironia em seus olhos e uma espécie de sorriso em seus lábios finos, embora o rosto mostrasse que tinha vivenciado muitas experiências, poucas delas agradáveis.

– Um lugar estranho de escolher para uma busca – disse o Arqueiro Vermelho, de pé, com as mãos nos quadris e olhando Elric de cima a baixo. – Mas eu vou fazer um acordo com você, se estiver interessado.

– Se seu acordo for conveniente para mim, arqueiro, eu vou concordar, pois você parece saber mais deste mundo do que eu.

– Bem... Você precisa encontrar alguma coisa aqui e depois ir embora, enquanto eu não tenho nada pra fazer aqui e gostaria de partir. Se eu ajudá-lo em sua busca, você me leva junto quando retornar ao nosso próprio plano?

– Isso parece uma troca justa, mas não posso prometer o que não tenho poder para dar. Eu vou dizer apenas isso... Se for possível levá-lo de volta comigo para o nosso próprio plano, seja antes ou depois de eu ter terminado a minha missão, eu o farei.

– Isso é razoável – disse Rackhir, o Arqueiro Vermelho. – Agora... diga-me o que você procura.

– Eu procuro duas espadas, forjadas milênios atrás por imortais, usadas por meus antepassados, mas depois abandonadas por eles e guardadas neste plano. As espadas são grandes, pesadas e negras, e têm runas enigmáticas esculpidas em suas lâminas. Foi-me dito que eu iria encontrá-las na Caverna Pulsante, que pode ser alcançada através do Túnel sob o Pântano. Você já ouviu falar de algum desses lugares?

– Não. Também não sei sobre as duas espadas negras. – Rackhir esfregou o queixo ossudo. – Embora eu me lembre de ter lido algo em um dos Livros de Phum, e o que eu li tenha me perturbado...

– As espadas são lendárias. Muitos livros fazem ao menos uma pequena referência a elas... quase sempre misteriosa. Parece haver um tomo que registra a história das espadas e de todos os que já as usaram... e de todos os que ainda irão usá-las no futuro. Um livro atemporal, que contém todo o tempo. Alguns o chamam de Crônica da Espada Negra e nele, dizem, os homens podem ler seus próprios destinos.

– Não sei nada sobre isso, também. Não é um dos Livros de Phum. Temo, camarada Elic, que teremos de nos arriscar na cidade de Ameeron e fazer suas perguntas aos habitantes de lá.

– Há uma cidade neste plano?

– Sim, uma cidade. Fiquei pouco tempo nela, preferindo o deserto. Mas, com um amigo, pode ser possível suportar o lugar por mais tempo.

– Por que não gosta de Ameeron?

– Seus cidadãos não são felizes. Na verdade, eles são um grupo deprimido e deprimente, pois são todos exilados ou refugiados, ou viajantes entre os mundos que perderam seu caminho e nunca o encontraram novamente. Ninguém vive em Ameeron por opção.

– Uma verdadeira Cidade dos Amaldiçoados.

– Como o poeta pode observar, sim. – Rackhir deu uma piscadela irônica para Elric. – Mas às vezes eu acho que todas as cidades são assim.

– Qual é a natureza deste plano onde, pelo que eu posso concluir, não há planetas, nem lua, nem sol. Ele tem algo do ar de uma grande caverna.

– Há, sim, uma teoria que diz que este plano é uma esfera enterrada em uma rocha infinita. Outros dizem que ele está no futuro de nossa própria terra. Um futuro em que o universo morreu. Ouvi mil teorias durante o curto espaço de tempo que passei na Cidade de Ameeron. Todas me pareceram ser de igual valor. Todas me pareceram ser corretas. Por que não? Há aqueles que acreditam que tudo é uma mentira. De modo inverso, então, tudo pode ser verdade.

Foi a vez de Elric observar ironicamente:

– Você é um filósofo, então, bem como um arqueiro, amigo Rackhir de Phum?

Rackhir riu.

– Se prefere assim! É esse tipo de pensamento que enfraqueceu a minha lealdade ao Caos e me levou a esta passagem. Ouvi dizer que há uma cidade chamada Tanelorn, que pode às vezes ser encontrada nas margens movediças do Deserto Suspirante. Se algum dia eu voltar para o nosso próprio mundo, camarada Elric,

vou procurar essa cidade, porque ouvi dizer que a paz pode ser encontrada lá. Que debates semelhantes sobre a natureza da Verdade são considerados sem sentido. Que os homens se contentam apenas em existir em Tanelorn.

– Eu invejo aqueles que moram em Tanelorn – disse Elric.  
Rackhir fungou.

– Sim. Mas, provavelmente, isso irá se revelar uma decepção, se for encontrada. Às vezes é melhor que Lendas continuem sendo Lendas, e as tentativas de torná-las reais raramente sejam bem-sucedidas. Venha... Ameeron fica ali, e isso, infelizmente, é mais típico da maioria das cidades pelas quais passamos... em qualquer plano.

Os dois homens altos, ambos párias às suas próprias maneiras, começaram a marchar através da escuridão daquela terra desolada.

# Capítulo 2

## Na cidade de Ameeron



A cidade de Ameeron surgiu à vista, e Elric nunca havia visto um lugar como aquele antes. Ameeron fazia Dhoz-Kam parecer o assentamento mais limpo e bem organizado que existia. A cidade ficava abaixo da planície das rochas, em um vale no qual persistia uma névoa constante: um manto sinistro e odioso que ocultava o local da visão de homens e deuses.

As edificações, em sua maioria, estavam quase em ruínas, com tendas e barracos erguidos no lugar. A mistura de estilos arquitetônicos – alguns familiares, outros totalmente estranhos – era tamanha, que Elric não via uma só construção que se parecesse com outra. Havia barracos e castelos, casas, torres e fortes, vilarejos de casas de madeira com ornamentações esculpidas. Outras pareciam meramente pilhas de pedras com uma abertura servindo de porta. Mas nenhuma tinha boa aparência. Não poderiam ter boa aparência naquele cenário sob um céu constantemente nas trevas.

Aqui e ali, fogueiras vermelhas crepitavam, jogando mais fumaça no céu. E quando Elric e Rackhir chegaram aos limites da cidade, encontraram um aroma rico em uma variedade de maus cheiros.

– Arrogância, e não orgulho, é a principal qualidade da maioria dos moradores de Ameeron – disse Rackhir, torcendo o nariz aquilino. – Se é que lhes resta ainda alguma qualidade de caráter.

Elric se arrastava através da sujeira. As sombras se esgueiravam nos estreitos espaços entre as edificações.

– Será que existe uma taverna onde possamos perguntar onde fica o Túnel sob o Pântano?

– Não existe taverna nenhuma. De modo geral, os habitantes se viram por si próprios...

– Existe alguma praça onde as pessoas se encontram?

– Cada morador ou grupo de moradores construiu sua própria habitação onde teve vontade, ou onde havia espaço, e eles vêm de todos os planos e todas as épocas, por isso a confusão, a decadência e a antiguidade de muitos dos lugares. Por isso a sujeira, a desesperança, a decadência da maioria.

– Como eles vivem?

– Vivem cuidando uns dos outros, de modo geral. Eles negociam com demônios que ocasionalmente visitam Ameeron de vez em quando...

– Demônios?

– Sim. E os mais corajosos caçam os ratos que habitam as cavernas abaixo da cidade.

– Que demônios são estes?

– Apenas criaturas, principalmente servos menores do Caos, que querem o que os ameeronésios podem fornecer – uma alma roubada ou duas, ou um bebê, talvez (embora poucos nasçam aqui)... Você pode imaginar o que mais, se tiver o conhecimento sobre o que demônios normalmente exigem de feiticeiros.

– Sim, eu posso imaginar. Então, o Caos pode ir e vir neste plano ao seu bel-prazer.

– Eu não tenho certeza que seja tão fácil assim. Mas certamente é mais fácil para os demônios viajarem por onde desejam aqui do que seria viajar em nosso plano.

– Você já viu algum desses demônios?

– Sim. O tipo bestial habitual. Grosseiro, estúpido e poderoso. Muitos deles já foram humanos antes de optarem por negociar com



o Caos. Agora eles estão mental e fisicamente transformados, deformados como criaturas demoníacas imundas.

Elric achou as palavras de Rackhir nada saborosas.

– É este sempre o destino daqueles que negociam com o Caos? – disse ele.

– Você deveria saber, já que vem de Melniboné. Eu sei que em Phum isso raramente acontece. Mas parece que quanto maior o desafio, mais sutis são as alterações que um homem sofre quando o Caos concorda em negociar com ele.

Elric suspirou.

– Onde podemos consultar a respeito do Túnel sob o Pântano?

– Sei que há um velho... – Rackhir começou a falar, mas um grunhido atrás dele o fez parar.

Outro grunhido.

Um rosto com presas surgiu no meio da escuridão formada por uma laje de alvenaria que caiu. O rosto grunhiu novamente.

– Quem é você? – disse Elric, sua espada, pronta, à mão.

– Porco – disse o rosto com presas. Elric não tinha certeza se estava sendo insultado ou se a criatura estava descrevendo a si mesma.

– Porco.

Duas outras faces com presas saíram do pedaço de escuridão.

– Porco – disse uma delas.

– Porco – disse outra face.

– Serpente – disse uma voz atrás de Elric e Rackhir. Elric se virou enquanto Rackhir continuou a observar os porcos. Um jovem alto apareceu. No local onde estaria sua cabeça, brotaram os corpos de cerca de quinze cobras de bom tamanho. A cabeça de cada cobra olhou para Elric. As línguas sibilaram e todas abriram a boca, exatamente no mesmo momento, para dizer mais uma vez:

– Serpente.

– Coisa – disse outra voz. Elric olhou naquela direção, engasgou, desembainhou a espada e sentiu náuseas.

Então Porcos, Cobra e Coisa estavam em cima deles.

Rackhir acertou um porco antes de ele ter dado três passos. Ele tirou seu arco de trás das costas, esticou a corda com uma flecha e a atirou, tudo em um segundo. Teve tempo para acertar mais um porco, depois soltou o arco para desembainhar a espada. De costas um para o outro, Rackhir e Elric prepararam para se defender contra o ataque dos demônios. Serpente tinha quinze cabeças sibilando e atacando com os dentes pingando veneno, enquanto Coisa ficava mudando de forma. Primeiro um braço surgia, então um rosto aparecia da carne ofegante que se arrastava para cada vez mais perto.

– Coisa! – ele gritou. Duas espadas cortaram o ar perto de Elric, que estava lidando com o último Porco, e errou seu golpe, de modo que, em vez de atravessar o Porco no coração, ele o acertou em um pulmão. Porco cambaleou para trás e caiu no chão em uma poça de lama. Ele se arrastou por um momento, mas, em seguida, caiu novamente. Coisa arremessou uma lança, e Elric mal conseguiu desviá-la com a lateral da sua espada. Agora Rackhir estava ocupado com Serpente e os dois demônios se aproximaram dos homens, ansiosos para acabar com eles. Metade das cabeças de Cobra estava se contorcendo no chão e Elric tinha conseguido cortar uma mão de Coisa, mas o demônio ainda parecia ter outras três mãos. Ele parecia ser formado não por uma criatura, mas por várias. Elric se perguntou se, por meio de seu acordo com Arioach, este acabaria por ser seu destino, ser transformado em um demônio – um monstro disforme. Mas ele já não era uma espécie de monstro? Muitos já não o confundiam com um demônio?

Esses pensamentos lhe deram força. Ele gritou enquanto lutava:

– Elric!

– Coisa! – respondeu seu adversário, também ansioso para reivindicar o que ele considerava como a essência do seu ser.

Outra mão voou quando a espada de Aubec cortou-a. Outra flecha foi arremessada e desviada para o lado; outra espada apareceu e acertou o elmo de Elric com uma força que o atordoou e mandou-o cambaleando na direção de Rackhir, que foi atrapalhado enquanto tentava derrubar Serpente e quase foi mordido por quatro das suas cabeças. Elric golpeou o braço e o tentáculo que seguravam a espada e os viu se separar do corpo, mas, em seguida, tornaram a ser reabsorvidos novamente. A náusea voltou. Elric enfiou a espada na massa, que gritava: “Coisa! Coisa! Coisa!”

Elric golpeou novamente, mas quatro espadas e duas lanças contra-atacaram tentando desviar a lâmina de Aubec.

– Coisa!

– Isso tudo é coisa de Yyrkoon – disse Elric. – Sem dúvida. Ele percebeu que eu o segui e busca nos deter com seus aliados demônios.– Ele cerrou os dentes e falou através deles. – A não ser que um desses seja o próprio Yyrkoon! Você é meu primo Yyrkoon, Coisa?

– Coisa... – A voz era quase patética. As armas golpeavam, mas já não tentavam acertar Elric com tanto ímpeto.

– Ou você é algum outro velho e conhecido amigo?

– Coisa...

Elric esfaqueou a massa de novo e de novo. Grosso, o sangue jorrou em sua armadura. Elric não conseguia entender por que foi tão fácil atacar o demônio agora.

– Agora! – gritou uma voz que vinha acima da cabeça de Elric. – Depressa!

Elric olhou para cima e viu um rosto vermelho, barba branca, um braço acenando.

– Não olhe para mim, seu tolo! Agora... Ataque! – era o velho que Rackhir havia comentado.

Elric colocou as duas mãos no punho da espada e conduziu a lâmina profundamente na criatura disforme, que gemeu, gritou e disse em um pequeno sussurro antes de morrer:

– Frank...

Rackhir atacou no mesmo momento e sua lâmina passou pelas cabeças das serpentes restantes, penetrando o peito e o coração, e seu demônio morreu também.

O homem de cabelos brancos desceu da arcada em ruínas onde estava empoleirado. Ele estava rindo.

– A feitiçaria de Niun ainda tem algum efeito, mesmo aqui, hein? Eu ouvi mais cedo um homem alto chamar seus amigos demônios e instruí-los a atacarem vocês. Não me pareceu justo que cinco atacassem dois. Então eu me sentei em cima daquele muro e suguei a força do demônio de muitos braços. Ainda consigo. E agora eu tenho a força dele (ou uma boa parte dela) e me sinto consideravelmente melhor do que já me senti por muitas luas.

– Ele disse “Frank” – falou Elric, franzindo a testa. – Você acha que aquilo foi um nome? O nome dele antes de ser um demônio?

– Talvez – disse o velho Niun. – Pobre criatura. Mas ela está morta agora. Vocês não são de Ameeran, nenhum dos dois. Embora eu já tenha visto você antes, vermelho.

– E eu já vi você – disse Rackhir com um sorriso. Ele limpou o sangue de Serpente de sua espada, usando uma das cabeças dela para isso. – Você é Niun que Sabia Tudo.

– Sim. Que sabia tudo, mas que agora sabe muito pouco. Em breve estarei acabado, quando eu me esquecer de tudo. Então poderei retornar deste terrível exílio. É o pacto que fiz com Orlando da Entidade. Eu era um idiota que queria saber tudo e minha curiosidade me levou em uma aventura relacionada a este Orlando. Orlando me mostrou o erro dos meus caminhos e me enviou aqui para esquecer. Infelizmente, como vocês perceberam, eu ainda me lembro de alguns dos meus poderes e da minha sabedoria de

tempos em tempos. Eu sei que você procura as Espadas Negras. Sei que você é Elric de Melniboné. Eu sei tudo que irá acontecer com você.

– Você conhece o meu destino? – disse Elric ansiosamente. – Diga-me como será, Niun que Sabia Tudo!

Niun abriu a boca como se fosse falar, mas, em seguida, fechou-a com firmeza novamente.

– Não – disse ele. – Eu esqueci.

– Não! – Elric fez como se fosse agarrar o velho. – Não! Você lembra! Eu posso ver que você lembra!

– Eu esqueci. – Niun abaixou a cabeça.

Rackhir pegou Elric pelo braço.

– Ele se esqueceu, Elric.

Elric assentiu.

– Muito bem. Mas você se lembra onde fica o Túnel sob o Pântano?

– Sim. Fica perto de Ameeron. Você vai naquela direção. Então você procura um monumento em forma de uma águia esculpida em mármore preto. Na base do monumento, está a entrada para o túnel.– Niun repetiu a informação como um papagaio e, quando terminou, seu rosto estava mais claro. – O que eu acabei de dizer?

Elric disse:

– Você nos deu instruções sobre como chegar à entrada do Túnel sob o Pântano.

– Eu dei? – Niun bateu palmas com suas velhas mãos. – Esplêndido. Eu esqueci isso agora, também. Quem são vocês?

– Melhor você esquecer – disse Rackhir com um sorriso gentil. – Adeus, Niun, e obrigado.

– Obrigado por quê?

– Obrigado por lembrar e por esquecer.

Eles caminharam pela cidade miserável de Ameeron, para longe do velho feiticeiro feliz, mirando o estranho rosto olhando para eles

por uma porta ou uma janela, fazendo o seu melhor para respirar tão pouco do ar sujo quanto possível.

– Eu acho que, talvez, eu tenha inveja de Niun, dentre todos os habitantes deste lugar desolado – disse Rackhir.

– Tenho pena dele – disse Elic.

– Por quê?

– Ocorre-me que, ao se esquecer de tudo, ele pode também se esquecer de quando lhe for permitido deixar Ameeron.

Rackhir riu e deu um tapa no albino, nas costas de sua armadura.

– Você é um camarada sombrio, amigo Elic. Será que todos os seus pensamentos são tão cheios de desesperança?

– Eles seguem nessa direção, temo eu – disse Elic, com a sombra de um sorriso.

# Capítulo 3

## O Túnel sob o Pântano

**D**eles prosseguiram viagem através desse mundo triste e escuro, até que finalmente chegaram ao pântano.

O pântano era negro. A vegetação era formada por grupos de moitas escuras e espinhosas. Fazia frio e estava úmido. Uma névoa escura pairava na superfície e através dela, por vezes, surgiam algumas formas tênues. Um objeto escuro e sólido se erguia no meio da névoa, o que só poderia ser o monumento descrito por Niun.

– O monumento – disse Rackhir, parando e se apoiando em seu arco. – É bem no interior do pântano e não parece haver um caminho que conduza até ele. Você acha que isso é um problema, camarada Elric?

Elric se aproximou cautelosamente da beira do pântano. Ele sentiu a lama fria puxar seus pés. Deu um passo para trás com alguma dificuldade.

– Deve haver um caminho – disse Rackhir, tocando o nariz ossudo. – Senão, como o seu primo iria conseguir atravessar?

Elric olhou por cima do ombro para o Arqueiro Vermelho e deu de ombros.

– Quem sabe? Ele pode estar viajando com companheiros de feitiçaria que não têm nenhuma dificuldade em passar por pântanos.

De repente Elric se viu sentado sobre a rocha úmida. O cheiro de água salgada do pântano pareceu por um momento tê-lo esmagado. Ele estava se sentindo fraco. A eficácia de suas poções, que tomou

pela última vez quando atravessou o Porta Sombria, estava começando a desaparecer.

Rackhir se aproximou do albino. Ele sorriu com uma simpatia irônica.

– Bem, senhor Feiticeiro, você não pode invocar uma ajuda semelhante?

Elric balançou a cabeça.

– Eu conheço pouco sobre fazer surgir pequenos demônios. Yyrkoon tem todos os seus grimórios, seus feitiços, suas introduções para os mundos dos demônios. Teremos de encontrar um caminho comum, se quisermos chegar ao monumento, Sacerdote Guerreiro de Phum.

O Sacerdote Guerreiro de Phum tirou um lenço vermelho de dentro de sua túnica e assoou o nariz por algum tempo. Quando terminou, esticou a mão, ajudou Elric a se levantar, e começou a caminhar pela margem do pântano, mantendo o monumento negro sempre à vista.

Foi algum tempo depois que eles finalmente encontraram uma trilha, e não era uma trilha natural, mas uma placa de mármore preto que se estendia pela escuridão em meio à lama.

– Eu poderia suspeitar que este é um caminho falso. Um engodo para nos levar à morte – disse Rackhir enquanto ele e Elric olhavam para a comprida placa. – Mas o que temos a perder agora?

– Venha – disse Elric, pisando sobre a placa e começando a fazer o seu caminho cauteloso ao longo dela. Em sua mão ele agora tinha uma espécie de tocha feita com um feixe de juncos que crepitavam com uma luz amarela desagradável e uma quantidade considerável de fumaça esverdeada, mas era melhor do que nada.

Rackhir, testando cada passo com seu arco, seguiu atrás, assobiando uma melodia. Um membro de sua raça reconheceria a melodia como a Canção do Filho do Herói do Inferno Superior que



Está Prestes a Sacrificar Sua Vida, uma melodia popular em Phum, especialmente entre a casta do Sacerdote Guerreiro.

Elric achou a melodia irritante e perturbadora, mas não disse nada, porque estava concentrando cada fragmento de sua atenção para se equilibrar sobre a superfície escorregadia do caminho, que agora parecia balançar um pouco, como se estivesse flutuando na superfície do pântano.

E agora eles estavam a meio caminho do monumento, cuja forma podia ser claramente distinguida: uma grande águia de asas abertas, bico e garras selvagens estendidas para matar. A águia era feita do mesmo mármore preto da placa sobre a qual eles tentavam se equilibrar. E Elric percebeu que aquilo parecia um túmulo. Teria algum antigo herói sido enterrado ali? Ou será que o túmulo foi construído para abrigar as Espadas Negras? Para serem mantidas aprisionadas, impedindo que entrassem no mundo dos homens novamente para roubar suas almas?

A placa balançou mais violentamente. Elric tentou permanecer em pé, mas balançou primeiro em um pé e depois no outro, a tocha ondulando loucamente. Os pés escorregaram, e ele voou para dentro do pântano e foi imediatamente enterrado até os joelhos.

Ele começou a afundar. De alguma forma, conseguiu segurar a tocha e, com a luz dela, podia ver o arqueiro vermelho olhando adiante.

– Elric?

– Estou aqui, Rackhir.

– Você está afundando?

– Parece que o pântano pretende me engolir.

– Consegue se erguer?

– Minhas pernas estão presas. – Elric tentou mover seu corpo na lama que prendia seus movimentos. Algo passou rapidamente por ele na frente de seu rosto. Elric fez o melhor que podia para

controlar o medo que brotou nele. – Eu acho melhor você desistir de mim, amigo Rackhir.

– O quê? E perder meu meio de sair deste mundo? Você deve pensar que sou mais altruísta do que realmente sou, camarada Elric. Aqui... – Rackhir cuidadosamente abaixou-se e estendeu a mão em direção a Elric. Os dois estavam agora cobertos de lodo pegajoso, tremendo de frio. Rackhir se esticou, e Elric se inclinou para frente o máximo que podia, para tentarem se dar as mãos, mas era impossível. E cada segundo arrastava Elric mais para o fundo da imundície fétida do pântano.

Então Rackhir pegou seu arco e esticou para o albino.

– Pegue o arco, Elric. Você consegue?

Inclinando-se para frente e esticando cada osso e músculo em seu corpo, Elric conseguiu se agarrar ao arco.

– Agora, eu preciso... Ah! – Rackhir, ao puxar o arco, ficou com os pés escorregando e a placa passou a balançar descontroladamente. Ele estendeu um braço para agarrar a outra borda da placa e, com a outra mão, continuou segurando o arco. – Depressa, Elric! Depressa!

Elric começou dolorosamente a se arrastar para fora do lodo. A placa ainda balançava bastante e rosto aquilino de Rackhir estava quase tão pálido quanto o do próprio Elric, enquanto desesperadamente se esforçava para continuar se segurando e puxando o arco. E então Elric, todo coberto de lama, conseguiu chegar à placa e rastejou para cima dela com a tocha ainda crepitando na outra mão. Ele ficou lá um tempo, ofegante.

Rackhir também estava com falta de ar, mas riu.

– Que peixão que eu peguei! – disse ele. – O maior de todos, eu aposto!

– Eu sou grato a você, Rackhir, Arqueiro Vermelho, Sacerdote Guerreiro de Phum. Devo minha vida a você – disse Elric depois de um tempo. – E eu juro que, quer eu tenha sucesso em minha busca

ou não, vou usar todos os meus poderes para fazê-lo ultrapassar a Porta Sombria de volta ao mundo de onde viemos.

Rackhir disse, calmamente:

– Você é um homem, Elric de Melniboné. É por isso que salvei você. Há poucos homens no mundo. – Ele deu de ombros e sorriu. – Agora eu sugiro que continuemos até o monumento de joelhos. Por indigno que seja, pelo menos é mais seguro. E é um trecho curto.

Elric concordou.

Não se passou muito tempo naquela escuridão eterna até eles alcançarem uma pequena ilha cheia de musgo onde se situava o Monumento da Águia, enorme e pesado, elevando-se acima deles para a escuridão lá no alto, que poderia ser o céu ou o teto de uma caverna. E na base do pedestal eles viram uma passagem baixa, que estava aberta.

– Uma armadilha? – meditou Rackhir.

– Ou será que Yyrkoon acredita que morremos em Ameeron?– disse Elric, limpando-se do lodo o melhor que podia. Ele suspirou.– Vamos entrar e acabar com isso.

E assim eles entraram.

Eles se viram em uma sala pequena. Elric apontou a luz tênue da tocha pelo lugar e viu outra passagem. O resto da sala não parecia ter nada importante, cada parede feita do mesmo mármore preto. A sala estava em total silêncio.

Nenhum dos dois falou. Ambos caminharam firmemente para a próxima porta e, ao verem que havia degraus, começaram a descer por uma escada em caracol, na total escuridão.

Durante muito tempo eles desceram, sem falar, até que finalmente chegaram ao final da escada e viram diante deles a entrada de um túnel estreito, com uma forma irregular, de modo que parecia mais o trabalho da natureza do que de alguma inteligência. A umidade pingava do teto do túnel e caía com a regularidade dos batimentos cardíacos em direção ao chão, parecendo ecoar um som

mais profundo, longe, muito longe, vindo de algum lugar no próprio túnel.

Eric ouviu Rackhir limpar a garganta.

– Este é, sem dúvida, um túnel – disse o Arqueiro Vermelho. – E, sem dúvida, leva para debaixo do pântano.

Eric sentiu que Rackhir compartilhava sua relutância em prosseguir no túnel. Ergueu mais a tocha, ouvindo o som das gotas caindo no chão, tentando reconhecer o outro som que vinha fraco das profundezas.

E então ele se forçou para frente, quase correndo para dentro do túnel, os ouvidos preenchidos por um rugido repentino que pode ter vindo de dentro de sua cabeça ou de alguma outra fonte no túnel. Ouviu os passos de Rackhir atrás dele. Sacou a espada, a espada do herói morto Aubec, e ouviu o chiado da sua própria respiração ecoando nas paredes do túnel, que agora estava vivo com sons de toda espécie.

Eric estremeceu, mas não parou.

O túnel estava quente. O piso parecia esponjoso sob seus pés, o cheiro de salmoura persistia. E agora ele podia ver que as paredes do túnel eram mais lisas, e que pareciam tremer levemente, com um movimento rápido e regular. Ele ouviu Rackhir engasgar atrás dele, enquanto o arqueiro também percebeu a natureza peculiar do túnel.

– É como carne – murmurou o Sacerdote Guerreiro de Phum. – É... parece carne.

Eric não conseguia responder. Toda sua atenção estava sendo dirigida para que ele pudesse prosseguir adiante. Ele foi consumido pelo terror. Todo o seu corpo tremia. Suava e suas pernas ameaçavam se dobrar. Estava tão fraco que mal conseguia segurar sua espada, para que não caísse no chão. E havia indícios de algo em sua memória, algo que seu cérebro se recusava a considerar. Será que ele esteve aqui antes? Seu tremor aumentou. Seu

estômago se revirou. Mas ele ainda seguia em frente, mesmo cambaleando, segurando a tocha um pouco adiante.

E agora o som, antes suave e ritmado, ficou cada vez mais alto e ele viu à frente uma fenda pequena, quase circular, bem no final do túnel. Ele parou.

– O túnel termina ali – Rackhir sussurrou. – Não há como atravessarmos.

A pequena abertura pulsava com uma batida forte e rápida.

– A Caverna Pulsante – Elric sussurrou. – Isso é o que devemos encontrar no final do Túnel Sob o Pântano. Essa deve ser a entrada, Rackhir.

– Ela é muito pequena para um homem passar, Elric – disse Rackhir.

– Não...

Elric cambaleou para frente até ficar perto da abertura. Embainhou sua espada, entregou a tocha para Rackhir e então, antes que o Sacerdote Guerreiro de Phum pudesse detê-lo, atirou-se de cabeça pela abertura, contorcendo seu corpo através dela. E as paredes da abertura se separaram quando ele atravessou, mas, em seguida, se fecharam, deixando Rackhir do outro lado.

Elric se levantou lentamente. Uma luz fraca, rosada, vinha agora das paredes e à frente dele havia outra entrada, um pouco mais larga do que a que ele acabara de atravessar. O ar estava tão quente, grosso e salgado, que quase o sufocou. Sua cabeça latejava e seu corpo doía, e ele mal podia agir ou pensar, apenas se esforçar para prosseguir. Com as pernas vacilantes, atirou-se para a próxima entrada enquanto o som alto e abafado soava cada vez mais alto em seus ouvidos.

– Elric!

Rackhir estava atrás dele, pálido e suando. Ele havia abandonado a tocha e seguiu Elric pelas fendas estreitas.

Elric lambeu os lábios secos e tentou falar. Rackhir chegou mais perto.

Elric disse ríspidamente:

- Rackhir, você não deveria estar aqui.
- Eu disse que iria ajudar.
- Sim, mas...
- Então, vou ajudar.

Elric não tinha forças para discutir, então acenou com a cabeça e, com as mãos, forçou as paredes moles da segunda fenda e viu que do outro lado havia uma caverna com uma parede circular que tremia em um pulsar constante. E, no centro da caverna, pendurado no ar, sem qualquer apoio, havia duas espadas. Duas espadas idênticas, grandes, finas e negras.

E, de pé, próximo das espadas, com uma expressão triunfante e voraz, estava o príncipe Yyrkoon de Melniboné, quase as tocando, seus lábios se movendo sem palavras. Elric foi capaz de dizer apenas uma palavra, enquanto escalava a fenda, tentando passar para o outro lado.

- Não! – ele gritou.

Yyrkoon ouviu e se virou com o rosto aterrorizado. Ele rosnou quando viu Elric e também pronunciou uma palavra que era ao mesmo tempo um grito de indignação:

- Não!

Com esforço, Elric arrancou a lâmina de Aubec da bainha. Mas ela estava tão pesada devido à sua fraqueza, que ele não conseguia segurá-la. Elric tentava respirar puxando fundo o ar para seus pulmões. Sua visão estava ficando turva. Yyrkoon havia se tornado uma sombra. Ele só conseguia distinguir as duas espadas negras no centro da câmara circular. Elric sentiu Rackhir entrar na câmara e ficar ao lado dele.

- Yyrkoon – enfim disse Elric. – Essas espadas são minhas.

Yyrkoon sorriu e estendeu a mão para as lâminas. Um gemido peculiar parecia sair delas. Um brilho negro e débil parecia emanar delas. Elric viu as runas esculpidas nas lâminas e sentiu medo.

Rackhir encaixou uma flecha no arco. Ele esticou a corda do arco até o ombro, apontando a seta para o príncipe Yyrkoon.

– Se ele deve morrer, Elric, diga-me.

– Mate-o – disse Elric.

E Rackhir soltou a corda.

Mas a flecha se moveu muito lentamente através do ar e, de repente, simplesmente parou no vazio, a meio caminho entre o arqueiro e o alvo.

Yyrkoon se virou para eles, um sorriso medonho no rosto.

– Armas mortais são inúteis aqui – disse ele.

Elric disse para Rackhir:

– Ele deve estar certo. E a sua vida está em perigo, Rackhir. Vá...

Rackhir deu-lhe um olhar perplexo.

– Não, eu tenho de ficar aqui e ajudar você...

Elric balançou a cabeça.

– Você não pode ajudar! Vai morrer se ficar aqui. Vá!

Relutantemente, o Arqueiro Vermelho afrouxou a corda do arco, olhou desconfiadamente para as duas espadas negras, depois se espremeu através da fenda e foi embora.

– Agora, Yyrkoon – disse Elric, deixando a espada de Aubec cair no chão. – Temos de resolver isso, você e eu.

# Capítulo 4

## Duas espadas negras



então as espadas rúnicas Stormbringer e Mournblade saíram de onde tinham ficado penduradas tanto tempo.

Stormbringer escolheu a mão direita de Elric. E Mournblade escolheu a mão direita do príncipe Yyrkoon.

Os dois homens estavam em lados opostos da Caverna Pulsante. Primeiro observaram um ao outro e, em seguida, as espadas que seguravam.

As espadas estavam cantando. Suas vozes eram fracas, mas podiam ser ouvidas de forma muito clara. Elric levantou a enorme lâmina facilmente e a movimentava de um lado para o outro, admirando sua estranha beleza.

– Stormbringer – disse ele.

E, então, ele sentiu medo.

Era como se, de repente, ele tivesse nascido de novo e esta espada rúnica nascido com ele. Era como se nunca tivessem estado separados.

– Stormbringer.

A espada gemeu docemente e se ajustou ainda mais suavemente em seu punho.

– Stormbringer! – gritou Elric, e ele pulou em seu primo.

– Stormbringer!

Ele estava com muito medo... Tanto medo. E o medo trouxe uma espécie selvagem de prazer... Uma necessidade demoníaca de lutar e matar seu primo. Penetrar a lâmina profundamente no coração de



Yyrkoon. Para se vingar. Para derramar sangue. Para enviar uma alma ao inferno.

E agora o grito do príncipe Yyrkoon podia ser ouvido acima do murmúrio das vozes das espadas e do som pulsante da caverna.

– Mournblade!

E Mournblade se ergueu para enfrentar o golpe de Stormbringer e devolver o golpe para Elric, que se desviou para o lado e girou Stormbringer para contragolpear Yyrkoon e Mournblade, forçando-os para trás por um instante. Mas o ataque seguinte de Stormbringer foi bloqueado novamente. E o seguinte também. E mais outro. Se os espadachins empatavam em habilidades, o mesmo valia para suas espadas, que pareciam possuídas de vontade própria, embora realizassem as vontades de seus donos.

E o clangor de metal com metal transformou-se em uma canção selvagem e metálica que as espadas cantavam. Uma canção alegre como se elas estivessem contentes de finalmente voltarem ao combate.

Elric mal podia ver seu primo, o príncipe Yyrkoon, exceto por um brilho ocasional de seu rosto sombrio e selvagem. A atenção de Elric estava inteiramente nas duas espadas negras, pois parecia que elas lutavam com a vida de um dos espadachins como prêmio (ou talvez a vida de ambos, pensou Elric), e que a rivalidade entre Elric e Yyrkoon não era nada em comparação com a rivalidade fraternal entre as espadas que pareciam cheias de prazer pela oportunidade de se enfrentarem novamente depois de muitos milênios.

E esta observação, enquanto ele lutava – e lutava por sua alma, assim como por sua vida – fez Elric se deter por um momento para considerar seu ódio por Yyrkoon.

Ele iria matar Yyrkoon, mas não pela vontade de outra autoridade. Não para o entretenimento dessas duas espadas.

A ponta de Mournblade voou em seus olhos, e Stormbringer se levantou para desviar o golpe mais uma vez.

Elric não lutava mais com o primo. Ele lutava contra a vontade das duas espadas negras.

Stormbringer arremessou-se para a garganta momentaneamente indefesa de Yyrkoon. Elric se agarrou à espada e puxou-a de volta, poupando a vida de seu primo. Stormbringer lamentou quase de forma petulante, como um cão impedido de morder um intruso.

Elric falou por entre os dentes cerrados.

– Eu não vou ser seu fantoche, espada rúnica. Se devemos ficar unidos, que seja por meio de um discernimento adequado.

A espada pareceu hesitar em baixar a guarda, e foi difícil para Elric se defender contra o ataque de Mournblade que, por sua vez, parecia sentir que estava em vantagem.

Elric sentiu uma nova energia emanar de seu braço direito para dentro do corpo. Isso era o que a espada podia fazer. Com ela, ele não precisava mais de poções, nunca ficava fraco novamente. Em batalha, ele triunfaria. E na paz, ele poderá governar com orgulho. Quando viajasse, poderia ficar sozinho e sem medo. Era como se a espada o fizesse pensar todas essas coisas, mesmo enquanto ela revidava o ataque de Mournblade.

E o que a espada terá em troca?

Elric sabia. A espada lhe dissera, sem palavras de qualquer tipo. Stormbringer necessitava lutar, pois essa era a razão de sua existência. Stormbringer precisava matar, pois essa era a sua fonte de energia, as vidas e as almas de homens, demônios... Até mesmo de deuses.

Elric hesitou, mesmo quando seu primo deu um enorme grito e se lançou sobre ele, fazendo Mournblade resvalar seu elmo, o que o arremessou para trás. Yyrkoon agarrou sua espada negra com ambas as mãos para fincar a lâmina rúnica no corpo de Elric.

Elric sabia que faria qualquer coisa para resistir a esse destino – sua alma ser sugada por Mournblade e sua força alimentar a força do príncipe Yyrkoon. Ele rolou para o lado, muito rapidamente,

apoiou-se em um joelho, virou-se e levantou Stormbringer com uma mão enluvada sobre a lâmina e a outra no cabo da espada, para bloquear o poderoso golpe que o príncipe Yyrkoon desferiu. E as duas espadas negras gritaram como se sentissem dor. Elas tremeram e um brilho escuro se esparramou delas, como o sangue que escorre de um homem perfurado por muitas flechas. Elric foi empurrado, ainda de joelhos, para longe do brilho, arfando e suspirando e olhando aqui e ali, procurando por Yyrkoon, que havia desaparecido.

Elric sabia também que Stormbringer falou com ele novamente. Se Elric não quiser morrer por Mournblade, então terá de aceitar a barganha que a espada negra ofereceu.

– Ele não deve morrer! – disse Elric. – Eu não vou matá-lo para sua diversão!

E através do brilho escuro, Yyrkoon corria, rosnando, mordendo e girando sua espada rúnica.

Novamente Stormbringer disparou pelo ar, e novamente Elric fez a lâmina se desviar para que Yyrkoon só fosse atingido de raspão.

Stormbringer se contorcia nas mãos de Elric.

Elric disse:

– Você não irá me dominar!

Stormbringer parecia entender e foi ficando mais calma, como se estivesse conformada. Elric riu, pensando que agora controlava a espada rúnica e que, a partir de agora, a lâmina iria fazer o que ele ordenasse.

– Iremos desarmar Yyrkoon – disse Elric. – Não vamos matá-lo.

Elric se levantou.

Stormbringer moveu-se com a velocidade de um florete. Ela dissimulou sua trajetória, aparou os golpes de Yyrkoon e o perfurou. Seu sorriso de triunfo transformou-se num rosnado e ele cambaleou para trás.

Stormbringer agora trabalhava para Elric. Ela fazia os movimentos que Elric deseja que ela fizesse. Yyrkoon e Mournblade pareciam

desconcertados com o rumo dos acontecimentos. Mournblade gritava como se estivesse surpresa com o comportamento de sua espada irmã. Elric atingiu o braço que Yyrkoon segurava a espada, perfurando sua roupa, sua carne e tendões, até atingir o osso. O sangue escorreu, ensopando o braço de Yyrkoon e se esparramando até o punho da espada. O sangue estava escorregadio. Yyrkoon enfraqueceu o aperto de sua mão sobre a espada rúnica. Ele a pegou com as duas mãos, mas já não era mais capaz de segurá-la com firmeza.

Elric também tomou Stormbringer em ambas as mãos. Uma força sobrenatural infiltrou-se através dele. Com uma força violenta, ele arremessou Stormbringer contra Mournblade, a lâmina da primeira acertando o cabo da outra. A espada rúnica voou da mão de Yyrkoon, disparando em velocidade pela Caverna Pulsante.

Elric sorriu. Ele havia derrotado a vontade de sua espada que, por sua vez, derrotou a espada irmã.

Mournblade caiu contra a parede da Caverna Pulsante e, por um momento, ficou imóvel.

Um gemido então pareceu escapar da espada rúnica derrotada. Um grito estridente encheu a Caverna Pulsante. A escuridão inundou a estranha luz rosa, apagando-a por completo.

Quando a luz retornou, Elric viu que uma bainha jazia a seus pés. A bainha era negra e da mesma estranha feitura da espada rúnica. Elric viu Yyrkoon. O príncipe estava de joelhos, e estava chorando, os olhos procurando Mournblade, olhando para Elric com terror, como se soubesse que agora seria morto.

– Mournblade? – Yyrkoon disse desesperadamente. Ele sabia que iria morrer.

Mournblade desapareceu da Caverna Pulsante.

– Sua espada se foi – disse Elric calmamente.

Yyrkoon choramingou e tentou rastejar em direção à entrada da caverna. Mas a entrada tinha encolhido para o tamanho de uma

pequena moeda. Ele chorou.

Stormbringer estremeceu, como se estivesse sedenta pela alma de Yyrkoon. Elric se abaixou.

Yyrkoon começou a falar rapidamente.

– Não me mate, Elric. Não com a espada rúnica. Eu farei qualquer coisa que você quiser. Posso morrer de qualquer outra maneira.

Elric disse:

– Nós somos vítimas, primo, de uma conspiração – um jogo jogado por deuses, demônios e espadas sencientes. Eles desejam que um de nós morra. Eu suspeito que eles queiram você morto mais do que querem a mim morto. E essa é a razão pela qual eu não devo matar você aqui. – Ele pegou a bainha, forçou Stormbringer para dentro dela, e a espada imediatamente se acalmou. Elric tirou sua antiga bainha e olhou em volta procurando a espada de Aubec, mas ela também havia desaparecido. Ele deixou cair a velha bainha e enganchou a nova em seu cinto. Repousou a mão esquerda no cabo de Stormbringer e olhou, sem desprezo, para a criatura que era seu primo.

– Você é um verme, Yyrkoon. Mas isso é culpa sua?

Yyrkoon deu-lhe um olhar intrigado.

– Eu me pergunto, se você ainda possuísse todo o seu desejo, você deixaria de ser um verme, primo?

Yyrkoon apoiou-se nos joelhos. Um pouco de esperança começou a aparecer em seus olhos.

Elric sorriu e respirou fundo.

– Vamos ver – disse ele. – Você deve concordar em despertar Cymoril de seu feitiço do sono.

– Você me humilhou, Elric – disse Yyrkoon em uma voz miúda, lamentável. – Irei acordá-la. Ou iria, se...

– Você não pode desfazer seu feitiço?

– Não podemos fugir da Caverna Pulsante. Já não há mais tempo...

– Como assim?

– Eu não achei que você fosse me seguir. Então pensei que poderia facilmente acabar com você. E agora não há mais tempo. A entrada da caverna pode ser mantida aberta por um curto espaço de tempo. Qualquer um que quiser pode entrar na Caverna Pulsante, mas ninguém pode sair depois que o poder do feitiço acabar. Eu dei muito de mim para dominar este feitiço.

– Você deu coisas demais – disse Elric. Ele foi até a entrada e olhou através dela. Rackhir esperava do outro lado. O Arqueiro Vermelho tinha uma expressão de ansiedade. – Sacerdote Guerreiro de Phum, parece que meu primo e eu estamos presos aqui. A entrada não vai se abrir para nós. – Elric testou o material quente e úmido da parede. Não seria possível abrir mais do que uma pequena fresta. – Parece que você pode se juntar a nós, ou então retornar. Se você se juntar a nós, irá compartilhar o nosso destino.

– Não haverá muito destino se eu voltar – disse Rackhir. – Que chances você tem?

– Uma – disse Elric. – Eu posso invocar meu patrono.

– Um Senhor do Caos? – Rackhir fez uma careta.

– Exatamente – disse Elric. – Estou falando de Arioach.

– Arioach, hein? Bem, ele não se importa com renegados de Phum.

– O que você escolhe fazer?

Rackhir avançou. Elric recuou. Através da abertura veio primeiro a cabeça de Rackhir, seguida de seus ombros, e depois o resto do corpo. A entrada se fechou de novo, imediatamente. Rackhir levantou-se e desembaraçou a corda de seu arco, esticando-a.

– Eu concordei em compartilhar o seu destino, em apostar tudo para escapar deste plano – disse o Arqueiro Vermelho. Ele pareceu surpreso quando viu Yyrkoon. – Seu inimigo ainda está vivo?

– Sim.

– Você é mesmo misericordioso!

– Talvez. Ou obstinado. Eu não iria matá-lo só porque alguma entidade sobrenatural usou-o como um peão, para ser morto caso eu fosse vitorioso. Os Senhores dos Mundos Superiores ainda não me controlam completamente. Nem irão me controlar enquanto eu tiver algum poder de resistir a eles.

Rackhir sorriu:

– Eu compartilho de sua visão. Embora não esteja otimista sobre o seu realismo. Vejo que você tem uma daquelas espadas negras em seu cinto. Ela não pode cortar caminho através da caverna?

– Não – disse Yyrkoon do seu lugar junto à parede. – Nada pode prejudicar a matéria de que é feita a Caverna Pulsante.

– Eu vou acreditar em você, – disse Elric – pois não tenho a intenção de usar esta minha nova espada mais uma vez. Preciso aprender a controlá-la primeiro.

– Então Ariocho deve ser invocado – Rackhir suspirou.

– Se isso for possível – disse Elric.

– Ele, sem dúvida, irá me destruir – disse Rackhir, olhando para Elric na esperança de que o albino fosse negar essa afirmação.

Elric parecia sério.

– Eu posso conseguir fazer um acordo com ele. Isso também irá testar uma coisa.

Elric virou as costas para Rackhir e Yyrkoon. Ele ajustou sua mente e a enviou através de vastos espaços e complicados labirintos. E, então, gritou:

– Ariocho! Ariocho! Ajude-me, Ariocho!

Ele tinha uma sensação de que algo o estava ouvindo.

– Ariocho!

Algo se transformou nos lugares pelos quais sua mente passou.

– Ariocho...

E Ariocho o ouviu. Ele sabia que era Ariocho.

Rackhir deu um grito de horror. Yyrkoon gritou. Elric se virou e viu que algo repulsivo tinha aparecido perto da parede oposta. Ele era negro, pútrido e salivava, sua forma era intoleravelmente desagradável. Este era Ariocho? Como poderia ser? Ariocho era lindo. Mas talvez, pensou Elric, esta era a verdadeira forma de Ariocho. Neste plano, nesta caverna em particular, Ariocho não poderia iludir aqueles que olhavam para ele.

Mas, então, a forma desapareceu e um belo jovem com olhos antigos olhou para os três mortais.

– Você ganhou a espada, Elric – disse Ariocho, ignorando os outros. – Quero parabenizá-lo. E você poupou a vida de seu primo. Por quê?

– Por mais de uma razão – disse Elric. – Mas digamos que ele deve permanecer vivo, para que possa acordar Cymoril.

O rosto de Ariocho deu um pequeno e secreto sorriso, por um momento, e Elric percebeu que havia se livrado de uma armadilha. Se ele tivesse matado Yyrkoon, Cymoril nunca iria acordar novamente.

– E o que este pequeno traidor está fazendo com você? – Ariocho voltou um olhar frio para Rackhir, que fez o seu melhor para olhar de volta para o Senhor do Caos.

– Ele é meu amigo – disse Elric. – Eu fiz um trato com ele. Se ele me ajudasse a encontrar a espada negra, então eu o levaria de volta comigo para o nosso plano.

– Isso é impossível. Rackhir é um exilado aqui. Essa é a sua punição.

– Ele volta comigo – disse Elric. Ele soltou a bainha que segurava Stormbringer de seu cinto e empunhou a espada diante dele. – Ou eu não levarei a espada comigo. Se não for assim, todos os três, ficaremos aqui por toda a eternidade.

– Isso não é sensato, Elric. Considere as suas responsabilidades.

– Eu as considerarei. Essa é a minha decisão.



O rosto suave de Arioach esboçou apenas um traço de raiva.

– Você deve ficar com a espada. É seu destino.

– Assim você diz. Mas agora eu sei que a espada só pode ser possuída por mim. Você não pode possuí-la, Arioach, pois, se pudesse, já a teria tomado. Apenas eu... Ou outro mortal como eu... Pode levá-la da Caverna Pulsante. Não é verdade?

– Você é inteligente, Elric de Melniboné. – Arioach falou com admiração sardônica. – E você é um servo perfeito para o Caos. Muito bem... O traidor pode ir com você. Mas que ele seja avisado que é melhor tomar cuidado onde pisa. Os Senhores do Caos são conhecidos por sua malignidade...

Rackhir disse com voz rouca:

– Estou ciente disso, meu senhor Arioach.

Arioach ignorou o arqueiro.

– O homem de Phum não é, afinal, importante. E se você quiser poupar a vida de seu primo, que assim seja, pouco importa. O destino pode conter alguns fios a mais em sua trama, e ainda assim cumprir seus objetivos.

– Muito bem, então – disse Elric. – Leve-nos deste lugar.

– Para onde?

– Ora, para Melniboné, por favor.

Com um sorriso quase afável, Arioach olhou para Elric e uma mão sedosa acariciou seu rosto. Arioach cresceu o dobro de seu tamanho original.

– Oh, você é certamente o mais doce de todos os meus escravos – disse o Senhor do Caos.

Um redemoinho apareceu. Houve um som como o rugido do mar. Havia uma sensação terrível de náusea. E três homens cansados surgiram na grande sala do trono em Imrryr. A sala do trono estava deserta, exceto que, em um canto, uma forma negra como fumaça se contorceu por um momento e, em seguida, desapareceu.

Rackhir cruzou a sala e sentou-se cuidadosamente no primeiro degrau da escadaria que leva para o Trono Rubi. Yyrkoon e Elric permaneceram onde estavam, olhando nos olhos um do outro. Então Elric riu e deu um tapa em sua espada embainhada.

– Agora você deve cumprir suas promessas, primo. Depois, tenho uma proposta a lhe fazer.

– Isso parece uma feira – disse Rackhir, inclinando-se sobre um cotovelo e inspecionando a pena em seu chapéu vermelho. – Tantas barganhas!

# Capítulo 5

## A misericórdia do rei pálido



Yrkoon saiu de perto da cama de sua irmã. Ele estava exaurido, suas feições foram sugadas e não havia um espírito nele quando disse:

– Está feito.– Ele se virou e olhou através da janela para as torres de Imrryr, para o porto onde os barcos dourados de batalha estavam sendo ancorados, juntamente com o navio que tinha sido dado de presente a Elric pelo Rei Straasha. – Ela vai acordar em um instante – acrescentou Yrkoon distraidamente.

Dyvim Tvar e Rackhir, o Arqueiro Vermelho, olharam interrogativamente para Elric, que se ajoelhou ao lado da cama, olhando para o rosto de Cymoril. Seu rosto estava cada vez mais sereno, à medida que ele observava e, por um momento terrível, ele suspeitou que o príncipe Yrkoon pudesse tê-lo enganado e provocado a morte de Cymoril. Mas, em seguida, suas pálpebras se moveram e os olhos se abriram, ela o viu e sorriu.

- Elric? Os sonhos... Você está salvo?
- Estou salvo, Cymoril. Assim como você.
- Yrkoon...?
- Ele despertou você.
- Mas você jurou matá-lo...

– Eu estava tão vulnerável à feitiçaria quanto você. Minha mente estava confusa. Ainda está confusa, em alguns assuntos. Mas Yrkoon está mudado agora, eu o derrotei. Ele não duvida do meu poder e já não pensa em me usurpar.

– Você é misericordioso, Elric. – Ela afastou o cabelo do rosto.

Elric trocou um olhar com Rackhir.

– Pode não ser a misericórdia que me move – disse Elric. – Pode ser apenas um sentimento de cordialidade com Yyrkoon.

– Cordialidade? Certamente você não pode se sentir...?

– Somos ambos mortais. Ambos fomos vítimas de um jogo disputado entre os Senhores dos Mundos Superiores. Minha lealdade deve, finalmente, ser dedicada à minha própria espécie. E é por isso que deixei de odiar Yyrkoon.

– E isso é misericórdia! – disse Cymoril.

Yyrkoon caminhou em direção à porta.

– Posso sair, meu senhor imperador?

Elric pensou ter detectado uma luz estranha nos olhos de seu primo derrotado. Mas talvez fosse apenas humildade ou desespero. Ele acenou com a cabeça. Yyrkoon saiu da sala, fechando a porta suavemente.

Dyvim Tvar disse:

– Não confie tanto em Yyrkoon, Elric. Ele irá traí-lo novamente. – O Senhor das Cavernas dos Dragões estava incomodado.

– Não – disse Elric. – Se ele não temer a mim, temerá a espada que agora carrego comigo.

– E você devia temer essa espada – disse Dyvim Tvar.

– Não – disse Elric. – Eu sou o dono da espada.

Dyvim Tvar iria falar novamente, mas depois balançou a cabeça quase tristemente, curvou-se e, juntamente com Rackhir, o Arqueiro Vermelho, deixou Elric e Cymoril sozinhos.

Cymoril pegou Elric em seus braços. Eles se beijaram. E choraram.



Houve comemorações em Melniboné por uma semana. Agora, quase todos os navios e homens e dragões estavam em casa. E Elric estava em casa, provou tão bem seu direito de governar, que todas as suas peculiaridades estranhas (essa "misericórdia" dele talvez tenha sido a mais estranha) foram aceitas pela população.

Na sala do trono, foi dado um baile e foi o mais generoso baile que qualquer um dos cortesãos já tinha visto. Elric dançou com Cymoril, participando ainda de todas as atividades. Apenas Yyrkoon não dançou, preferindo permanecer em um canto sossegado abaixo da galeria dos músicos escravos, ignorado pelos convidados.

Rackhir, o Arqueiro Vermelho, dançou com várias senhoras melniboneanas e marcou vários encontros com todas elas, pois era um herói agora em Melniboné. Dyvim Tvar dançou, também, embora estivesse sempre preocupado toda vez que seus olhos viam o Príncipe Yyrkoon.

Mais tarde, enquanto as pessoas comiam, Elric conversou com Cymoril, quando se sentaram juntos no palanque do Trono Rubi.

– Desejaria ser a imperatriz, Cymoril?

– Você sabe que vou me casar com você, Elric. Nós dois sabemos disso há muitos anos, não?

– Então, você seria minha mulher?

– Sim – Ela riu pensando que ele estava brincando.

– E quanto a ser imperatriz? Durante um ano, pelo menos?

– O que quer dizer, meu senhor?

– Eu tenho de ir para longe de Melniboné, Cymoril, por um ano. O que eu aprendi nos últimos meses me fez querer viajar aos Reinos Jovens... Para ver como outras nações conduzem seus negócios. Pois eu acho que Melniboné precisa mudar se pretende sobreviver. Ela pode se tornar uma grande força para o bem no mundo, pois ainda tem muita força.

– Para o bem? – Cymoril ficou surpresa e havia um pequeno sobressalto em sua voz, também. – Melniboné nunca se definiu pelo

bem ou pelo mal, mas por si mesma e pela satisfação de seus desejos.

– Gostaria que isso mudasse.

– Você pretende reformar tudo?

– Tenho a intenção de viajar pelo mundo e, então, decidir se há algum propósito para se tomar uma decisão desse tipo. Os Senhores dos Mundos Superiores têm ambições em nosso mundo. Apesar de terem me dado ajuda, recentemente, eu os temo. Gostaria de ver se é possível, aos homens, governar seus próprios assuntos.

– E quando você vai? – Havia lágrimas em seus olhos.

– Amanhã. Quando Rackhir for embora. Vamos levar o navio do Rei Straasha e chegar até a Ilha das Cidades Púrpuras, onde Rackhir tem amigos. Você vem comigo?

– Eu não posso... não posso. Oh, Elric, por que estragar essa felicidade que temos agora?

– Porque eu sinto que a felicidade não pode durar a menos que saibamos completamente o que somos.

Ela franziu a testa.

– Então você precisa descobrir se é isso que deseja – disse ela lentamente. – Mas você terá de descobrir sozinho, Elric, pois não tenho esse desejo. Você deve ir sozinho às terras bárbaras.

– Você não vai me acompanhar?

– Não vai ser possível... Eu... eu sou melniboneana... – Ela suspirou.– Eu amo você, Elric.

– E eu amo você, Cymoril.

– Então nos casaremos quando você voltar. Em um ano.

Elric estava cheio de tristeza, mas sabia que sua decisão era correta. Se ele não partisse, logo ficaria impaciente e, se ficasse impaciente, poderia vir a considerar Cymoril como uma inimiga, alguém que o prendeu.

– Então você irá governar como imperatriz até eu retornar – disse ele.

– Não, Elric, não posso assumir essa responsabilidade.

– Então, quem...? Dyvim Tvar...?

– Eu conheço Dyvim Tvar. Ele não vai querer tal poder. Magum Colim, talvez...

– Não.

– Então você deve ficar, Elric.

Mas o olhar de Elric viajou através da multidão na sala do trono abaixo. Ele parou quando viu uma figura solitária sentada sozinha sob a galeria dos músicos escravos. Elric sorriu ironicamente e disse:

– Então deve ser Yyrkoon.

Cymoril ficou horrorizada.

– Não, Elric. Ele vai abusar do poder...

– Não agora. E isso é oportuno. Ele é o único que queria ser imperador. Agora, ele pode governar como imperador por um ano em meu lugar. Se ele governar bem, eu posso considerar em abdicar a seu favor. Se ele governar mal irá provar, de uma vez por todas, que suas ambições eram equivocadas.

– Elric – disse Cymoril. – Eu te amo. Mas você é um tolo por confiar em Yyrkoon novamente.

– Não – ele disse calmamente. – Eu não sou um tolo. Tudo o que eu sou é Elric. Não tenho como evitar isso, Cymoril.

– É Elric a quem eu amo! – ela exclamou. – Mas Elric está condenado. Nós todos estamos condenados, a não ser que você permaneça aqui, agora.

– Eu não posso. Porque amo você, Cymoril, eu não posso. – Ela se levantou. Estava chorando. Estava desorientada.

– E eu sou Cymoril – disse ela. – Você vai nos destruir a ambos. – Sua voz suavizou e ela acariciou os cabelos dele. – Você vai nos destruir, Elric.

– Não – ele disse. – Eu vou construir algo que será melhor, eu vou descobrir coisas. Quando voltar, iremos nos casar e teremos uma vida longa e seremos felizes, Cymoril.

E, agora, Elric havia contado três mentiras. A primeira, relativa ao seu primo Yyrkoon. A segunda referente à espada negra. A terceira, à Cymoril. E sobre essas três mentiras o destino de Elric será construído, pois é apenas sobre coisas que nos inquietam mais profundamente que nós mentimos de forma clara e com profunda convicção.



# EPÍLOGO

**H**avia um porto chamado Menii que era uma das Cidades Púrpuras mais humildes e mais amigáveis. Como outras cidades na ilha, ela foi construída principalmente da pedra roxa que dá nome às cidades. E havia telhados vermelhos nas casas e havia barcos de velas brilhantes de todos os tipos no porto quando Elric e Rackhir, o Arqueiro Vermelho, desembarcaram no início da manhã, quando apenas alguns marinheiros começavam a ocupar seus postos nos navios.

O lindo navio do Rei Straasha estava além do muro do porto. Eles usaram um pequeno barco para atravessar a água entre ele e a cidade. Viraram-se e olharam de volta para o navio. Eles o tinham navegado sozinhos, sem tripulação, e o navio tinha navegado bem.

– Então, eu tenho que buscar a paz e a mítica Tanelorn – disse Rackhir, com certa dose de autoironia. Ele se esticou e bocejou, o arco e a aljava dançaram em suas costas.

Elric estava vestido em trajes simples que poderiam designar qualquer soldado mercenário dos Reinos Jovens. Ele parecia preparado e relaxado. Sorriu para o sol. A única coisa notável sobre seu traje era a grande e negra espada rúnica ao seu lado. Desde que tinha tomado posse da espada, não precisava mais de poções para sustentá-lo.

– E eu tenho de buscar o conhecimento nas terras que marquei no meu mapa – disse Elric. – Preciso aprender e devo levar o que eu aprender de volta para Melniboné no final de um ano. Eu gostaria que Cymoril me acompanhasse, mas entendo a relutância.

– Você vai voltar? – Rackhir perguntou. – Quando um ano se passar?

– Ela vai me arrastar de volta! – Elric riu. – Meu único medo é que eu venha a enfraquecer e retornar antes de a minha busca estar concluída.

– Eu gostaria de ir com você, – disse Rackhir – pois viajei pela maioria das terras e seria um guia tão bom como eu fui no mundo dos mortos. Mas jurei encontrar Tanelorn, pois tudo o que dizem é que ela realmente não existe.

– Eu espero que você a encontre, Sacerdote Guerreiro de Phum – disse Elric.

– Eu nunca serei um deles novamente – disse Rackhir. Em seguida, seus olhos se arregalaram um pouco. – Ora, veja... o seu navio!

Elric olhou e viu o navio que outrora era chamado O Navio que Navega Sobre Terra e Mar afundar lentamente. O Rei Straasha o estava levando de volta.

– Os elementais são amigos, pelo menos – disse ele. – Mas temo que o poder deles diminua, como o poder de Melniboné também diminui. Por tudo o que nós da Ilha do Dragão somos considerados maus, segundo o povo dos Reinos Jovens, temos muito em comum com os espíritos do Ar, Terra, Fogo e Água.

Rackhir disse, enquanto os mastros do navio desapareciam sob as ondas:

– Eu invejo aqueles seus amigos, Elric. Você pode confiar neles.

– Sim.

Rackhir olhou para a espada rúnica pendurada na cintura de Elric.

– Mas você seria sábio em não confiar em mais nada – acrescentou.

Elric riu.

– Não tema por mim, Rackhir, porque eu sou o meu próprio mestre... por um ano, pelo menos. E sou o mestre desta espada

agora!

A espada parecia se agitar ao seu lado. Ele a segurou firme, deu um tapa nas costas de Rackhir; riu e agitou seu cabelo branco para que flutuasse no ar, ergueu seus estranhos olhos vermelhos para o céu, e disse:

– Eu serei um homem novo quando voltar para Melniboné.